

INVESTIGANDO A BÍBLIA – ESTÁGIO 6: HISTÓRIA – AS ESCRITURAS E A IGREJA DESDE O TEMPO DE CRISTO [1]

SUMÁRIO

1.	A PRÉ-HISTÓRIA DAS TRADUÇÕES DA BÍBLIA PARA O INGLÊS.....	3
1.1.	INTRODUÇÃO À PRÉ-HISTÓRIA DA BÍBLIA INGLESA.....	3
1.2.	INTRODUÇÃO ÀS CRUZADAS E À INQUISIÇÃO.....	3
1.3.	INTRODUÇÃO AO CATOLICISMO E AO PROTESTANTISMO.....	3
2.	A PROPAGAÇÃO DO CRISTIANISMO.....	4
2.1.	A IGREJA ENTRA NO MUNDO.....	4
2.2.	A IGREJA CHAMADA IGREJA DE ROMA.....	4
2.3.	O MUNDO ENTRA NA IGREJA.....	5
3.	O DECLÍNIO DO LATIM.....	5
4.	A DOCTRINA DA INFALIBILIDADE DA IGREJA DE ROMA.....	6
4.1.	O QUE É A DOCTRINA DA INFALIBILIDADE?.....	6
4.2.	COMO A INFALIBILIDADE SE RELACIONA COM A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA?.....	7
4.3.	O APELO PARA RACIOCÍNIO CIRCULAR.....	7
4.4.	INFALÍVEL, MAS INCONSCIENTE.....	7
5.	A DOCTRINA DA ABSOLVIÇÃO DA IGREJA DE ROMA.....	8
5.1.	O QUE É ABSOLVIÇÃO?.....	8
5.2.	O USO DA ABSOLVIÇÃO.....	8
5.3.	O USO DA EXCOMUNHÃO.....	9
5.4.	FALAR DE FORMA <i>EX CATHEDRA</i>	9
6.	ISLÃ E <i>JIHAD</i>	10
6.1.	INTRODUÇÃO.....	11
6.2.	O QUE É O ISLÃ?.....	11
6.3.	QUAL É O OBJETIVO AQUI?.....	12
6.4.	QUEM FALA PELO ISLÃ?.....	13
6.4.1.	OS TEXTOS PRINCIPAIS DO ISLÃ: QUR'AN, SUNNAH, HADITH.....	14
6.4.2.	MAOMÉ.....	14
6.4.3.	OS QUATRO MAIORES DISCÍPULOS DE MAOMÉ.....	14
6.4.4.	ESTUDIOSOS DO ISLÃ OU PESSOAS SIGNIFICATIVAS À HISTÓRIA OU PRÁTICA DO ISLÃ.....	15
6.5.	A ARÁBIA PRÉ-ISLÂMICA.....	15
6.5.1.	CORAIXITAS E CAABA.....	17
6.6.	QUEM FOI MAOMÉ?.....	18
6.6.1.	A PRIMEIRA RECITAÇÃO.....	20
6.6.2.	MAOMÉ SOBRE A PESSOA DE JESUS.....	20
6.6.3.	POVO DO LIVRO.....	21
6.6.4.	DE MECA PARA YATHRIB/MEDINA.....	21
6.6.5.	O MAOMÉ DE MEDINA.....	22
6.6.6.	DA PACIÊNCIA À <i>JIHAD</i>	24
6.6.7.	MAOMÉ, O TÁTICO MILITAR.....	24
6.6.8.	A PROPAGAÇÃO DO ISLÃ.....	25
6.6.9.	A CONQUISTA DE MECA.....	25
6.7.	O ALCORÃO.....	26
6.7.1.	O QUE SÃO O ALCORÃO, SUNNAH E HADITH?.....	27
6.7.2.	A HISTÓRIA DO ALCORÃO.....	27
6.7.3.	A LINGUAGEM DO ALCORÃO.....	28
6.7.4.	A NATUREZA FLUIDA DO ALCORÃO.....	29
6.7.5.	O ALCORÃO E O UMM AL-KITAB.....	30
6.7.6.	A RESPEITO DO ALCORÃO.....	30
6.8.	A DOCTRINA DA AB-ROGAÇÃO.....	30
6.8.1.	AB-ROGAÇÃO, OU <i>NASIKH WA MANSUKH</i>	31
6.8.2.	EXEMPLOS DE AB-ROGAÇÃO.....	31
6.8.3.	A BÍBLIA NÃO ESTÁ CHEIA DE AB-ROGAÇÕES COMO O ALCORÃO?.....	32
6.8.4.	O QUE É NECESSÁRIO?.....	33

6.9.	O PRINCÍPIO DE AL-TAQIYYA	34
6.9.1.	O PRINCÍPIO DE MENTIR HABILIDOSAMENTE.....	34
6.9.2.	ATÉ QUE PONTO É PERMISSÍVEL COMEÇAR A MENTIR?	35
6.9.3.	A PRÁTICA DE HUDNA	36
6.9.4.	O TERRÍVEL RESUMO.....	37
6.10.	O QUE É JIHAD – NAS PALAVRAS DELES?	37
6.10.1.	O QUE É JIHAD?	38
6.10.2.	NAS PRÓPRIAS PALAVRAS DELES.....	39
6.10.3.	JIHAD – OS PRIMEIROS 1.300 ANOS	42
6.10.4.	JIHAD – DE 1917 A 2006	49
7.	AS CRUZADAS.....	54
7.1.	PRIMEIRA CRUZADA: MISSÃO DE MISERICÓRDIA E DEFESA CONTRA A VIOLÊNCIA ISLÂMICA	54
7.2.	UMA CALOROSA RECEPÇÃO, DE INÍCIO	55
7.3.	CRUZADAS SUBSEQUENTES: MISSÕES DE PILHAGEM.....	55
8.	INQUISIÇÃO.....	56
8.1.	FAZENDO CRUZADAS CONTRA HEREGES.....	57
8.2.	INQUISIDORES SÃO OFICIALMENTE SANCIONADOS.....	57
8.3.	DESTINO DE UM HEREGE	58
8.4.	AS INQUISIÇÕES PIORAM	58
8.5.	UMA AUDIÊNCIA INQUISITÓRIA TÍPICA.....	58
8.5.1.	A CHEGADA DO INQUISIDOR.....	58
8.5.2.	PRISÃO	59
8.5.3.	ACUSAÇÃO E DEFESA	59
8.5.4.	CONFISSÃO E SENTENÇA.....	59
8.5.5.	IMUNIDADE PARA OS RICOS	59
8.5.6.	RE-EXECUÇÃO DOS MORTOS.....	59
8.6.	AS CRUZADAS FALHAM E AS INQUISIÇÕES PIORAM NOVAMENTE	60
8.7.	A CRIAÇÃO DE CRIMES ADICIONAIS DE PENSAMENTO	60
8.8.	O COMEÇO DO FIM.....	60
9.	A REFORMA	61
9.1.	A IDADE DAS TREVAS.....	61
9.2.	PROTESTO À IGREJA DE ROMA: O MOVIMENTO PROTESTANTE.....	62
9.3.	PROTESTANTISMO E CATOLICISMO REFORMADO: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS	62
10.	LEI PÚBLICA 97-280	63
11.	REFERÊNCIAS.....	64

Nos cinco primeiros estágios deste estudo, temos constatado que vale a pena estudar a Bíblia, que ela é íntegra, que seu conteúdo é válido e verdadeiro, que Jesus é Deus, que podemos (e devemos) crer nela, e que ela tem a autoridade de Deus aplicada a nós.

Embora a autoridade bíblica sobre nossas vidas tenha sido mostrada como estabelecida ao longo desses cinco estágios deste estudo, ainda existirão dúvidas e objeções. Algumas dúvidas se relacionam com a questão de compreender como o cristianismo pode ser algo realmente bom se a história registra coisas horríveis “em nome da religião”, como a [Inquisição](#) e as [cruzadas](#). Também há pessoas que simplesmente “não querem saber de religião” por causa do [terrorismo de religiosos radicais](#).

Vamos então verificar a história do “mal feito em nome da religião” neste estágio do estudo. Veremos que essas épocas “pesadas em religião” foram leves em obediência à Bíblia. É o afastamento dos ensinamentos bíblicos que leva o ser humano a cometer atrocidades, seja indo para o lado de um sistema religioso humano ou indo para o lado de aversão à autoridade divina.

Quanto às questões e acusações pontuais concernentes à Bíblia, muitas delas são apresentadas e respondidas no sétimo estágio deste estudo (objeções).

Não se pode enfatizar com muita força ou frequência que esta grande nação [Estados Unidos] foi fundada não por religiosos, mas por cristãos, não por religiões, mas pelo evangelho de Jesus Cristo. (*Patrick Henry*).

1. A PRÉ-HISTÓRIA DAS TRADUÇÕES DA BÍBLIA PARA O INGLÊS

Através [da Bíblia impressa], Deus espalhará sua palavra; uma fonte de pura verdade fluirá dela; como uma nova estrela, ela espalhará as trevas da ignorância e fará com que uma luz até então desconhecida brilhe entre os homens. (*Johannes Gutenberg, 1455*).

[...] seria mais consistente que chamássemos [a Bíblia] de palavra de um demônio do que de Palavra de Deus. É uma história de maldade que serviu para corromper e brutalizar a humanidade. (*Thomas Paine*).

Esta é uma introdução às seções históricas que incluem as épocas fascinantes e terríveis das [cruzadas](#) e da [Inquisição](#) – épocas que foram **pesadas em religião humana**, mas **leves em termos de obediência aos ensinamentos bíblicos**.

1.1. INTRODUÇÃO À PRÉ-HISTÓRIA DA BÍBLIA INGLESA

Uma tradução moderna da Bíblia em inglês custava, em 2011 nos Estados Unidos, entre dois e duzentos dólares. A Bíblia também pode ser lida gratuitamente na *internet* e em aplicativos para *smartphones*. No entanto, mesmo o preço mais alto para uma Bíblia é insignificante quando comparado ao custo de muitas vidas para traduzi-la para o inglês.

Na verdade, a Bíblia foi banida em certas épocas por certos líderes religiosos que alegavam seguir a Cristo. É desnecessário dizer que a Bíblia não autoriza que ela mesma seja banida e, muito menos, ensina que aquele que ler seu conteúdo tem que ser punido (acredite, essa já foi uma pena imposta pelos homens). A explicação é absolutamente fascinante, mas longe de ser rápida.

Este estudo histórico vai abordar os últimos 2.000 anos para oferecer uma compreensão básica do papel da Bíblia em eventos históricos tais como [cruzadas](#), [inquisições](#) e a [Reforma](#). Ao rever esses tempos e eventos antigos, você verá por que a Bíblia foi tão estimada pelos valentes homens e mulheres que sacrificaram suas vidas para estabelecer a tradução para o inglês.

1.2. INTRODUÇÃO ÀS CRUZADAS E À INQUISIÇÃO

Em suma, as sentenças de morte por ler a Bíblia e atrocidades semelhantes foram coisas que estavam enraizadas na [Inquisição](#). A Inquisição foi uma consequência das [cruzadas](#), e essas cruzadas foram produto de muitas forças. Uma das forças que serão discutidas é a relação entre a antiga [igreja de Roma](#) e as suas contrapartes religiosas e seculares da época.

Muitas pessoas associam as cruzadas e a Inquisição com a Bíblia e o cristianismo. Isso é compreensível, mas equivocado. Certas pessoas dentro de uma das instituições religiosas mais influentes da época medieval, a igreja de Roma pré-reforma (ou Igreja Católica Romana), afirmaram exaltar a Cristo e, ainda assim, tiveram envolvimento nesses assuntos.

No entanto, **é um erro culpar a Bíblia ou seus ensinamentos pelas terríveis atrocidades das cruzadas e da Inquisição, assim como a punição para a leitura de seu conteúdo**. Uma vez que certos líderes religiosos mataram pessoas porque alegaram “seguir o que a Bíblia diz”, a própria Bíblia pode ser adicionada à longa lista de vítimas das atrocidades da Idade das Trevas.

1.3. INTRODUÇÃO AO CATOLICISMO E AO PROTESTANTISMO

Como se todos esses elementos históricos por trás da Bíblia traduzida ao inglês não fossem suficientemente complexos, perspectivas conflitantes sobre as últimas eras se uniram às chamadas “divisões cristãs” do catolicismo e do protestantismo. Essas divisões surgiram em parte por questões de interpretação bíblica, o que abordamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

É importante ressaltar que não há dois tipos de Escrituras (“Escrituras católicas” e “Escrituras protestantes”), nem dois tipos de cristianismo, nem mais do que uma maneira de ser justificado diante de Deus. Se

há dúvidas sobre isso, veja o segundo estágio deste estudo (integridade) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Este estágio do estudo (história) revelará diferenças entre catolicismo e protestantismo. Enquanto ambos alegam seguir a Bíblia, existem diferenças importantes entre eles. Porém, o principal problema é que os dois falham no entendimento e aplicação correta das Escrituras. As definições bíblicas de “cristão” e “igreja” foram demonstradas no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Claramente há pessoas fora do cristianismo que dizem que permanecem assim por causa dos atrozes eventos criminosos das cruzadas e da Inquisição. Esses são eventos inseparavelmente ligados a papas específicos da Igreja Católica Romana pré-reforma. **O assassinato e as torturas que esses papas sancionaram não foram feitos com base bíblica.** Em vez disso, as ações de certos papas foram baseadas no que eles inferiram ser um suposto “favor divino concedido por Deus exclusivamente a eles”.

2. A PROPAGAÇÃO DO CRISTIANISMO

Já abordamos a formação antiga das Escrituras até a época de Cristo no segundo estágio deste estudo (integridade). Examinemos agora como as Escrituras foram propagadas logo após a morte de Cristo e, em particular, o relacionamento da igreja primitiva e o Estado.

2.1. A IGREJA ENTRA NO MUNDO

Quando Cristo morreu, voltou da morte e foi visto diante de centenas de testemunhas, essas notícias começaram a viajar para fora de Jerusalém. Uma fé intensa seguiu seu caminho, a qual teve sua velocidade reduzida apenas pelas perseguições judaicas e romanas, uma vez que essa fé rejeitava as “ideias politicamente corretas” da época. A obra secular “A History of the Ancient World” registra isto sobre aproximadamente o ano 200 d.C.:

Apenas uma pequena proporção da população do Império ousava ou desejava ser cristã, e um observador moderno pode ficar maravilhado com a certeza calma desse pequeno grupo que se manteve fiel à sua fé, independentemente da ridicularização pagã e da desaprovação oficial pelo imperador cada vez mais onipotente. Ainda assim a Igreja tinha afundado suas raízes no mundo do Mediterrâneo, o qual ainda estava perplexo com a vontade dessa nova seita de aceitar o martírio para ganhar a vida eterna [2].

Sucessivos imperadores romanos tentaram esmagar a crescente crença em Cristo como Senhor durante sete períodos diferentes de perseguição. Uma maneira pela qual os cristãos eram descobertos era pela sua recusa em jurar a divindade de César. Embora um juramento anual a César tenha sido interpretado como um ato simbólico de patriotismo pela maioria dos romanos politeístas, foi um ato que, não obstante, carregava sentença de morte se uma pessoa se recusasse a fazê-lo.

Mais tarde, em meados do século 3 d.C., vários imperadores romanos começaram a vacilar entre a tolerância e o ódio pelo cristianismo. Seguiram-se cinco períodos intermitentes de perseguição. Após a morte de Magêncio no início do século 4 a.C., Constantino finalmente estabeleceu o direito legal para que os cristãos existissem e adorassem a Cristo.

Uma vez que a pena de morte pela prática do cristianismo foi removida, a notícia de Cristo podia ser mais facilmente compartilhada em todo o Império Romano. Para esse fim, os escritos bíblicos começaram a ser traduzidos para as línguas de diferentes povos. A tradução de Jerônimo, em cerca de 400 d.C., foi realizada para o latim e foi referida como a **Vulgata** latina. “Vulgata” significa “comum”, o que significava que essa tradução, em vez de escritos originais hebraicos ou gregos, era para o homem comum que, naquela região particular, falava latim.

2.2. A IGREJA CHAMADA IGREJA DE ROMA

A igreja local mais influente naquela época, embora certamente não fosse a única, foi a igreja de Roma. A igreja de Roma passou a ser chamada mais adiante de Igreja Católica Romana. O termo “católico” significa “universal” e, originalmente, se referia ao corpo de cristãos em todo o mundo, conforme foi cunhado primeiro por

Inácio no segundo século. A igreja em Roma recebeu extraordinária riqueza e influência quando o imperador Constantino moveu sua capital para fora da cidade e entregou a essa igreja sua basílica e uma grande quantidade de tesouros.

Embora a igreja de Roma tenha declarado o grego como sua linguagem oficial, a cultura grega diminuiu. A igreja de Roma reagiu a isso ao acomodar a predominância do latim e ao adotá-lo oficialmente como sua nova linguagem em algum momento antes do ano 600 d.C. A Vulgata em latim de Jerônimo foi sua tradução oficial da Bíblia.

2.3. O MUNDO ENTRA NA IGREJA

O zelo com que um grande número de pessoas chegava à fé em Cristo anunciava algo notável. Um mesmo pensamento estava tomando conta das regiões onde as Escrituras traduzidas para o latim estavam circulando – em grande parte, o mundo ocidental. Pessoas de diferentes regiões e diferentes culturas estavam se unindo de uma maneira não vista antes – por princípios e ideais comuns. Isso se tornou uma força moral que é dita como tendo contribuído para o início do fim da era do barbarismo.

A visão de mundo judaico-cristã de um Deus imutável e de um universo ordenado começou a substituir o consenso prévio de que o mundo era imprevisível e sem propósito. Essa simples diferença de perspectivas eventualmente deu propulsão às nações cristianizadas avanços sem precedentes em quase todos os campos de estudo, especialmente as ciências. No entanto, certas figuras medievais conseguiram explorar o novo espírito da época para fins menos honrados, usando o reconhecimento da crescente fidelidade do público em relação a Cristo e o poder dos princípios comuns que estavam sendo mantidos.

Alguns líderes se alinharam honestamente com Cristo e seus princípios. Ao fazê-lo, eles naturalmente acumularam o respeito do crescente número de pessoas que creram em Jesus. Outras figuras encontraram sucesso suficiente simplesmente ao se alinhar com um ato de fidelidade apenas externo. Em linguagem moderna, **para ganhar o direito religioso dos tempos antigos, a lisonja de um rei não precisava ser genuinamente direcionada para o Cristo acima, no céu – era preciso apenas fazer parecer que era assim para os cristãos aqui embaixo, na Terra.**

Por exemplo, certos líderes buscaram devoção pública e fidelidade ao comparecer diante de líderes religiosos populares para obter aprovação divina para tudo, desde posses banais até declarações de guerra. Como a [igreja de Roma](#) adquiriu grande destaque por causa da grande riqueza que recebeu de Constantino, ela atraiu muito mais líderes nacionais do que outras igrejas locais.

À medida que reis e líderes usavam atos de busca de aprovação para ganhar o privilégio dos líderes religiosos cooperativos, esses líderes religiosos estavam agora encontrando a nova tentação de pedir e receber favores especiais em troca – e estavam sucumbindo a essa tentação. Alguns dentro da igreja de Roma desejavam a unificação de toda a cristandade sob sua exclusiva liderança. Muitos reis desejavam a expansão de seus impérios e riquezas. Esses desejos acabariam por se entrelaçar na exploração cruel, mas mutuamente efetiva, da fé genuína das pessoas nos períodos das [cruzadas](#) e da [Inquisição](#).

3. O DECLÍNIO DO LATIM

Eventos históricos raramente se amarram apenas a uma causa singular. No entanto, dois fatores – o declínio do latim e uma reação a isso em particular – provaram ser uma contribuição sutil, embora preocupante, para a Idade das Trevas que estava a seguir.

Séculos após a [igreja de Roma](#) ter adotado o latim como língua oficial, em substituição ao grego, o latim também estava sendo substituído, mesmo tendo sido a língua popular. No entanto, dessa vez a igreja de Roma manteve uma posição de inflexibilidade. Os proponentes católicos romanos ofereceram basicamente duas razões pelas quais a igreja romana rejeitou todas as Escrituras não latinas e se manteve aderida a um idioma que cada vez menos pessoas pudessem entender:

1. O latim é o idioma fundamental de todas as outras línguas ocidentais. Alguns acreditavam que isso fez do latim o idioma perfeito para falar sobre o Deus perfeito.
2. A igreja de Roma acreditou que a Bíblia era importante demais para ser promulgada em um idioma compreensível para o público em geral. Isso, nesse raciocínio, porque, se as Escrituras fossem lidas por qualquer pessoa, então pessoas que não pertenciam à hierarquia da igreja de Roma poderiam acreditar que elas também poderiam entender as Escrituras. Pela perspectiva da igreja de Roma, a ideia de que qualquer outra pessoa pode entender a Bíblia simplesmente não era possível ou, pelo menos, não era garantida – assim, a tradução da Bíblia para outras línguas foi proibida.

A adesão da igreja de Roma ao impedimento que as Escrituras fossem traduzidas em uma língua que as pessoas pudessem entender teve um efeito desastroso. Impediu progressivamente que as gerações em grande parte iletradas pudessem ler ou ouvir o evangelho por si mesmas. Eventualmente, com pouca exceção, o único acesso às Escrituras que o homem comum teve foi por meio dos sacerdotes da igreja de Roma.

Seja por acaso ou planejamento, essa supressão de uma Bíblia compreensível para as pessoas comuns serviu muito bem para o aparecimento posterior da [doutrina da infalibilidade da igreja de Roma](#), a qual ajudou a reunir apoio público para as [cruzadas](#) e a [Inquisição](#).

A declaração do latim como língua oficial da igreja de Roma foi, e ainda é, sua posição, conforme evidenciado no Segundo Concílio do Vaticano e em documentos conciliares e pós-conciliares:

O uso da língua latina, com o devido respeito à lei particular, deve ser preservado nos ritos latinos [3].

Enquanto o segundo concílio do Vaticano prosseguiu em fazer exceções limitadas para o uso da língua popular de uma nação, essa atitude conciliadora da igreja de Roma nem sempre foi a atitude daqueles que agiam ou alegavam agir em seu nome.

4. A DOCTRINA DA INFALIBILIDADE DA IGREJA DE ROMA

A igreja diz que a Terra é plana, mas eu sei que ela é redonda. Pois eu vi a sombra na lua e tenho mais fé na sombra do que na igreja. (*Ferdinand Magellan*).

Examinemos uma das doutrinas que as pessoas da antiga [igreja de Roma](#) criaram, a qual ajudou a promover a Idade das Trevas. Essas deficiências teológicas são muito decepcionantes pelo fato de que as antigas autoridades romanas haviam sido muito fiéis, por muito tempo, na preservação dos textos antigos.

4.1. O QUE É A DOCTRINA DA INFALIBILIDADE?

A doutrina da igreja de Roma sobre a infalibilidade não tem nada a ver com um estado geral de ausência de pecado. Isso geralmente é mal interpretado por não católicos. **A infalibilidade é o que Roma define como a prevenção do erro de ensino nas áreas da fé e da moral.** O segundo concílio do Vaticano dos católicos romanos afirma isso [4].

Contudo, a qualidade da infalibilidade é condicional. Depende de se o papa escolheu ou não falar de forma [ex cathedra](#) (isto é, com a autoridade de ensino de Deus). **Roma sustenta que o Espírito de Deus guia o papa a falar de forma infalível na fé e na moral somente se for qualificado que ele está falando com essa capacidade.** Caso contrário, se ele não está falando na forma *ex cathedra*, então ele poderia estar transmitindo informações erradas. O notável apologista católico romano Karl Keating confirmou isso:

Por meio da tutela do Espírito Santo, o papa está garantido em não ensinar erros de fé ou moral (presumindo, é claro, que ele pretenda fazer uma declaração *ex cathedra* e não esteja falando como um erudito particular) [5].

4.2. COMO A INFALIBILIDADE SE RELACIONA COM A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA?

No que se refere à interpretação, a igreja de Roma manteve, e ainda mantém, que suas próprias interpretações da Bíblia são únicas e infalivelmente perfeitas. Mais uma vez, o apologista Karl Keating relatou a razão:

Uma coisa que ele [Cristo] disse que faria era fundar uma igreja, e tanto da Bíblia [...] quanto de outras obras antigas, vemos que Cristo estabeleceu uma igreja com os rudimentos de tudo o que vemos na Igreja Católica de hoje [...]. Sacramentos, autoridade de ensino e, como consequência da última, infalibilidade. A igreja de Cristo, para fazer o que ele disse que faria, teve que ter a nota de infalibilidade.

Assim, tomamos material puramente histórico e concluímos que existe uma igreja, que é a Igreja Católica, divinamente protegida contra o erro de ensino. Agora estamos na última parte do argumento. Essa igreja nos diz que a Bíblia é inspirada, e podemos tomar a palavra da igreja precisamente porque a igreja é infalível [6].

A aparência disso como um raciocínio circular não fez com que Keating se acanhasse, pois ele mesmo tentou garantir ao leitor:

O que nós temos é realmente um argumento circular [7].

4.3. O APELO PARA RACIOCÍNIO CIRCULAR

A igreja de Roma infere de observações históricas e de suas interpretações bíblicas particulares que só ela tem a nota de infalibilidade. Usando o tão chamado “[raciocínio circular](#)”, é então uma questão simples de concluir que o que quer que uma igreja infalível infira, sua inferência deve ser mais do que apenas inferência – deve ser um fato infalível.

Além disso, as opiniões externas que afirmam que a igreja de Roma não é infalível são sustentadas como conclusões errôneas que são inevitáveis sem a visão divina que só Roma desfruta. Essa é a base pela qual a igreja de Roma percebe genuinamente a sua “obrigação” de controlar toda tradução e interpretação bíblica. Como diz o segundo concílio do Vaticano:

Quando uma tradução vernácula de uma fórmula sacramental é submetida à Santa Sé para aprovação, ela a examina cuidadosamente. Quando está satisfeita que expressa o significado pretendido pela igreja, ela a aprova e confirma [...] [8].

Agostinho é citado como tendo concordado com a infalibilidade da Igreja de Roma:

Eu não acreditaria no evangelho se a autoridade da Igreja Católica não me movesse a fazê-lo [9].

Hugo de São Vitor também concordou com Roma, conforme ele expressou mais diretamente:

Aprenda primeiro o que você deve acreditar, e então vá para a Bíblia para encontrá-lo lá [10].

4.4. INFALÍVEL, MAS INCONSCIENTE

Misteriosamente, a infalibilidade é a crença em que a igreja de Roma diz ter tido sempre, mas sem saber. Keating escreveu:

Antes da definição de infalibilidade em 1870, os papas não sabiam que eram infalíveis com a mesma certeza total de fé dos papas posteriores. Mas eles eram infalíveis de fato [11].

Além disso, a infalibilidade se aplica não apenas ao papa governante. Na medida em que seus pronunciamentos são perfeitamente reiterados pela hierarquia da igreja e, em certos casos, pelos leigos (pessoas distintas do clero), a infalibilidade também se aplica a eles.

Sobre a doutrina elementar da infalibilidade do catolicismo segue a crença de que a Igreja Católica sozinha detém a autoridade única para direcionar quem receberá ou não receberá o perdão de Deus pelos pecados. Embora

o argumento completo seja complicado por outras crenças exclusivamente católicas, tais como a cooperação de Maria, isso essencialmente se traduz em dizer que a igreja terrestre de Roma é altamente influente na direção dos destinos eternos.

Dado o argumento circular para a infalibilidade, não há motivo para explorar mais as bases para essa ou qualquer outra declaração da igreja romana. No entanto, existe uma aplicação particular dessa crença na autoridade de Roma para direcionar destinos pessoais que contribuiu significativamente para sua participação nas [cruzadas](#) e na [Inquisição](#). Essa aplicação é a doutrina única da **absolvição** da igreja de Roma.

5. A DOCTRINA DA ABSOLVIÇÃO DA IGREJA DE ROMA

Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse: “Homem, os seus pecados estão perdoados.” Os fariseus e os mestres da lei começaram a pensar: “Quem é esse que blasfema? Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?” Jesus, sabendo o que eles estavam pensando, perguntou: “Por que vocês estão pensando assim? Que é mais fácil, dizer: ‘Os seus pecados estão perdoados’, ou: ‘Levante-se e ande’? Mas, para que vocês saibam que o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados” — disse ao paraplégico — “eu lhe digo: levante-se, pegue a sua maca e vá para casa.” (*Lucas 5:20-24, “Nova Versão Internacional”*).

Deus sempre se pareceu com seus criadores. Ele odiava e amava o que eles odiavam e amavam e ele era invariavelmente encontrado ao lado dos que estavam no poder. (*Robert G. Ingersoll*).

A **absolvição** é outra contribuição da antiga [igreja romana](#) que ajudou a abrir o caminho para os períodos cruéis e violentos das [cruzadas](#) e da [Inquisição](#). A absolvição eventualmente se tornou uma “licença estilo James Bond” para pecar... Uma licença emitida de forma um tanto livre.

Examinemos também as práticas de [excomunhão](#) e o falar de forma [ex cathedra](#).

5.1. O QUE É ABSOLVIÇÃO?

A absolvição é a crença católica romana segundo a qual os pecados de uma pessoa são perdoados por meio da instituição da Igreja Católica ou de seus agentes.

Note-se que os fariseus sabiam o óbvio: apenas Deus pode perdoar pecados – tanto que se scandalizaram quando Jesus perdoou pecados (conforme Lucas 5:20-24 citado acima). As Escrituras indicam que o perdão dos pecados só pode vir de Deus, ensinamento que o ensino católico não disputaria. O catolicismo, no entanto, acredita que Jesus mais tarde capacitou a igreja para poder agir em seu nome a esse respeito, ou seja, delegou autoridade a ela para perdoar pecados.

A crença na absolvição é contestada pelo protestantismo como não bíblica, errada e presunçosa. O completo argumento teológico do protestantismo contra essa doutrina não será apresentado neste estudo. O que será apresentado são exemplos do exercício e consequências das doutrinas da absolvição e da infalibilidade que tiveram influência sobre as [cruzadas](#) e da [Inquisição](#) – terríveis eventos não bíblicos que, no entanto, são erroneamente atribuídos à Bíblia, em parte graças a doutrinas humanas como a absolvição.

5.2. O USO DA ABSOLVIÇÃO

Em 27 de novembro de 1095, o **papa Urbano II** emitiu um apelo a uma guerra contra os muçulmanos do Oriente Médio – os motivos serão esclarecidos ao estudarmos sobre o [islã e jihad](#). Isso começou a era conhecida como as [cruzadas](#). Na emissão do apelo, o papa declarou:

Se aqueles que vão para lá perderem suas vidas em terra ou mar durante a jornada, ou em batalha contra os pagãos, **seus pecados serão imediatamente perdoados. Eu concedo isso através do poder de Deus conferido a mim [...]** [12].

Essa absolvição de pecados foi dada com o propósito de (ou pelo menos teve o efeito de) libertar o cruzado da sua consciência e fazê-lo acreditar que sua alma estava libertada da responsabilidade por quaisquer ações pecaminosas a serem tomadas para realizar o que o papa assegurou a todos que era a vontade de Deus.

Quais ações e exatamente quais as circunstâncias que a absolvição cobria variaram com papas e decretos individuais ao longo dos anos. O que permaneceu o mesmo foi a **ideia de que o perdão pelos pecados seria condicional à cooperação de alguém com as diretrizes militares do Vaticano e seus agentes.**

No chamado do final do século doze para a Terceira Cruzada, o papa **Gregório VIII** prometeu **absoluta absolvição e vida eterna para todo cruzado** [13]. O papa **Inocência III** fez o mesmo para os cruzados da Quarta Cruzada por volta de 1202 d.C., embora ele tenha revogado a promessa temporariamente quando os cruzados atacaram e massacraram cristãos no Império Bizantino.

Em 1245 d.C., o papa **Inocência IV** chegou até o ponto de **conceder aos inquisidores absolvição total de qualquer “violência” e “tortura” que considerassem necessárias para encontrar e silenciar os hereges** [14].

5.3. O USO DA EXCOMUNHÃO

Enquanto a [absolvição](#) serviu de reforço positivo para a obediência à vontade da igreja romana, reforço negativo veio sob a forma de **excomunhão**. A excomunhão é uma forma de condenação e remoção oficial da igreja romana. Isso foi decretado pelo papa **Bonifácio VIII** para qualquer autoridade secular, magistrado, ou advogado civil que impedisse a [Inquisição](#), assim como para aqueles que falhassem em cumprir a sentença de morte de qualquer herege conhecido [15].

Quando alguém era excomungado durante o período das inquisições, tinha doze meses para provar sua inocência aos agentes da igreja romana. Caso não conseguisse fazê-lo dentro do tempo designado, seria declarado herege e queimado na fogueira.

5.4. FALAR DE FORMA *EX CATHEDRA*

A apologética católica moderna descreve com justiça os períodos das [cruzadas](#) e da [Inquisição](#) como lamentáveis. No entanto, alguns escritores católicos insistem que o envolvimento papal em atrocidades medievais de modo algum impugnem as doutrinas únicas de [infallibilidade](#) e [absolvição](#) de Roma. Apologistas oferecem os seguintes argumentos:

- Os papas tinham boas intenções ao quererem acabar com o que honestamente acreditavam ser a impiedade, e...
- A sanção de crueldades e tortura por certos papas não nega a possibilidade de que o ofício papal possua a habilidade de ensinar perfeitamente sobre fé e moral quando fala de forma *ex cathedra*. Em outras palavras, os vários papas em questão não qualificaram se estavam falando *ex cathedra* ou não ao decretarem certas ações a serem tomadas, como guerra, assassinato, etc.

Em resposta ao primeiro argumento, se trata mais uma admissão indireta de que erros foram cometidos – erros morais – do que um argumento. Isso prova que não se deve acreditar na perfeição moral de uma instituição que admite (e comete) erros morais. Quanto às “boas intenções” dos papas, algumas delas são detalhadas a seguir ao estudarmos sobre as cruzadas, a Inquisição e a [Reforma](#).

Para o segundo argumento, consideramos a defesa *ex cathedra* repreensível. Isso tenta afastar a culpa dos papas em relação àquele barbarismo medieval e direcioná-la para aqueles que eram fiéis às diretrizes deles. Basicamente, o argumento é algo como: “Se os seguidores dos papas não tivessem a falta de discernimento para saber quando o papa realmente estava falando de forma *ex cathedra*, então eles saberiam o que obedecer ou o que não obedecer”. Quer dizer que são os seguidores do papa que têm que saber quando ele fala de modo *ex cathedra* ou não? Mesmo que isso fosse verdade, como o homem comum poderia saber se o papa se desviou da Bíblia ou não? Ele nem podia consultar a Bíblia! Foi a própria igreja de Roma que tinha banido todas as bíblias de linguagens comuns de forma que ela sozinha pudesse “salvaguardar” sua tradução!

A barbárie das cruzadas e da Inquisição, da perspectiva de não cristãos, incrimina não apenas os reis e camponeses que participaram dela, como também a igreja de Roma e, aparentemente, também a Bíblia e o

cristianismo. Muitos dos chamados “líderes cristãos” desse período afirmaram estar “agindo em nome de Deus”. O papa Urbano II, por exemplo, foi bastante claro em sua perspectiva do assunto:

[...] eu rogo e exorto-os – e não sou eu, mas Deus, que roga e exorta a vocês – [...] a se apressarem para extirpar essa raça vil das regiões [...] [16].

Na verdade, **é claro que as ações notórias realizadas durante esses períodos violentos não vinham da Bíblia. Mesmo uma familiaridade moderada com os ensinamentos da Bíblia atestaria isso além de qualquer dúvida razoável.** Aqueles que tentam alegar que Deus é mau por “favorecer a violência durante as guerras no Antigo Testamento” não entendem que isso está em um contexto muito diferente do barbarismo medieval feito “em nome de Deus”. A diretriz clara de Jesus é que nos amemos uns aos outros. As objeções quanto às destruições bíblicas de outras nações são abordadas no sétimo estágio deste estudo (objeções).

O fato de alguém saber ou afirmar conhecer a verdade de Deus não garante que esse alguém atue conforme a vontade de Deus, seja um papa ou paroquiano, seja ontem ou hoje.

As crueldades das cruzadas e das inquisições foram o resultado combinado de reis gananciosos, líderes religiosos corruptos e a ignorância geral da Bíblia. Com acesso limitado às Escrituras, o público não conseguiu responsabilizar os líderes da igreja romana pelo que eles professaram crer. A igreja de Roma inicialmente esperava salvaguardar a tradução das Escrituras assegurando que cada vez menos pessoas tivessem acesso direto a elas. Porém, ao fazer isso, a igreja romana, em última análise, feriu a si mesma profundamente, juntamente com o mundo inteiro.

6. ISLÃ E JIHAD

Matar os infiéis é a nossa religião, massacrá-los é a nossa religião, até que se convertam ao islã ou nos paguem tributo (*Abu Musab al-Zarqawi, 2005*).

[O islã] é uma religião que se espalha rapidamente por causa de seu apelo cultural e político e sua mensagem universal de paz, temperança e fraternidade entre os homens (*Muhammed.net*).

Um grupo extremista islâmico pediu aos muçulmanos australianos que se preparem para a *jihād* contra qualquer um que se interponha no caminho de um “superestado islâmico”. Clérigos radicais do grupo militante Hizb ut-Tahrir convergiram para Sydney ontem para entregar sua mensagem – matar muçulmanos e não muçulmanos que ameaçam a unificação dos 57 países islâmicos do mundo sob um único líder. “Se duas pessoas estão unidas e uma terceira pessoa vem e tenta incitar a desunião... Mate-a”, disse o xeque palestino Issam Amara [...]. “O estabelecimento de *khilafah* (superestado islâmico) é um dever islâmico. A evidência do dever de estabelecer *khilafah* está confirmada no Alcorão.” A sessão de seis horas de retórica violenta ocorreu depois que o ministro da polícia NSW, John Watkins, pediu que a reunião em Sydney ontem fosse proibida. O procurador-geral Philip Ruddock rejeitou os apelos para banir o grupo e exigiu mais evidências. (*News.com, 30/01/2007*).

Vamos cortar a língua daqueles que tentam distorcer o islã com reforma e progresso – eles estão servindo ao Ocidente. (*Ministro do Interior Saudita, príncipe Nayef bin Abd al-Aziz*).

Quem, por palavras, faladas ou escritas, ou por representação visual, ou por qualquer imputação, inuendo ou insinuação, direta ou indiretamente, contaminar o sagrado nome do santo profeta Maomé (que a paz esteja com ele) será punido com morte. (*Lei de blasfêmia paquistanesa*).

Embora os cruzados europeus possam ter sido sinceros, eles se afastaram das origens do cristianismo quando cortaram, queimaram e forçaram conversões. Jesus nunca usou violência; nem chamou seus discípulos para usá-la [...]. Em contraste, os muçulmanos que cortaram, queimaram e forçaram conversões não se afastaram das origens do islã, mas a seguiram de perto. É um fato histórico claro e desagradável que, nos dez anos em que Maomé viveu em Medina (622-632), ele enviou ou partiu em setenta e quatro incursões, expedições ou guerras em grande escala, que vão desde pequenos assassinatos de esquadrões de ataque à Cruzada de Tabuk [...]. (*James M. Arlandson*).

As **cruzadas europeias iniciais foram uma resposta a séculos de *jihād* islâmica**. Para entender melhor a razão, é preciso saber algo sobre o islã e *jihād*. Ambos estão nas manchetes constantemente, mas ainda há uma falta

geral de consciência quanto à sua natureza, crenças e origens. Portanto, faremos uma pausa sobre o assunto das cruzadas e da [Inquisição](#) para estudar o principal sobre o islã, o qual provocou aquelas épocas de barbarismo “em nome de Deus”.

Lembre-se, os muçulmanos não são o inimigo, eles são escravos, como os cristãos eram, do mesmo pecado que manteve cristãos cativos antes de se converterem a Cristo. Se você ainda não se converteu a Cristo, faça-o – veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) e o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). Se você se converteu, ore e ajude as massas muçulmanas para que elas possam fazer o mesmo.

6.1. INTRODUÇÃO

A religião do islã foi iniciada por um homem chamado [Maomé](#) por volta de 600 d.C. Desde então, foi dividida em várias denominações, cada uma sendo resultado de diferentes crenças e interpretações da vida e ditados de Maomé. A prática islâmica da [jihad](#) é um conceito que também desafia a definição monolítica e tomou diferentes formas.

As ameaças, os assassinatos e as tramas internacionais que estão sendo realizadas em nome do islamismo e da *jihad* são inegavelmente uma parte da razão pela qual os dois são discutidos no Ocidente hoje. Conforme demonstrado por terroristas, essa violência tornou-se tão generalizada e integral à religião que, para nós, em um debate, é tentador se inclinar para o lado de dizer que a violência define o que eles são. No entanto, isso seria um erro porque **há muito mais proveito em avaliar o islã do que ter uma opinião formada pelos atos terroristas do dia**, embora esses atos tenham que ser levados em conta. E há muito mais em considerar o povo muçulmano do que os extremistas assassinos que se inclinam contra o restante do mundo, embora esses extremistas também tenham que ser levados em conta.

6.2. O QUE É O ISLÃ?

1. **Comunidade.**
2. **Submissão.**
3. **Modo de vida prescrito.**
4. **Sistema governamental.**
5. **Cultura beduína.**
6. **Teologia.**

Comunidade. A principal palavra que o apologista muçulmano Reza Aslan usa para resumir as muitas faces do islamismo é “comunidade”. O bem-estar da comunidade, a honra e a proteção da comunidade, a regulamentação da comunidade, a submissão à comunidade – todos têm uma grande importância na cultura islâmica.

A própria palavra “islã” significa “submissão”. A submissão à autoridade islâmica é rigorosamente aplicada em muitos países muçulmanos. Foi assim desde a época das suas raízes nas tribos beduínas do deserto. De casamentos arranjados a homicídios por “honra”, o indivíduo é consistentemente mantido em submissão à comunidade. Isso contrasta com o individualismo, a liberdade, as liberdades pessoais e a independência que tipificam o Ocidente e são apreciadas por ele.

Entrelaçado com seu aspecto comunal, o islã também pode ser um modo de vida prescrito. De taxas para trocar gado por noivas (em seitas mais fundamentalistas) a todas as regras relativas ao que não pode ser dito, implícito, impresso, publicado ou ilustrado sobre o profeta Maomé, o islã tem uma infinidade de regras cívicas e sociais. Tanto que tais regras compreendem seu próprio sistema legal, a **Lei Sharia**.

Uma cultura altamente controlada pode atrair ocidentais acostumados com uma cultura de liberdade, como demonstrado por uma descoberta da Newsweek em 2005. O estudo considerou mulheres americanas e

européias que se converteram ao islamismo. Enquanto o islã é uma religião geralmente orientada para o homem, as mulheres declararam que foram atraídas por ela porque, sob o islã, muitos aspectos da vida estavam “todos decididos” e pouco permaneceu para o indivíduo ter que “descobrir”.

As entrevistadas criticaram o cristianismo e o Ocidente como sendo excessivamente frouxos em termos de não terem regras bem definidas em relação à vida diária. Essas mulheres estavam mais do que satisfeitas em trocar a liberdade de escolha, ou para elas o ônus de escolha, pela segurança de regras rígidas que, se seguidas, garantiam a aceitação dentro da comunidade.

O islamismo também pode ser um sistema governamental. Existe um desacordo entre os muçulmanos quanto à intenção exata de Maomé quanto à relação entre mesquita e Estado. Isso tem sido um ponto controverso entre o **islamismo liberal** e o **islamismo conservador**, o que examinaremos ao estudarmos sobre [a natureza fluida do Alcorão](#). Para aqueles que acreditam que o islamismo é um sistema governamental, é uma mistura homogênea da mesquita e do Estado, de religião e política. Um crime contra um é um crime contra o outro. Defender um é defender o outro.

Poucos sentem falta de Saddam Hussein, por exemplo, mas a remoção dele do poder por “forças infiéis” (ou seja, por não muçulmanos) foi percebida por alguns muçulmanos como um ataque à própria religião do islã. Essa conclusão está interpretando mal o Ocidente, é claro, ou então é uma tentativa enganosa de inflamar o ressentimento contra o Ocidente. Entender que alguns muçulmanos definem o islã dessa maneira enquanto outros não o definem assim ajuda a entender por que os Estados Unidos são tanto aplaudidos quanto rejeitados ao longo do mundo islâmico quando realizam atos interventórios.

Em outro sentido, o islã é uma cultura beduína reestruturada no monoteísmo. Muitas comunidades islâmicas ou seus porta-vozes ainda promovem as práticas antigas de homicídios por “honra”, casamentos arranjados, espancamentos de esposas, morte por conversão a uma religião diferente, morte ou perseguição por alguém ser de uma religião diferente, morte por insulto a Maomé, morte por desenhar Maomé, morte por ser uma vítima de estupro, morte por roubar, escravidão, mutilação, e assim por diante. O modo de vida do século 7 d.C. é o padrão de vida para os crentes dessa variedade do islã, até mesmo catorze séculos depois.

Finalmente, o islamismo é uma teologia. No entanto, os fundamentos teológicos podem ser o ponto mais fraco. Considere os defensores da teologia islâmica comparados aos defensores do cristianismo ou do judaísmo. Defender as crenças islâmicas como verdadeiras e históricas parece pouco importante no islamismo.

Seja qual for a sua definição de islamismo, aquilo que Maomé pregou e aplicou com a espada teve pelo menos o seguinte benefício: imitava a unificação que o cristianismo trazia para a Europa e partes da Ásia, África e Oriente Médio. Em ambos os casos, islã e cristianismo, as pessoas separadas por grandes distâncias estavam, no entanto, unidas por ideias – crenças, valores e objetivos compartilhados.

6.3. QUAL É O OBJETIVO AQUI?

Escrevemos sobre o islã para facilitar uma melhor compreensão das condições que geraram as [cruzadas](#). Essa é uma meta humilde e, ainda, importante. **As cruzadas não vieram do nada, nem vieram da Bíblia ou dos ensinamentos de Jesus. Foram precedidas e precipitadas pela *jihad* islâmica, em particular o tipo de *jihad* que exige a morte ou a subjugação de todos os não muçulmanos.** No entanto, a razão pela qual deixamos essa discussão do islã e da *jihad* se expandir tanto por este estudo é dupla.

Primeiramente, o público ocidental precisa de uma maior explicação sobre a história e as crenças islâmicas. Sem conhecer os antecedentes básicos da fé e da história muçulmana, como podemos resolver nossas próprias ilusões preconceituosas dos atributos fatuais que realmente descrevem a religião e as pessoas? Conhecemos algo sobre os terroristas islâmicos por causa das notícias. Alguns de nós também podem conhecer muçulmanos pacíficos no trabalho ou ao nosso lado. Tanto os terroristas quanto os pacíficos se descrevem como muçulmanos – o que fazer disso? Acreditamos poder ajudar aqui.

Em segundo lugar, muitos daqueles que estão expostos ao islã simplesmente derrubam o estereótipo do “islã violento”. Derrubar o estereótipo não é difícil de fazer. Abordar o islamismo radical sem explicar outras

variações da religião acaba por falhar em esclarecer o verdadeiro islã do Alcorão. Também, por extensão, falha em compará-lo com o verdadeiro cristianismo bíblico. Essa é uma comparação muito valiosa, uma chave para a subsequente aceitação ou rejeição do islã como a “correção/realização do cristianismo” que ele alega ser. Também podemos ajudar aqui.

Estamos nos esforçando para não travar uma guerra religiosa. O problema é que nossos inimigos estão travando uma guerra religiosa e não há nada que possamos fazer a respeito. (*Mona Charon*).

6.4. QUEM FALA PELO ISLÃ?

“Vá para o inferno, inimigo de Deus!” – gritou o homem, Rabei Osman Sayed Ahmed, enquanto os gritos de [Nicholas] Berg eram transmitidos. “Mate-o! Mate-o! Sim, assim! Corte sua garganta corretamente. Corte sua cabeça! Se eu estivesse lá, eu o teria queimado para fazê-lo sentir como era o inferno. Corte sua cabeça! Deus é grande! Deus é grande!” (*New York Times*, 21/11/2005).

A face do terror não é a verdadeira fé do islã. Não é disso que se trata o islã. Islã é paz. (*George W. Bush*, 17/09/2001).

Minha mensagem para os judeus repugnantes é que não há deus além de Alá, vamos persegui-los em todos os lugares! Somos uma nação que bebe sangue e sabemos que não há sangue melhor do que o sangue dos judeus. Não os deixaremos em paz até que tenhamos saciado nossa sede com seu sangue e a sede de nossos filhos com seu sangue. (*Website do Hamas*, 15/02/2006).

MOGADÍCIO, Somália – Moradores de uma cidade no sul da Somália que não rezarem cinco vezes ao dia serão decapitados, disse um oficial do tribunal islâmico na quarta-feira, acrescentando que o decreto será implementado em três dias. [...] Aqueles que não seguirem esse decreto “serão definitivamente decapitados de acordo com a lei islâmica”. [Xeque Hussein Barre] disse à Associated Press por telefone: “Como muçulmanos, devemos praticar o islã totalmente, não em parte, e é isso que nossa religião nos ordena a fazer” (*Yahoo News*, 07/12/2006).

A letra “X” pode ser banida em breve na Arábia Saudita porque se assemelha à mãe de todos os símbolos religiosos proibidos no reino do petróleo: a cruz. O novo desenvolvimento veio [...] a fim de “evitar que conspirações cristãs imundas se infiltrem em nossos pensamentos, nossas crenças e nossos sentimentos”. [...] Uma das farsas mais criminosas cometidas pelos soldados de infantaria da comissão, os Mutawaeen, ou polícia religiosa, foi [...] quando os Mutawaeen impediram à força que meninas que fugiam de uma escola em chamas saíssem do prédio porque estavam “vestidas inadequadamente”. [...] A polícia [religiosa islâmica] deteve os homens que tentavam ajudar as meninas, advertindo-os: “É pecado abordá-las”. Dos 800 alunos adolescentes em Meca, 15 morreram queimados e mais de 50 ficaram feridos. (*New York Sun*, 15/01/2007).

Abdel Kareem Mohammed Abu Habel, de 15 anos, está sentado em uma prisão israelense depois de tentar e não conseguir se martirizar no ano passado. Ele faria isso de novo? Sem dúvida, ele disse. “Não queremos os judeus neste mundo”, disse ele. (*San Francisco Chronicle*, 15/08/2005).

A Terra é plana. Quem afirma que ela é redonda é um ateu que merece punição. (*Fatwa do xeque Bin Baz*, 1974).

Pedi repetidamente que [muçulmanos moderados] confrontassem e refutassem os argumentos islâmicos dos jihadistas – que é a única coisa que eles devem fazer se quiserem prevalecer na comunidade islâmica, e que não deve ser difícil à luz de sua insistência de que o islã é fundamentalmente pacífico. Porém, apesar de muita insistência, não há movimento organizado em grande escala de muçulmanos contra os jihadistas, e nenhuma teologia muçulmana moderada coerente que ensine contra a *jihad* e a subjugação de incrédulos em bases islâmicas [...]. (*Robert Spencer*).

Qual é o verdadeiro islã – o tipo que gera seguidores geralmente pacíficos, ou o tipo que apoia abertamente violência e assassinato? Isso não pode ser respondido até determinarmos quem deve dizer qual é o verdadeiro islã.

Quem se qualifica como uma fonte confiável sobre o islã? O ex-presidente Bush uma vez afirmou que “o islamismo é paz”, mas ele mesmo não pratica o islã e nem cresceu em uma comunidade muçulmana. Al-Zarqawi afirmou seguir o islã e crescer em uma comunidade muçulmana. No entanto, ele pratica sua fé de uma maneira extremamente mais violenta do que a maioria dos muçulmanos.

Sayed Ahmed, um muçulmano uma vez citado no New York Times, não é como al-Zarqawi ou Bush. Sua atitude pode parecer idêntica à de al-Zarqawi, mas suas ações não são. Por quê? Ele rejeita a ideia de que assassinar infiéis é o verdadeiro caminho do islã? Ou ele está vivendo em desobediência a uma fé que realmente o manda matar?

Qual posição sobre o islã devemos tomar como correta? Vamos estudar mais a respeito.

6.4.1. OS TEXTOS PRINCIPAIS DO ISLÃ: QUR'AN, SUNNAH, HADITH

O **Qur'an**, o qual chamamos de **Alcorão** ou **Corão** em português, é uma coleção dos ditos do profeta **Maomé**. Contém palavras e visões alegadamente divinas dadas a Maomé de tempos em tempos para recitar a seus seguidores. O Alcorão foi compilado após a morte de Maomé a partir daquilo que um grupo de seus seguidores anotou de alguma forma (a cultura beduína da época não tinha linguagem escrita e, até então, havia pouca necessidade de leis escritas), ou pelo que podiam recitar de suas palavras. Alcorão significa “a recitação”, uma vez que é uma coleção daquilo que Maomé afirmou ter recitado de suas visões. “A recitação” também é uma descrição apropriada, pois a própria lembrança foi compilada a partir daquilo que os seguidores de Maomé alegam ter lembrado que ele disse e que ainda podiam recitar.

Hadith e **Sunnah**, em geral, são as tradições orais que contam os caminhos de Maomé. As histórias ou tradições são frequentemente prefaciadas por quem as ouviu de quem. Esses contos não foram escritos até mais de um século depois da morte de Maomé. Quando isso foi realizado, as histórias foram divididas por tópicos e entre o que se pensava ser das fontes mais confiáveis e das menos confiáveis. As mais confiáveis compreendem o que é referido como **Sunnah**; as menos confiáveis, simplesmente **Hadith**.

Questões interpretativas surgirão ao se examinar todos eles, o que não vamos fazer agora, com exceção de duas questões, a primeira sendo o idioma. Os textos do islamismo são alegados como ainda estando no mesmo dialeto de árabe em que foram escritos pela primeira vez. Os apologistas islâmicos contrastam isso com a tradução que ocorreu no caso das Bíblias de leitura moderna. A asserção deles é que o Alcorão é provavelmente mais verdadeiro do que a Bíblia porque ele não foi traduzido.

O que devemos fazer então com o Qur'an em língua inglesa ou portuguesa?

Pela mesma questão do idioma, alguns apologistas fazem a estrita indicação de que aquilo que pode parecer inconsistente, impreciso ou ilógico no Alcorão traduzido é lido como verdade divina clara no Alcorão no árabe original. De acordo com os críticos mais severos, esse é um castigo astuto visado para aqueles que não falam ou leem o único idioma que Alá aceita – árabe. Deixaremos isso para que você decida a respeito.

Uma segunda grande questão de interpretação é a **ab-rogação** ou revogação, ou *nasikh wa mansukh*. A **ab-rogação** também é absolutamente crítica para a compreensão do Alcorão.

6.4.2. MAOMÉ

Não importa o quanto os muçulmanos contemporâneos possam diferir em relação a suas próprias práticas e interpretações, todos mantêm Maomé como seu modelo. Para ajudar no [estudo sobre Maomé](#), abordaremos sua vida, bem como o princípio islâmico de [al-taqiyya](#) e [hudna](#) – questões diretamente relacionadas à credibilidade e que, novamente, podem surpreender o leitor.

6.4.3. OS QUATRO MAIORES DISCÍPULOS DE MAOMÉ

Os quatro maiores discípulos de Maomé são reverenciados dentro do islã como *rashidun* ou os “quatro califas corretamente guiados”. Esses califas (“califa” significa “sucessor do mensageiro de Deus”) são **Abu Bakr**, **Umar bin al-Khattab**, **Uthman bin Affan** e **Ali bin Abi Talib**.

Embora três desses “corretamente guiados” tenham **ascendido ao poder por meio de assassinato**, eles conheceram o caminho de Maomé melhor do que ninguém e continuaram a expansão do islã após a morte dele. Eles são um retrato fantástico do islamismo original pelo seguinte motivo: embora os desentendimentos sobre o

significado das passagens possam ou não ser descartados como questões interpretativas, uma vez que estamos tão longe de quando e onde foram ditos, não se pode argumentar o mesmo sobre os discípulos de Maomé. Eles não estavam longe da época ou do contexto. Ninguém pode ser mais claro em seus ensinamentos do que eles. **As ações dos discípulos de Maomé – uma questão de registro histórico – são tão claras quanto uma imagem daquilo que Maomé instruiu seus seguidores a fazer e a ser.**

Assim como os discípulos de Cristo refletiram os ensinamentos de Cristo, os discípulos de Maomé refletiram os ensinamentos de Maomé.

6.4.4. ESTUDIOSOS DO ISLÃ OU PESSOAS SIGNIFICATIVAS À HISTÓRIA OU PRÁTICA DO ISLÃ

As fontes de informação sobre o islã devem incluir, goste ou não, grandes terroristas e outras pessoas de violência e influência. Por quê? Porque [eles afirmam se dirigir ao mundo em nome do islã](#), eles afirmam praticar o islã como Maomé o pretendeu, eles têm muitos seguidores, eles são muito mais destacados do que seus “colegas não violentos” e eles procuram armas capazes de varrer as nações da Terra. Os “fanáticos suicidas” que procuram ou podem ter armas nucleares devem receber nossa atenção.

Finalmente, quais são nossas próprias qualificações para apresentar o tema do islã? Principalmente, nosso estudo deixa os muçulmanos de muitas persuasões e notoriedades falarem por si mesmos por meio de citações e referências. Além de uma boa medida de leitura e estudo pessoal, o conhecimento que o autor do estudo original ([www.provethetbible.net](#)) tem do islã veio de três missionários independentes nascidos e criados em nações cujos muçulmanos são abundantes (Egito, Índia e Irã, dois dos quais são convertidos do islã), amigos que serviram ou trabalharam no Oriente Médio, e um colega arquiteto muçulmano da Índia. Os escritos exaustivos de James M. Arlandson [17] e Andrew G. Bostom [18] também foram úteis, assim como os sites referenciados nas [referências](#) no final deste estágio do estudo. O autor do estudo original ([www.provethetbible.net](#)) também teve o valioso suporte de um ex-muçulmano iraniano e sua esposa, os quais serviram gentilmente entre seus editores.

Como um pós-escrito sobre o que foi citado acima, também pode ser perguntado se as massas muçulmanas “pacíficas” relativamente silenciosas falam pelo islã. Como um “historiador de poltrona” da Segunda Guerra Mundial, o autor do estudo original ([www.provethetbible.net](#)) assegurou que as massas silenciosas são apenas isso – silenciosas. Quando falamos das massas russas sobre a pessoa de Stalin, massas alemãs sobre Hitler, massas italianas sobre Mussolini, ou mesmo massas americanas que simplesmente desejavam uma Europa conquistada bem antes do ataque de Pearl Harbor, massas silenciosas nunca foram um impedimento para um fanático com um plano. Não é diferente com o islã.

6.5. A ARÁBIA PRÉ-ISLÂMICA

Vocês que ainda têm um pingote de fé em seus corações, esqueceram que matar infiéis e inimigos do islã é uma ação que tem uma recompensa acima de nenhuma outra [...]. **Você não está ciente de que os modelos para todos nós, o profeta Maomé e os quatro califas legítimos, assumiram o assassinato de infiéis como uma de suas atividades principais, e que o profeta travou operações de *jihad* 77 vezes nos primeiros 10 anos como chefe da comunidade muçulmana em Medina?** (*Xeque Mukhlas, 19/12/2005*).

De qualquer forma, não acho que foram os muçulmanos que [realizaram os ataques de 11 de setembro]. Isso porque **o islã defende a paz [...] e os muçulmanos são ensinados a não tirar a vida humana.** (*Junaid Tariq, 2006*).

Um conselho de aldeia no Paquistão decretou que cinco mulheres jovens devem ser sequestradas, estupradas e mortas por se recusarem a honrar “casamentos” na infância. As mulheres, que são primas, foram casadas à revelia por um mulá em sua aldeia de Punjabi com filhos analfabetos dos inimigos de sua família em 1996, quando tinham entre seis e 13 anos (*UK Telegraph, 22/11/2005*).

O único modelo a seguir é o islã puro, porque o islã em sua forma original era rígido e duro, não fraco e flexível. O islã é fixo, estável, ordenado e disciplinado, assim como os muçulmanos. Se voltarmos à prática real do verdadeiro islã, seremos muito mais fortes e é aí que os *kafirs* [incrédulos] nos temerão. É por isso que precisamos defender a *shariah* e retornar ao verdadeiro islã. Mas o Ocidente está tentando enfraquecer o islã por fora e por dentro. Eles atacam nosso povo com ideias de secularismo, liberalismo e democracia. Tudo isso é planejado para contaminar nosso islã puro. (*Abu Bakr Bashir, al-Jazeera, 22/08/2006*).

Dada a dificuldade em distinguir diferentes nacionalidades, o autor concluiu: **“Vamos considerar todos os brancos como inimigos”** [...]. Essas diretrizes para homens-bomba foram encontradas em um computador capturado pela polícia indonésia durante uma operação em novembro, e acredita-se que tenham sido escritas pelo fabricante de bombas Azahari Husin, educado na Grã-Bretanha, que morreu durante o ataque. (*Telegraph*, 05/07/2006).

RIADE – Uma mulher saudita que foi sequestrada sob a mira de uma faca, estuprada por uma gangue e depois espancada por seu irmão, foi condenada a 90 chicotadas por se encontrar com um homem que não era parente, informou um jornal nesta segunda-feira (*Khaleej Times*, 07/03/2007).

Um líder muçulmano de médicos provocou protestos ao pedir aos muçulmanos britânicos que não vacinassem seus filhos contra doenças como sarampo, caxumba e rubéola porque é “anti-islâmico”. Abdul Majid Katme, chefe da Associação Médica Islâmica, está dizendo aos muçulmanos que quase todas as vacinas contêm produtos derivados de tecido animal e humano, o que as torna “haram”, ou ilegais para os muçulmanos tomarem. O islã permite apenas o consumo de produtos *halal*, onde o animal teve sua garganta cortada e sangrada até a morte enquanto o nome de Deus é invocado. (*London Times*, 30/01/2007).

O uso de escudos humanos pelo Talibã aconteceu durante uma batalha de seis horas que começou quando as tropas britânicas chegaram a uma área remota para expulsar um suposto esconderijo do Talibã. [...] “Aconteceu duas vezes de eles empurraram mulheres e crianças na frente deles. Na primeira vez, eles correram para um complexo e as empurraram para fora para impedir o ataque”, disse o cabo Quintin Poll, 29, de Norfolk. “Na segunda vez, eles estavam atirando em um prédio com mulheres e crianças dentro. Meus homens tiveram que virar à esquerda e à direita para pegá-los” (*London Times*, 21/06/2006).

Em muitos aspectos, o islamismo é uma cultura beduína reestruturada no monoteísmo. Na medida em que isso é aplicável, não é possível ter uma maior compreensão de [Maomé](#) e do [islã](#) do que conhecer a Arábia pré-islâmica em que ambos nasceram.

A península arábica ou *jazeera*, em grande parte o que é Arábia Saudita hoje, é uma das maiores regiões dentre as mais quentes e mais secas do mundo. Grande parte desse ambiente severo é totalmente estéril. Apesar dessas condições, foi habitada por tribos nômades (*bedou*) há dois mil anos antes do presente. Uma tribo beduína consistiu em um grupo de clãs. Os clãs consistiam em um grupo de famílias, muitas vezes uma única e grande família. Como tanto causa quanto efeito dessa estrutura, cada tribo individual teve muitos laços de sangue internos. Uma tribo era essencialmente uma comuna que compartilhava os recursos que poderia encontrar e defender de outras tribos.

As tribos eram lideradas por um líder democraticamente eleito, ou **xeque** (*sheikh* ou *sheik*). O título de xeque significa “aquele que tem as marcas da velhice” e seu mandato durava enquanto a tribo achasse favor com ele. Sua função principal era a proteção dos membros da tribo. Cargos como líder de guerra, líder espiritual e líder judicial geralmente eram ocupados por outros, embora o xeque também tenha servido em um desses papéis. Outras decisões foram tomadas por consenso, provavelmente com base no que melhor servia para a comunidade em geral.

A guerra tribal era bastante comum, pois clãs e tribos competiam continuamente uns com os outros pelos recursos muito limitados das terras do deserto. A água, a agricultura, as mulheres e os escravos eram todos considerados como bens preciosos cuja aquisição por qualquer meio poderia significar a diferença entre a sobrevivência e a morte. As condições eram bem difíceis e às vezes eram necessárias **incursões para obter suprimentos (razzias)**, as quais se tornaram frequentes. Essas **incursões extratribais (ghazwa)** tornaram-se vistas como uma prática legítima. O escritor/apologista muçulmano Reza Aslan explicou: “Na Arábia pré-islâmica, a invasão de caravanas era um meio legítimo para pequenos clãs se beneficiarem com a riqueza dos grandes. Não era de modo algum considerado roubado e, enquanto não houvesse violência e nenhum sangue fosse derramado, não havia necessidade de retribuição.”

A retribuição de que Aslan falou não era apenas qualquer tipo de reação vingativa, mas um dos poucos códigos pelos quais os beduínos viveram. Mais uma vez, Aslan: “Em uma sociedade sem conceito de moralidade absoluta, tal como é ditado por um código divino de ética – algo como os dez mandamentos, se você quiser – o xeque tinha apenas um recurso legal para manter a ordem em sua tribo: a lei da retribuição [...], mais popularmente conhecida no Ocidente como o conceito um tanto grosseiro de ‘olho por olho, dente por dente’. Era

responsabilidade do xeque manter a paz e a estabilidade em sua comunidade, assegurando a retribuição apropriada para todos os crimes cometidos dentro da tribo. Os crimes cometidos contra aqueles fora da tribo não eram apenas impunes, eles não eram realmente crimes. **Roubar, matar ou ferir outra pessoa não foi considerado um ato moralmente reprovável por si só, e esses atos eram punidos apenas se eles enfraquecessem a estabilidade da tribo.**”

Os beduínos se tornaram conhecidos por esse estilo de vida de migração, comércio e invasão. Enquanto isso, os outros residentes da península arábica eram aqueles que haviam ocupado residência estática nas terras do perímetro e em outras áreas capazes de serem cultivadas. Entre eles está incluso um grande número de cristãos árabes e judeus árabes. Eles raramente se ajuntaram aos beduínos porque a filosofia nômade deles desprezava grandemente a lavoura do solo e a ligação material com qualquer lugar (com exceções).

Talvez como resultado de sua migração constante e o custo resultante de desenvolvimento social, os beduínos estavam entre os grupos menos alfabetizados do Oriente Médio. Eles não desenvolveram uma linguagem escrita até depois que Maomé morreu, quando surgiu a necessidade de fazer um registro de suas palavras.

Coletivamente, todos esses anos antes do islamismo são conhecidos entre os muçulmanos como o *al jahiliyah* ou o “tempo da ignorância”.

6.5.1. CORAIXITAS E CAABA

Espiritualmente, os beduínos eram de natureza pagã, o que significa que eles possuíam uma variedade de crenças informais sobre a vida e o mundo. Isso os tornou inerentemente pluralistas e, portanto, não tinham discussões religiosas com cristãos ou judeus vizinhos. Diz-se que os beduínos adoravam tanto quanto 360 deuses. O principal entre eles era o deus sírio **Hubal** e o deus criador **Allah**, ou **Alá** em português. Aslan disse sobre Alá: “Como sua contraparte grega, Zeus, Alá era originalmente uma antiga divindade da chuva/céu que havia sido elevada como o deus supremo dos árabes pré-islâmicos. Embora sendo uma divindade poderosa para ser confessada, o *status* eminente de Alá no panteão árabe tornou-o, como a maioria dos altos deuses, além das súplicas de pessoas comuns. Somente em tempos de grande perigo alguém o incomodaria consultando-o.”

Alá teve três filhas: al-Lat (a deusa), al-Uzzah (a poderosa) e al-Manat (destino). As filhas serviram como moderadoras a quem muitos beduínos oravam para fazer petições a Alá.

Enquanto os beduínos não tinham teologia formalizada, nem escritos sagrados, eles reverenciaram a **Caaba** (*Ka'ba*). Na época de Maomé, a Caaba era um santuário em forma de cubo que abrigava um ícone para cada um dos seus 360 deuses, exceto para Alá. A origem exata da Caaba é desconhecida, mas foi considerada a mais sagrada e todos os beduínos foram obrigados a visitar o ícone de seu deus particular uma vez por ano. Essa visita foi realizada nos primeiros três meses da primavera. Esses foram os meses de “**trégua sagrada**” durante os quais a guerra devia cessar e a concentração deveria ser dada aos assuntos espirituais.

A Caaba estava (e ainda está) localizada na cidade de Meca. Quando as caravanas beduínas de todas as regiões circunvizinhas se aproximavam da cidade para sua peregrinação anual, elas eram paradas fora dos confins da cidade. Ali era feito um inventário de seus bens. Oficiais de Meca avaliaram seus valores e arrecadavam uma taxa baseada neles para que as caravanas pudessem proceder. A vantagem financeira de estar no controle dessa cidade de destino foi enorme, e esse fato não passou despercebido.

Na história anterior de Meca, numerosos clãs competiam há muito tempo pelo controle desse gerador de receita. Não foi até o final do século quatro que veio a ser dominada por um único clã, graças a um determinado indivíduo. Esse indivíduo era um homem chamado **Qusayy**. Ele concebeu a ideia de unir seu clã com outros clãs, compartilhando vários laços de sangue, em uma tribo única, grande e poderosa chamada **Quraysh**, ou o clã **Coraixita** em português. Os coraixitas conseguiram se apoderar de Meca, sobre a qual Qusayy se declarou seu rei.

Qusayy se estabeleceu como a única autoridade sobre Meca e a Caaba. Meca foi reconfigurada para que seus assentamentos rodeassem a cidade em camadas radiais com a Caaba no centro. Quanto maior a posição de alguém, mais perto era permitido viver em relação à sagrada Caaba. Quanto à residência de Qusayy, ela essencialmente rodeava a Caaba de modo que era preciso passar por sua propriedade para adorar os ídolos.

Para consolidar ainda mais seu império religioso e financeiro, Qusayy invadiu os templos de outras cidades, destruindo-os e recolhendo seus ídolos em sua Caaba. Dessa forma, para qualquer deus que fosse procurado, deveria ser paga uma taxa de acesso à Caaba de Meca para adorá-lo. Assim como um parque temático religioso incrível, Qusayy manteve o monopólio dos serviços básicos oferecidos aos peregrinos visitantes, o que aumentou a riqueza de seu clã em cada ano. Aslan resumiu: “Ao ligar inextricavelmente a vida religiosa e econômica da cidade, Qusayy e seus descendentes desenvolveram um sistema religioso-econômico inovador que dependia do controle da Caaba e seus ritos de peregrinação – ritos em que quase toda a *hijaz* [região árabe ocidental] participou – para garantir a supremacia econômica, religiosa e política de uma única tribo, os coraixitas. É por isso que os abissínios tentaram destruir a Caaba no Ano do Elefante [...] – não porque a Caaba fosse uma ameaça religiosa, mas porque era uma rival econômica.”

Não ignorante de como chegou ao poder, nem da história de mudança de mãos de Meca, Qusayy concebeu e exerceu um brilhante movimento defensivo para proteger o governo do seu clã. Tendo assegurado o monopólio dos ídolos da região, ele declarou de forma convincente que Meca é uma cidade sagrada que exige que seja uma zona livre de armas. Ele proibiu as armas de todos os visitantes nos pontos de verificação externos, onde o inventário era feito, exceto as armas de seu próprio clã. Nunca mais a cidade passaria a um clã ou tribo rival. Tampouco a cidade de Meca, tecnicamente, cairia das mãos dos coraixitas, até o momento que certo homem veio no século sete e conquistou a cidade para si mesmo. Pois da família dos coraixitas veio o próprio conquistador – o descendente coraixita chamado **Maomé**.

6.6. QUEM FOI MAOMÉ?

Vocês que ainda têm um pingote de fé em seus corações, esqueceram que matar infiéis e inimigos do islã é uma ação que tem uma recompensa acima de nenhuma outra [...]. **Você não está ciente de que os modelos para todos nós, o profeta Maomé e os quatro califas legítimos, assumiram o assassinato de infiéis como uma de suas atividades principais, e que o profeta travou operações de *jihād* 77 vezes nos primeiros 10 anos como chefe da comunidade muçulmana em Medina?** (*Xeque Mukhlas, 19/12/2005*).

O governo saudita “pediu a todos que percebam que o terrorismo não tem religião ou nacionalidade”, disse um comunicado do gabinete divulgado pela agência oficial de notícias SPA. Ela “alerta contra lançar acusações de terrorismo e fascismo contra os muçulmanos sem levar em conta a **história imaculada** da civilização islâmica”, disse o comunicado. (*Yahoo News, 15/08/2006*).

Como disse o profeta Maomé, a *jihād* é o auge do islã (*Xeque Abdallah Basfar*).

[...] sob a lei islâmica, os não muçulmanos são considerados impróprios para tocar o Alcorão. Isso é geralmente conhecido. O que geralmente não é considerado é o motivo: de acordo com a lei islâmica, somos impuros. O termo é “*najis*”. No site multilíngue do grande aiatolá Ali al-Husseini al-Sistani, o principal clérigo xiita iraquiano, há um catálogo de leis islâmicas [...]. Na lista dos “*najis*” com urina, fezes, etc., estão o porco, o cachorro e os “*kafir*”. Isso significa o cristão, o judeu, o incrédulo no islã (*Jeff Jacoby*).

Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. Vocês podem reconhecer o Espírito de Deus deste modo: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus; mas todo espírito que não confessa Jesus não procede de Deus. Esse é o espírito do anticristo, acerca do qual vocês ouviram que está vindo, e agora já está no mundo. (1 João 4:1-3, “*Nova Versão Internacional*”).

Isso não é de admirar, pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz. (2 Coríntios 11:14, “*Nova Versão Internacional*”).

Demandas para a proibição de atividades “não islâmicas” nas escolas serão apresentadas pelo Conselho Muçulmano da Bretanha [MCB] hoje. Os alvos incluem jogos de *playground*, aulas de natação, peças escolares, noites de pais e até vacinas [...]. O mês sagrado [do ramadã] – quando comer e beber não é permitido durante o dia – também deve proibir as aulas de natação no caso de os alunos engolirem água na piscina [...]. Ele quer aulas de língua árabe para alunos muçulmanos e diz que o Alcorão deve ser recitado nas aulas de música. [...] E enquanto o MCB insiste que todas as crianças britânicas devem aprender sobre o islã, ele quer que os muçulmanos tenham o direito de retirar seus filhos das aulas de educação religiosa que lidam com o cristianismo e outras religiões. (*Daily Express, 23/02/2007*).

Uma vez fui mantida em cativeiro em Cabul. Eu era a noiva de um charmoso, sedutor e ocidentalizado muçulmano afegão que conheci em uma faculdade americana [...]. Quando pousamos em Cabul, um oficial do aeroporto confiscou meu passaporte americano. “Não se preocupe, é apenas uma formalidade”, meu marido me assegurou. Nunca mais vi aquele passaporte. Mais tarde, soube que isso era feito rotineiramente com esposas estrangeiras – talvez para impossibilitar que elas partissem [...]. Eu vi como mulheres pobres usando chadaris eram forçadas a sentar no fundo do ônibus e tinham que continuar cedendo seus lugares na fila do bazar para qualquer homem. Vi como os casamentos arranjados e polígamos e as noivas infantis levavam ao sofrimento feminino crônico e à rivalidade entre coesposas e meio-irmãos; como a subordinação e o sequestro das mulheres levaram a um profundo distanciamento entre os sexos – o que levou ao espancamento da esposa, ao estupro conjugal e a uma “prisão” masculina desenfreada, mas veementemente negada – como homossexualidade e pederastia; como mulheres frustradas, negligenciadas e sem instrução atormentavam suas noras e criadas; como as mulheres não tinham permissão para rezar em mesquitas ou visitar médicos do sexo masculino (seus maridos descreviam os sintomas na ausência delas). (*Phyllis Chesler, universidade da cidade de Nova Iorque*).

RIADE, Arábia Saudita – Três viajantes franceses foram mortos por homens armados na segunda-feira no deserto da Arábia Saudita, quando pararam o carro para descansar na beira de uma estrada que leva à cidade sagrada de Medina, em uma área restrita apenas aos muçulmanos. [...] Os não muçulmanos são barrados na área ao redor de Medina e na vizinha Meca, as cidades mais sagradas do islã. (*Uma notícia local, 28/02/2007*).

Maomé fundou o islã no início dos anos 600 d.C. Antes de olhar para a história da [jihad](#) desde o seu dia até o presente, devemos entender algo sobre o homem e também sobre a cultura em que ele nasceu. É por sua vida e ensinamentos, e dos de seus sucessores, que os muçulmanos interpretam o mundo e dirigem suas vidas, sejam vidas de paz ou de violência.

Maomé nasceu na privilegiada tribo Coraixita em Meca na última porção do sexto século. O ano 570 d.C. é geralmente citado, mas apenas em retrospectiva. Os árabes primitivos não tinham um calendário fixo, mas escolheram 570 d.C. como o nascimento de Maomé porque era o homenageado “Ano do Elefante”. Foi quando os abissínios atacaram Meca com um bando de elefantes, mas acredita-se que os atacantes foram repelidos graças à intervenção especial de Alá.

Os muçulmanos acreditam que quando Maomé nasceu, vários milagres acompanharam sua chegada. Al-Tabari escreveu que a mãe de Maomé, uma jovem mulher pobre, mas pura de coração, foi visitada por um anjo que disse a ela que iria conceber um filho, e que ela deveria nomeá-lo Maomé porque ele seria o “Senhor do seu povo”.

Outra crença é que foi revelado a um homem santo que um novo profeta estava chegando. Ele foi levado a uma caravana onde ele poderia encontrar aquele profeta entre os homens dali e abençoá-lo. Depois de ver os homens da caravana, o homem santo perguntou se realmente havia sido mostrado a ele todos os jovens. Foi respondido que não, pois ainda havia o menino mais novo que era humildemente deixado para vigiar a bagagem. Ele foi chamado e, ao ver o jovem Maomé, o homem santo o proclamou “Mensageiro do Senhor dos Mundos”.

Se esses milagres não pareceram familiares, eles deveriam. São relatos similares aos relatos de Maria, mãe de Jesus, no Novo Testamento, e da unção de Davi por Samuel no Antigo Testamento. Contornando a questão óbvia e assumindo a equivalência fatural, o escritor/apologista muçulmano Reza Aslan explicou: “Não é importante se as histórias que descrevem a infância de Maomé, Jesus ou Davi são verdadeiras. O que é importante é o que essas histórias dizem sobre nossos profetas, nossos messias, nossos reis: que a vocação deles é uma vocação santa e eterna, estabelecida por Deus desde o momento da criação.”

Com seis anos de idade, ambos os pais de Maomé morreram e a custódia dele passou para o seu avô, **Abd al-Muttalib**. Após a morte de seu avô, sua custódia passou para seu tio e influente membro dos coraixitas, **Abu Talib**.

Aos 25 anos, Maomé casou com uma viúva rica quinze anos mais velha, **Khadijah**, supostamente em um esforço altruísta para protegê-la de homens sem escrúpulos que procuravam “pôr suas mãos em seu dinheiro” [19]. Seu negócio como comerciante altamente bem-sucedida proporcionou aos dois riqueza e facilidade incomum para aquele período. Isso foi quinze anos antes que o jovem marido bem-sucedido começasse a ter visões, convulsões e ouvir vozes que levariam à descoberta de que ele era o maior profeta de Deus.

6.6.1. A PRIMEIRA RECITAÇÃO

Em uma das versões da história, a visão inicial de Maomé veio profundamente em uma caverna no ano 610 d.C. Lá ele se isolou para considerar as palavras de um evangelista cristão que ele havia ouvido do norte do Iêmen sobre o dia do juízo final. Em outra versão, ele entrou na caverna das montanhas sombrias para meditar sobre como reconciliar sua renomada generosidade para os pobres com seu *status* de elite como um dos coraixitas. De qualquer maneira, diz-se que ouviu uma voz vindo da escuridão exigindo: “Recite!”

Maomé perguntou: “O que devo recitar?” A resposta continuou sendo simplesmente “Recite!” Ele foi tomado com agonia física e angústia até achar que a força invisível o mataria. No entanto, à medida que as palavras chegaram a ele, sua agonia finalmente deu lugar a uma garantia pacífica de que suas palavras não eram apenas suas palavras, mas as palavras de Alá, e ele, Maomé, era o mensageiro especial de Alá.

As novas convicções de Maomé enfatizaram que Alá era “um bom deus” e era “o mais misericordioso” e “o mais generoso”. Enfatizando a bondade e a justiça de Alá, Maomé começou a pregar contra o que o povo de Meca bem conhecia: sua opressão financeira e religiosa nas mãos das maiores autoridades da cidade, o clã dos coraixitas. Maomé exortou em toda a cidade o quão injusto era que um pequeno grupo de elitistas controlasse o acesso a todos os ídolos da Caaba e que cobrasse das pessoas de espírito religioso as taxas exorbitantemente altas para adorar lá.

Depois de três anos dessa pregação, Maomé conseguiu apenas irritar as autoridades de Meca. Não conseguiu reunir as massas oprimidas para seu lado.

Visivelmente ausentes de suas recitações nos primeiros três anos eram as condenações para adorar deuses falsos, deuses múltiplos ou ídolos da Caaba. Isso mudou em 613 d.C., quando diz-se que a revelação informou que havia apenas um deus – Alá. Foi nesse ponto que a pregação de Maomé mudou a ênfase para a unicidade de Alá e para a autoridade exclusiva de si mesmo, Maomé, como o mensageiro especial de Deus. Esses dois pontos a partir de então permaneceram como o credo central do islã (o *shahadah*) – o primeiro dos “cinco pilares do islã”: “Apenas Alá é Deus e Maomé seu profeta”.

As principais preocupações da pregação de Maomé agora se voltavam para advertir as pessoas do dia do juízo final, encorajando-as a cuidar umas das outras e instando-as a auxiliar os pobres. Ele também procurou fornecer às pessoas um conjunto de instruções que tinham que ser obedecidas para entrar no céu. Maomé ditava esses requisitos incrementalmente aos seus seguidores à medida que eles iam até ele, ao longo de toda a sua vida. Foi apenas muitos anos depois de sua morte que **Abu Bakr** e os outros compilaram por escrito todos os requisitos que eles puderam lembrar sobre as recitações de Maomé.

6.6.2. MAOMÉ SOBRE A PESSOA DE JESUS

Quanto à pessoa de Jesus, Maomé manteve sua declaração de que ele era um messias... Mas isso precisa de qualificação. A interpretação de Maomé sobre o Messias prometido pelo Antigo Testamento estava na linha de uma antiga teoria judaica sobre dois messias, o que abordamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Basicamente, Maomé pensou que Jesus foi o “messias sacerdotal” profetizado no Antigo Testamento para sofrer e morrer. Maomé se considerou como o outro “messias”, o rei profetizado para conquistar o mundo e se sentar no poder no céu à direita de Deus.

Qualquer que seja a razão, Maomé não conseguiu discernir a identidade do Messias, o que abordamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Talvez a fonte das recitações de Maomé não tenha sido suficientemente versada nos ensinamentos de Jesus ou nos profetas do Antigo Testamento para saber que as profecias não tratavam de dois messias que viriam um de cada vez (uma vinda para ser o messias sofredor e expiador e a outra vinda para ser o rei conquistador), mas de um único Messias – o próprio Senhor Jesus – que viria duas vezes, conforme estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Maomé também considerou que Jesus era um profeta, embora menor do que ele mesmo. Uma estátua de Jesus era um dos 360 ídolos armazenados na Caaba e, alguns alegam, uma das poucas que permanecem até hoje.

Em geral, a perspectiva de Maomé sobre Jesus, conforme evidenciada em textos muçulmanos, foi extraída de escritos não inspirados, da teoria judaica errada de dois messias, e de versos selecionados do Novo Testamento. Uma perspectiva dificilmente reconhecível aos cristãos, especialmente no que diz respeito ao propósito real do Antigo Testamento, o significado da Lei de Moisés e o propósito e significado da vinda e morte do Messias na cruz, conforme explicado pelo próprio Messias e abordado no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Ainda assim, declarações do Alcorão atribuídas aos primeiros anos de Maomé em Meca tendem a falar dos seguidores de Jesus com tolerância, de forma a encorajar os seguidores do islã a “serem pacientes com eles, eles virão”. A mesma tolerância é até mesmo estendida aos judeus. Mas isso nos **primeiros ditos**.

6.6.3. POVO DO LIVRO

Maomé às vezes se referia aos cristãos e judeus como “povo do livro”. Isso não é uma referência, e nem uma reverência, à Bíblia ou à Torá, mas a um livro que ele acreditava existir no céu – o “**Umm al-Kitab**” ou “Mãe dos Livros”.

Maomé acreditava que o primeiro terço do Umm al-Kitab foi revelado aos judeus – essencialmente o Antigo Testamento. O segundo terço foi revelado aos cristãos – essencialmente, o Novo Testamento e os escritos não inspirados que ele considerou. O último terço foi revelado a si mesmo por meio das palavras que vieram à sua mente. Maomé acreditava que todos ensinavam a mesma história singular da humanidade.

Há, é claro, grandes diferenças de teologia entre os textos judaico-cristãos e as revelações de Maomé, diferenças as quais ele estava pelo menos parcialmente ciente. Ele explicou isso como corrupções que devem ter ocorrido na Torá e na Bíblia. Apesar disso, **em suas primeiras palavras**, Maomé é descrito como considerando judeus e cristãos como seus primos espirituais. Em conexão com essa crença vem uma das declarações mais pluralistas de Maomé:

[...] Qualquer um que acredita em Deus e nos últimos dias, e que faz boas ações, não terá nada para temer ou se arrepender. (*Alcorão 5:69*).

Uma coisa muito importante: temos feito referência aos “primeiros ditos” de Maomé. Fazemos questão dessa distinção porque o islã faz um ponto especial dela. **É aceito dentro da teologia islâmica que Maomé fez observações contraditórias e que elas se refletem em versos contraditórios no Alcorão e outros textos**. O islã reconcilia isso argumentando que as últimas recitações de Alá por meio de Maomé sempre [ab-rogam](#) ou negam suas declarações e doutrinas anteriores em contrário.

No entanto, o que o islã não reconcilia, pelo menos não uniformemente, é quando cada uma das declarações de Maomé foi feita. Seus textos são organizados topicamente, não cronologicamente. Isso explica em parte o problema enfrentado pelos muçulmanos hoje, forçados a escolher entre as direções contraditórias de Maomé. Eles são instruídos a seguir as instruções que foram dadas em último lugar – mas saber quais doutrinas revogam as outras acaba sendo decidido, em última análise, pela escolha de cada denominação islâmica.

Os efeitos desse dilema estão nas notícias frequentemente – quer o islã signifique paz ou guerra, ou se os muçulmanos devem ser tolerantes com os outros, ou devem persegui-los e matá-los. **Na raiz da questão, tudo decorre do desacordo sobre “O que Maomé disse por último?”** Isso será discutido adiante ao estudarmos a [doutrina da ab-rogação](#). No entanto, por enquanto basta saber que **o ponto no tempo onde os mandamentos de Alá tomaram uma direção nova e violenta foi quando o próprio clã de Maomé o ameaçou de morte em Meca – e ele foi para Yathrib (Medina)**.

6.6.4. DE MECA PARA YATHRIB/MEDINA

Aproximadamente no 619 d.C., a tolerância árabe local em relação à alegação de Maomé de exclusividade divina estava atingindo um ponto de ruptura, e a paciência de seu próprio clã estava se esgotando. O clã Coraixita estava mais preocupado com Maomé como um concorrente financeiro. O monoteísmo de Maomé pregava que o dinheiro dos peregrinos não deveria mais ser dado aos coraixitas para que pudessem visitar a Caaba, mas deveria

ser dirigido apenas a Alá, cujo contador terreno era apenas o próprio Maomé. Do ponto de vista do clã Coraixita isso queria dizer, basicamente, dinheiro fora de seus bolsos.

A liderança do clã Coraixita tinha até então tolerado a pregação de Maomé em grande parte graças à influência do seu tio, Abu Talib. No entanto, chegou o dia em que a esposa de Maomé, Khadijah, morreu, assim como seu tio (a esposa era rica e muito provavelmente ajudava Maomé com recursos financeiros). A morte do tio Talib abriu a porta para o clã eleger um novo xeque – alguém não tão disposto quanto o tio de Maomé a proteger um inimigo público da tribo. Na verdade, após a eleição, o novo xeque retirou formalmente a proteção que Maomé tinha por parte do clã. Em cerca de 622 d.C., isso, juntamente com as ameaças de morte dos coraixitas, expulsou Maomé e seu grupo (o **Muhajirun**) de Meca (Alcorão 10:2; 34:43; 68:2; 81:22-23; etc.).

O número de seguidores de Maomé em Meca até aquele momento estava entre 75 a 200, mesmo após uma década de desenvolvimento e divulgação de suas crenças. Os ditos de Maomé sugerem que ele se sentia ferido e lamentoso, uma vez que tantos antigos colegas pagãos não conseguiram entender a realidade do seu compromisso divino sobre eles.

Conforme a tradição beduína, é terrivelmente desonroso ser expulso pelo próprio clã. As ameaças de morte do clã dos coraixitas contra Maomé nunca seriam rescindidas caso ele retornasse. Foi apenas por causa do convite de outro clã, o clã **Khazraj**, que Maomé e seus seguidores (Muhajirun) conseguiram encontrar refúgio. Sofrendo a perda de sua vida anteriormente prestigiosa, bem como de tudo o que tinha que deixar para trás, Maomé e o Muhajirun escaparam silenciosamente de Meca para a comunidade agrícola judaica e árabe em torno da cidade de **Yathrib**. Maomé fugiu por último e separadamente sob a cobertura da escuridão. Em pouco tempo, Yathrib se tornaria mais conhecida como **Medinat an-Nabi**, ou **Medina**, o que significa “cidade do profeta”.

Essa mudança de Meca para Medina foi o marco para a **mudança do ministério de Maomé, mudando o islã radicalmente e para sempre**. Ainda é celebrada pelos muçulmanos hoje como o *hijrah*.

6.6.5. O MAOMÉ DE MEDINA

O embaixador nos respondeu que [o direito à pirataria] estava fundado nas leis do profeta, que estava escrito em seu Alcorão, que todas as nações que não respondessem à sua autoridade eram pecadoras, que era seu direito e dever fazer guerra contra eles onde quer que pudessem ser encontrados, e fazer escravos de todos os que pudessem fazer prisioneiros, e que todo [muçulmano] que fosse morto em batalha certamente iria para o paraíso. (*Thomas Jefferson dirigindo-se ao congresso dos Estados Unidos, 1786*).

Muçulmanos filipinos exibem uma faixa com os dizeres “decapite aqueles que insultam o islã” e camisetas com um sinal de “procurado” durante uma manifestação na quarta-feira, 7 de março de 2007, em uma praça no centro de Manila, para protestar contra a recente pregação televisionada de um líder de seita cristã, Eli Soriano, que alega que os muçulmanos são assassinos. (*Associated Press, 03/09/2007*).

Como disse o profeta Maomé, a *jihad* é o auge do islã (*Xeque Abdallah Basfar*).

Grupos como o de Abu Muslab al-Zarqawi [...] e o de Abu ‘Abd Allah al-Hasan bin Mahmud [...] justificam a decapitação de prisioneiros com as escrituras do Alcorão. A *sura* (capítulo) 47 contém a *ayah* (verso): “Quando você encontrar os incrédulos no campo de batalha, corte suas cabeças até esmagá-los completamente; em seguida, amarre os prisioneiros com força”. (*Timothy Furnish, Middle East Quarterly*).

[Mohammed] Taheri-azar, 23, é acusado de dirigir um veículo utilitário esportivo no meio de uma multidão de estudantes da UNC em março passado. [...] Durante a audiência de hoje, Taheri-azar gritou “morte à América” ao entrar no tribunal de Orange County. “Eu odeio todos os americanos”, disse ele. “Todos os judeus. Que todos queimem no inferno. Morte a Israel”, gritou Taheri-azar [...]. Taheri-azar se declarou inocente de 19 acusações de tentativa de homicídio e agressão. (*ABC Local, 06/03/2007*).

PATTANI, Tailândia, 22 de fevereiro – alguns já estão chamando de guerra uma brutal insurgência separatista muçulmana no sul da Tailândia que já tirou 2.000 vidas em três anos com bombardeios quase diários, tiroteios, incêndios criminosos e decapitações. [...] Uma nova política de conciliação nos últimos quatro meses foi enfrentada pelo aumento da violência, incluindo uma enxurrada de 28 atentados coordenados no sul que mataram ou feriram cerca de 60 pessoas em 18 de fevereiro. (*New York Times, 28/02/2007*).

A prática de decapitar cativos não muçulmanos remonta ao próprio profeta. Ibn Ishaq [falecido em 768 d.C.], o primeiro biógrafo de Maomé, disse que o profeta ordenou a execução por decapitação de 700 homens da tribo judaica Banu Qurayza em Medina por supostamente conspirar contra ele [...]. As execuções sauditas são rápidas, concluídas com um golpe de espada. Zarqawi e seus seguidores escolheram um método de serrar lento e torturante para aterrorizar o público ocidental. (*Timothy Furnish, Middle East Quarterly*).

[...] sob a lei islâmica, os não muçulmanos são considerados impróprios para tocar o Alcorão. Isso é geralmente conhecido. O que geralmente não é considerado é o motivo: de acordo com a lei islâmica, somos impuros. O termo é “*najis*”. No site multilíngue do grande aiatolá Ali al-Husseini al-Sistani, o principal clérigo xiita iraquiano, há um catálogo de leis islâmicas [...]. Na lista dos “*najis*” com urina, fezes, etc., estão o porco, o cachorro e os “*kafir*”. Isso significa o cristão, o judeu, o incrédulo no islã (*Jeff Jacoby*).

Um dia a bandeira negra do islã estará sobre o número 10 da Downing Street, quer Tony Blair goste ou não. Que papel você vai desempenhar? [...] Você precisa desempenhar um papel ativo. [...] [Quando] alguém vê o inimigo sofrendo, você não deve se surpreender, há pessoas que expressam seu prazer. Não gostamos de não muçulmanos. Somos obrigados a não gostar deles porque eles rejeitam Alá e seus mensageiros. (*Abu Waleed na Grã-Bretanha, canal 4, People, 11/01/2007*).

Imediatamente após a fuga de Maomé para Yathrib (ou Medina) em 622 d.C., a primeira *masjid*, ou mesquita, foi iniciada. Nos calendários islâmicos, isso é apropriadamente designado como o ano 1 A.H. (após *hijrah*). É aqui que Maomé começou uma ordem social inteiramente nova, destituída de todas as antigas lealdades, assim como de laços de sangue – lealdades que tão dolorosamente falharam com ele em Meca, como sua própria tribo Coraixita. Em vez disso, a nova ordem de Maomé passou a ser baseada unicamente em fidelidade absoluta a ele, Maomé, e a Alá, por quem Maomé alegou autoridade para coletar todos os tributos financeiros.

O escritor/apologista Reza Aslan observou: “[...] [Em Yathrib], Maomé finalmente teve a oportunidade de implementar as reformas que ele estava pregando sem sucesso em Meca. Ao promulgar uma série de reformas radicais religiosas, sociais e econômicas, ele foi capaz de estabelecer um novo tipo de sociedade cujo tipo nunca tinha sido visto antes na Arábia. Por exemplo, enquanto o poder na tribo foi atribuído a um número de figuras, nenhuma das quais tinha qualquer autoridade executiva real, **Maomé uniu todas as posições pré-islâmicas de autoridade para si mesmo**. Ele não era apenas o xeque de sua comunidade, mas também seu *hakim* [juiz], seu *qa'id* [líder de guerra] e, como a única conexão legítima com o Divino, seu *kahin* [profeta]. Sua autoridade como profeta/legislador foi absoluta. Além disso, enquanto a única maneira de se tornar um membro de uma tribo era nascer nela, qualquer pessoa poderia se juntar à comunidade de Maomé simplesmente declarando: **‘Não há deus além de Deus e Maomé é o mensageiro de Deus.’** O *shahadah* [credo] foi assim transformado em Yathrib a partir de uma declaração teológica [...] em uma nova versão do juramento de fidelidade, a *bay'ah*, a qual a tribo deu ao seu xeque. E porque nem a etnia, nem a cultura, nem a raça, nem o parentesco tinham algum significado para Maomé, a *ummah* [comunidade muçulmana], ao contrário de uma tribo tradicional, tinha uma capacidade de crescimento quase ilimitada através da conversão.”

Por um ano e meio a seguir, o **Muhajirun** começou a fazer cumprir essa nova ordem religiosa. Não era a vontade de Alá apenas que Maomé simplesmente oferecesse sua liderança, como foi tentado em Meca sem sucesso – parecia que agora era a vontade de Alá que ele deveria impor essa autoridade. Contudo, ao fazê-lo, Maomé descobriu que Medina ofereceu um obstáculo completamente diferente de Meca.

O grande número de árabes judeus e cristãos em torno de Medina se recusou a renunciar às suas crenças para favorecer Maomé. **Ao contrário dos pagãos em grande parte analfabetos de Meca, os judeus e os cristãos tinham textos bíblicos e, dentro deles, qualificações escriturais para os verdadeiros profetas e para a natureza de Deus** – qualificações que estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Ao comparar os ensinamentos de Maomé com a Palavra de Deus previamente revelada por meio do Antigo Testamento e do Novo Testamento (palavras que o próprio Maomé antes tinha apoiado), os judeus e os cristãos puderam comprovar que Maomé não se enquadrava como verdadeiro profeta ou mensageiro divino, e nem as suas alegações de Deus estavam conforme as Escrituras.

Esse novo nível de rejeição pareceu ser demais para Maomé. O ressentimento dele com os judeus porque eles tiveram participação na morte de Jesus, combinado com a resistência judaica e cristã para participação em sua

teocracia econômica, fez com que Maomé se voltasse contra seus anfitriões judeus e cristãos de Medina de forma audaz e amarga. Isso é evidenciado por suas recitações durante esse período e como evidenciado pela história.

A paciência de Alá estava prestes a acabar com o judaísmo e o cristianismo e, agora, era hora de seu “messias-rei autodenominado”, o próprio Maomé, começar a julgar a terra e purgá-la de incrédulos, relutantes e desobedientes.

6.6.6. DA PACIÊNCIA À JIHAD

Foi durante esse período em Medina que as recitações divinas de Maomé tomaram um tom completamente diferente do que era anteriormente o caso em Meca. A vontade de Alá mudou para ultrajar os incrédulos e não mais tolerá-los. A amizade com cristãos e judeus foi proibida. Alá não tinha mais paciência para aqueles que rejeitaram a autoridade completa de Maomé. A ordem moral passou a ser forçar a conversão sobre os relutantes e taxá-los, ou matá-los e tomar seus bens. E assim Maomé e o Muhajirun fizeram.

Ghazwa, a violência letal já considerada “honrada” aos olhos beduínos, tornou-se um imperativo divino a ser exigido contra os inimigos de Maomé.

Assim como certos papas católicos romanos fariam seiscentos anos no futuro, Maomé tomou para si mesmo a autoridade de determinar quem eram os inimigos de seu deus que precisavam ser destruídos. Durante dez anos sangrentos, o Muhajirun exerceu isso em todo o país, pressionando os outros à submissão (islã), às suas crenças, e fazendo incursões brutais nas principais caravanas de comércio.

A experiência anterior de Maomé como mercante provavelmente proporcionou a ele uma visão tática útil, contribuindo grandemente para o sucesso de seus ataques de trânsito comercial. Não se pode ressaltar demais qual o impacto que as invasões de caravanas tiveram nas comunidades árabes. Lembre-se da desolada geografia da Arábia, da falta de recursos e a vida precária de muitas comunidades no deserto. As maiores caravanas de comércio tinham recursos que poderiam suprir uma comunidade toda por uma temporada inteira. A perda dessa caravana seria financeiramente devastadora e poderia significar a ruína de uma cidade. Assim, a atratividade econômica de apaziguar Maomé e o medo de oposição a seus assaltantes temíveis começou a crescer. Isso, por sua vez, fez com que seu exército e influência aumentassem e, à medida que aumentavam, o apaziguamento financeiro e a capitulação teológica cresciam ainda mais rápido.

6.6.7. MAOMÉ, O TÁTICO MILITAR

Como tático militar, Maomé mostrou-se brilhante, pelo menos na batalha chave de Badr, em 624 d.C. A história é tão boa quanto qualquer filme de Hollywood e, provavelmente, daria um bom filme se imagens ou representações de Maomé não fossem punidos com sentença de morte. O sucesso é muitas vezes considerado como o nascimento formal do [islã](#), a ascensão de Maomé a um nível de poder regional, a **primeira [jihad](#) comemorativa** e o progenitor da ação de decapitar um inimigo enquanto se grita louvor a Alá.

Richard Bell relatou o que aconteceu: “Pouco depois da Batalha de Badr, uma tribo judaica, Bani Qainuqa, foi privada de seus bens e expulsa de Medina. Os Bani Nadir foram igualmente expulsos cerca de dois anos depois e, finalmente, os Bani Quraiza foram sitiados e, após a rendição de forma discreta, foram mortos, seus bens foram confiscados e suas mulheres e filhos foram escravizados.”

Esse massacre em particular não foi ignorado pelo apologista muçulmano Reza Aslan enquanto ele tentou apaziguar as coisas ao transmitir a ideia de que “não era nem ilegal nem imoral de acordo com a ética tribal da época”. Ele também está na linha da crença de Norman Stillman de que “o fracasso das comunidades judaicas das proximidades em falar contra esse massacre, ou impedi-lo, demonstra sua aprovação tácita de tais matanças”. Essa conclusão é equivalente a acreditar que os judeus que se esconderam com sucesso da “polícia secreta alemã”, a Gestapo durante o nazismo, apoiaram com alegria a execução dos judeus que foram capturados. A razão pela qual alguém não impede o assassinato de seu próximo não se limita à conclusão de que esse alguém é favorável ao assassinato, especialmente quando o assassino se trata de um exército grande e bem equipado.

Começando ali e em outros lugares, os muçulmanos começaram a purgar sua região dos incrédulos. As comunidades cristãs de Medina em todo o norte da Arábia não se saíram melhor do que as judaicas quando resistiram.

6.6.8. A PROPAGAÇÃO DO ISLÃ

Aliviar os judeus, os cristãos e os pagãos de suas vidas e riquezas provou ser não apenas um veículo lucrativo, mas bastante efetivo para fazer convertidos e propagar o islã. Para esse fim, Maomé assegurou aos seus seguidores que faziam as incursões que **era do agrado de Alá que eles retivessem oitenta por cento de tudo o que conquistavam enquanto lutavam pelo islã, fosse propriedade, bens ou escravos**. Os vinte por cento restantes do saque deveriam ser devolvidos a Alá, naturalmente aos cuidados de Maomé.

Pelo menos quando medida pela eficácia na atração de novos membros, essa doutrina de pilhar e matar foi bem recebida. O resultado final foi um exército grande e rico, em certo ponto 30.000 homens fortes, às vezes capazes de “converter” aldeias inteiras sem derramamento de sangue simplesmente sitiando-as. Como os registros do Alcorão e alguns muçulmanos afirmam, tais aldeões cercados “não estavam sob nenhuma compulsão para crer”.

Uma prática alterada viria a ocorrer em torno de 630 d.C., a qual não exigia conversão, mas permitiu que os descrentes em relação ao islã evitassem ser abatidos ao pagar uma pesada taxa de proteção (a *jizya*) e ao renunciar muitos dos seus direitos. Aqueles que foram forçados à conversão também tiveram que pagar um imposto (o *zakat* ou o “imposto de purificação”), mas poderiam, pelo menos, reter direitos anteriores na medida em que correspondiam aos direitos na lei do Alcorão. A proteção em ambos os casos era revogável e expirava após dez anos, a menos que renovada. O pagamento do *zakat* é o segundo pilar do islã e, alternadamente, foi dedicado a financiar o exército ou a ajudar outros muçulmanos. O *zakat* é proibido de ser aplicado a não muçulmanos e, portanto, quando os desastres naturais atingirem lugares como o Haiti, nem um centavo é dado para caridade.

Na vida pessoal, Maomé tinha de nove a doze esposas concorrentes naquela época, uma delas controversamente jovem. Nota-se que a menina era tão jovem que havia uma preocupação pública com a juventude dela, mesmo naquela época. Maomé reagiu mantendo-a completamente velada, escondendo assim a idade de um exame mais aprofundado. Somente depois as seguintes palavras foram escritas nos livros sagrados do islã:

Narrou Aisha: “O Profeta noivou comigo quando eu era uma menina de seis (anos). Nós fomos a Medina e ficamos na casa de Bani-al-Harith bin Khazraj [...] [Minha mãe] me confiou [a algumas mulheres ansari] e elas me prepararam (para o casamento). Inesperadamente, o apóstolo de Alá veio até mim pela manhã e minha mãe entregou-me a ele, e naquela época eu era uma menina de nove anos de idade.” (*Volume 5, Sahih Bukhari 58:234*).

6.6.9. A CONQUISTA DE MECA

Tendo acumulado um exército suficiente depois de uma década de incursões e saques, Maomé finalmente atacou seu próprio clã Coraixita – as tropas coraixitas defendendo Meca. No entanto, sua tentativa de conquistar os protetores de sua antiga cidade natal falhou. Após enfrentar um oponente maior em número, suas próprias forças agora estavam em farrapos. Maomé propôs e assinou um tratado de paz de dez anos com o clã Coraixita – o **Tratado de Hudaybiyyah**.

Dezoito meses depois, no entanto, durante os meses da “trégua sagrada”, Maomé reuniu seu exército revitalizado e atacou de surpresa, derrotando as forças defensivas fora de Meca. Por outro relato, foram os próprios guardas coraixitas que iniciaram a escaramuça, mas Maomé estava providencialmente próximo com uma força armada de 10 mil homens que dispersou o punhado de agressores coraixitas praticamente sem uma briga. Isso é celebrado no islã como o “tratado de paz enganoso” ou a primeira *hudna*.

O vitorioso Maomé se propôs a transformar Meca no centro espiritual e financeiro do seu império islâmico para reter a Caaba reverenciada de Meca (excluindo todos os ídolos, exceto dois) e reter um tempo de trégua sagrada (mais tarde adaptado como *ramadan*, ou ramadã em português). Tudo isso, mais o fato de que os habitantes de Meca não mais se defenderiam, não deixou escolha além de eles reconhecerem que o retorno de

Maomé à cidade ocorreu. Esse retorno é algo que Maomé “profetizou” que ele faria. A realização disso é levantada como prova de que Alá é o verdadeiro deus e Maomé seu maior profeta. O jejum durante o horário diurno do mês do *ramadan* é o terceiro pilar do islã, como um lembrete coletivo do sofrimento que os inimigos do islã desejam sobre todos os muçulmanos.

No entanto, a ameaça de morte da parte de Meca para Maomé, a qual não foi resolvida, também pôde se concretizar. Maomé morreu repentinamente em 632 d.C. A morte dele é atribuída por alguns a uma febre decorrente de um envenenamento realizado por uma serva judaica (indiretamente, Sunnah 5:59:551 e 26:5430). Tendo morrido tão rapidamente e inesperadamente, Maomé não deixou nenhum sucessor claro ou nenhum plano de transição. Dentro de cerca de 100 anos, não haveria mais um único **califa** (líder islâmico cujo significado é “sucessor do mensageiro de Deus”) sobre todos os povos muçulmanos (“a comunidade” ou *umma*).

Um amargo desacordo quanto à forma de como a sucessão deveria proceder acabou em separar o islã em facções, várias das quais continuaram até o presente. Os **xiitas** (*shí’a*, dominantes no Irã) acreditam que os sucessores devem ser da linhagem de Maomé, enquanto os **sunitas** (*sunnis*, dominantes no mundo) acreditam que a escolha do líder pode ser politicamente influenciada. Um antigo assassinato entre os dois grupos parece ter permanentemente configurado o desacordo.

Além disso, após a morte de Maomé, certos muçulmanos expressaram um tipo de medo de que “poder absoluto corrompe absolutamente”. Assim, eles têm receio de consolidar o poder religioso e governamental em um único líder. No entanto, espancamentos e ameaças de morte eventualmente ganharam o debate contra o genro de Maomé, **Ali ibn Abi Talib**, e sufocaram a oposição ao discípulo de Maomé **Abu Bakr**, o qual assumiu o poder sobre ambos os papéis. Bakr tornou-se o novo califa.

A tradição muçulmana agora diz que Maomé era aquele a quem João Batista anunciou, que ele era aquele sobre quem a igreja de Cristo seria construída, que foi ele que Davi disse que ficaria sentado à direita de Deus, que ele seria o cetro de Judá, que ele seria o titular legítimo do título “Filho do Homem”, que ele seria o líder militar conquistador que os judeus procuravam e não encontraram em Jesus, e que ele, Maomé, seria o “grande conforto” prometido por Cristo (nessa linha de raciocínio, supostamente os cristãos erraram em discernir esse “grande conforto” como sendo o Espírito Santo, o qual é descrito como o “outro consolador” de João 14:16-17).

6.7. O ALCORÃO

Tenha paciência com o que [incrédulos] dizem e deixe-os com dignidade. (*Alcorão* 73:10).

[...] Eu irei lançar medo nos corações dos incrédulos. Arranque suas cabeças, então, e arranque todas as pontas dos seus dedos. (*Alcorão* 8:12).

No início, o Alcorão era aprendido de cor como a palavra compreensível de Alá. A princípio, as pessoas se abstiveram de explicar os versículos. Aqueles que eram a favor desse costume diziam que se o Alcorão precisasse de explicação, os humanos teriam que ajudar Alá a fazer sua palavra ser compreendida. Assim, o Alcorão árabe está sendo martelado em milhares de crianças até hoje sem ser explicado. **Os versos milagrosos de Maomé não devem ser pensados nem compreendidos, mas devem ser preservados. Qualquer pensamento crítico sobre o Alcorão não é bem-vindo porque significaria que o intelecto humano se elevaria acima de Alá e tentaria compreendê-lo. Islã, no entanto, significa submissão, o que não deixa espaço para compreensão crítica – mesmo na teologia islâmica!** (*Abd al-Masih, Grace-and-truth.org*).

Desde que deixei o islã radical, sempre encontro ocidentais que ignoram a mentalidade dos islâmicos radicais e, estando em ambos os lados da cerca, me sinto como o capitão Spock de Star Trek – sempre tendo que explicar ao capitão Kirk como os alienígenas pensavam. [Ocidentais] pensam que o mundo muçulmano tem as mesmas aspirações que eles, buscando liberdade, igualdade, modernização, democracia e boa vida [...]. Essa cegueira voluntária é o que ameaça nos matar ainda mais do que Osama bin Laden e sua turma. (*Walid Shoebat, ex-terrorista da OLP*).

Como ex-membro do Jemaah Islamiya, um grupo liderado pelo segundo em comando da al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri, sei em primeira mão que o ensino desumano da ideologia islâmica pode transformar uma mente jovem e benevolente na mente de um terrorista. Sem enfrentar as raízes ideológicas do islã radical será impossível combatê-lo. Embora existam muitas “raízes” ideológicas do islamismo, a raiz principal tem um

nome – salafismo, ou islamismo salafista, uma versão violenta e ultraconservadora da religião. É vital compreender que o ensinamento islâmico tradicional e mesmo dominante aceita e promove a violência. A *shariah*, por exemplo, permite que apóstatas sejam mortos, permite espancar mulheres para discipliná-las, procura subjugar não muçulmanos ao islã como *dhimmi*s e justifica declarar guerra para fazê-lo. Ela exorta os bons muçulmanos a exterminarem os judeus antes do “fim dos dias”. O silêncio quase ensurdecedor da maioria muçulmana contra essas práticas bárbaras é evidência suficiente de que há algo fundamentalmente errado. (*Tawfik Hamid, Wall Street Journal 03/04/2007*).

O mundo viu tumultos, protestos e assassinatos mundiais sobre a alegada manipulação incorreta do livro conhecido como Alcorão. Os incrédulos não podem tocá-lo com as mãos sem luvas, ele nunca deve ser segurado com uma só mão, e assim por diante.

Por todas aquelas vidas que foram brutalizadas ou extinguidas por sua tão chamada “honra”, é necessário um olhar mais atento para entender a razão pela qual alguns pensam que o livro vale a pena. Veja, então, como exatamente o Alcorão “veio do paraíso” para aqui embaixo na Terra...

6.7.1. O QUE SÃO O ALCORÃO, SUNNAH E HADITH?

O **Qur’an**, o qual chamamos de **Alcorão** ou **Corão** em português, é uma coleção de ditos de Maomé, assim como [palavras e visões supostamente divinas dadas a Maomé](#) de tempos em tempos para revelar a seus seguidores. O Alcorão foi compilado após a morte de Maomé a partir daquilo que um grupo de seus seguidores anotou de alguma forma, ou daquilo que podia lembrar que Maomé disse.

Apenas escritos limitados foram feitos antes da morte de Maomé porque a cultura beduína da época não tinha linguagem escrita e, até então, havia pouca necessidade de leis escritas. O xeque de um clã era sua lei e, até certo ponto, a lei era qualquer coisa que o xeque declarasse ser. A mesma autoridade fluida foi concedida a Maomé, o qual expandiu ainda mais essa autoridade no ano em que alegou [autoridade exclusiva](#) sobre todos os aspectos da vida humana.

“Alcorão” significa “recitação”, pois é uma coleção do que Maomé recitou para seus seguidores. “A recitação” também é uma descrição adequada, pois a própria lembrança foi compilada a partir daquilo que os seguidores de Maomé lembraram que ele disse e que ainda podiam recitar.

Hadith são as tradições orais que contam os caminhos de Maomé. Embora semelhantes ao Alcorão, são distintos dele. Os Hadith (histórias ou tradições) são muitas vezes prefaciados por quem os ouviu de quem. Esses relatos não foram finalizados por escrito até mais de um século depois da morte de Maomé. Quando isso foi feito, as histórias foram divididas por tópicos e divididas entre o que se pensava ser de fontes mais confiáveis e menos confiáveis. As mais confiáveis compreendem o que é chamado de **Sunnah**, as demais, simplesmente Hadith.

6.7.2. A HISTÓRIA DO ALCORÃO

No momento da morte de Maomé existiam vários manuscritos diferentes com suas palavras. A maioria deles residia com o punhado de discípulos que serviram como escribas dele. Além disso, acredita-se que cada um dos [“quatro califas corretamente guiados”](#) – seus discípulos mais próximos – tinha suas próprias coleções. A pedido de **Umar bin al-Khattab**, o califa **Abu Bakr** comissionou **Zaid bin Thabit** para reunir e classificar todos os ditos de Maomé com a finalidade de criar uma única coleção mestra.

Zaid fez isso, colocando por escrito o que ele determinou que fossem as palavras mais exatas que se lembrava que Maomé tinha dito. Abu Bakr foi assassinado pouco antes do término do trabalho, então Zaid acabou dando o manuscrito principal a al-Khattab. No entanto, estava bem claro que muitos versos guardados na memória ao redor da Arábia não eram necessariamente a mesma versão ou versões que entraram na coleção escrita de Zaid. Al-Khattab estava sensível a como isso poderia ser recebido e não queria preocupar seus soldados que, naquele momento, estavam envolvidos em importantes campanhas de expansão. Então, silenciosamente, colocou os manuscritos mestres de Zaid para descansar com sua filha Hafsa.

Cerca de dezesseis anos depois, por volta de 650 d.C., o general Hudaifa informou que os exércitos muçulmanos de Kufa e Damasco estavam prestes a guerrear uns com os outros, já que cada um insistia que tinha

se comprometido à memória dos verdadeiros ditos de Maomé (alguns dizem que o ano era 662 d.C.). Zaid foi novamente chamado, dessa vez pelo califa **Uthman bin Affan**, o qual tomou para si o incrível título de “Caliph Allah”, ou “Sucessor de Deus”.

Zaid teve que recuperar sua antiga obra-prima e atualizá-la de forma a evitar uma guerra civil iminente. No entanto, a controvérsia abundou quando Zaid foi acusado de incluir versos não atestados. Foi acusado de que sua coleção mestra original não estava em árabe genuíno e que as diferenças entre manuscritos existentes não estavam sendo devidamente trabalhadas. O califa Uthman, na esperança de acabar com toda essa controvérsia, confiscou todos os antigos manuscritos originais que se conhecia e os queimou. Ele declarou ainda que qualquer muçulmano que não aceitasse a coleção de Zaid era um incrédulo.

Esse ato ousado pode ter simplificado a questão para os novos convertidos, mas as versões anteriores dos ditos de Maomé permaneceram gravadas na memória de seus seguidores de longa data... E essas palavras acabariam por se unir em versões paralelas do Alcorão. Assim, a controvérsia sobre quem tinha o Alcorão real persistiu, e continua a persistir até hoje.

Pouco tempo depois que Uthman destruiu os manuscritos, várias espadas encontraram o caminho até o peito do “Sucessor de Deus” e ele foi sucedido pelo quarto dos “[califas corretamente guiados](#)” – **Ali bin Abi Talib** (os adeptos de Ali eram conhecidos como o partido de Ali – o **Shi’atu Ali** ou simplesmente Shi’a, os xiitas).

Ali magnanimamente concedeu anistia aos assassinos de seu antecessor, sem saber que ele também teria seu trono sucedido – uma espada envenenada o atingiu na cabeça. Mas enquanto ele vivia, como genro de Maomé, ele personificou para sua seita xiita a consolidação da liderança espiritual e política da *umma* (comunidade muçulmana). Ele é lembrado pelos seguidores xiitas como o primeiro *imam*, ou imame em português – “Prova de Deus na Terra”.

Os imames são ditos como sendo infalíveis e sem pecado, criados a partir da luz eterna, e “conhecem o nome secreto de Deus e são os únicos que possuem a orientação espiritual necessária para revelar a verdade interna da fé muçulmana”.

6.7.3. A LINGUAGEM DO ALCORÃO

Há opiniões diferentes sobre a natureza exata do Alcorão, mas a crença prevalecente é que ele contém as palavras exatas de Alá, exatamente como foram faladas a Maomé, exatamente como Maomé as recitava à humanidade, e no árabe exato que Alá falou (independentemente da [história do Alcorão](#)). Por isso, o Alcorão é dito como não sendo mais o Alcorão se for traduzido do árabe para qualquer outro idioma. Apenas na linguagem em que Alá falou – árabe – se acredita que o Alcorão mantém seu poder místico.

As palavras do Alcorão não são apenas honradas por seu conteúdo, mas acredita-se que cada palavra possui um poder benéfico dentro de si, independentemente de se saber o que está sendo dito ou não. Reza Aslan explicou: “Ainda hoje, os muçulmanos de todas as culturas e etnias devem ler o Alcorão em árabe, quer entendam ou não. A mensagem do Alcorão é vital para viver uma vida adequada como um muçulmano, mas são as próprias palavras – o discurso do verdadeiro e único Deus – que possuem um poder espiritual conhecido como *barakah*. [...] As palavras do Alcorão [...] estão embutidas em objetos comuns como copos, tigelas e lâmpadas, de modo que, quando alguém come de um prato adornado com a palavra de Deus, ou ilumina uma lâmpada com um verso corânico gravado nela, esse alguém é capaz de consumir *barakah*, para ser iluminado por ele [...]. As palavras do Alcorão atuam como um **talismã** que transmite o poder divino. [...] Outra maneira pela qual os muçulmanos experimentam o *barakah* é através da arte, ou melhor, da ciência da recitação do Alcorão [...] com regras rígidas que regulam quando é permitido parar durante uma recitação e quando é proibido parar, quando prostrar a si mesmo e quando se levantar, quando respirar e quando não respirar, quais consoantes estressar e por quanto tempo manter cada vogal.”

Qualquer pessoa familiarizada com o antigo uso judeu de filactérios pode ver um curioso paralelo nisso. Em ambos os casos, há uma excessiva ênfase no superficial (o verdadeiro culto de uma coleção de caracteres alfabéticos e o processo de falar), juntamente com um perigoso desrespeito pela substância (apenas enfatizando secundariamente o que as palavras realmente comunicam).

Parafrazeando Bruce Lee em “Enter the Dragon”: “É como um dedo apontado para a Lua. Concentre-se no dedo e você perde toda a glória celestial.” Em outras palavras, isso é tornar-se tão enamorado com as palavras como objetos de reverência que essas palavras se tornam ídolos cujo propósito real não é mais observado. Esse é exatamente o caso de muitos muçulmanos e o Alcorão hoje, conforme Abd al-Masih explicou: “No início, o Alcorão era aprendido de cor como a palavra compreensível de Alá. A princípio, as pessoas se abstiveram de explicar os versículos. Aqueles que eram a favor desse costume diziam que se o Alcorão precisasse de explicação, os humanos teriam que ajudar Alá a fazer sua palavra ser compreendida. Assim, o Alcorão árabe está sendo martelado em milhares de crianças até hoje sem ser explicado. **Os versos milagrosos de Maomé não devem ser pensados nem compreendidos, mas devem ser preservados. Qualquer pensamento crítico sobre o Alcorão não é bem-vindo porque significaria que o intelecto humano se elevaria acima de Alá e tentaria compreendê-lo. Islã, no entanto, significa submissão, o que não deixa espaço para compreensão crítica – mesmo na teologia islâmica!**”

6.7.4. A NATUREZA FLUIDA DO ALCORÃO

Um aspecto interessante e importante do Alcorão é a natureza relativa ou fluida da autoridade inerente às estruturas xeque/clã, e a natureza idêntica de autoridade que os discípulos de Maomé atribuíram aos ensinamentos de Maomé.

Os xeques eram a autoridade central sobre seu clã e a lei era o que o xeque dizia que era. Se a lei mudasse de tempos em tempos, era simplesmente assim que era. Autoridade igual e ainda maior foi atribuída a Maomé. Ele também comunicou instruções que ocasionalmente eram contrárias a algo que ele havia instruído anteriormente. Isso foi aceito com a mesma flexibilidade pragmática permitida aos xeques: um aspecto que eles consideravam como uma força – a capacidade de mudar a lei conforme as circunstâncias garantiam. Como o Alcorão afirma: “Quando quer que ab-roguemos um verso ou fazemos com que ele seja esquecido, nós o trocamos com um melhor ou similar; você não sabe que Deus pode fazer qualquer coisa?” (*Alcorão 2:106*).

No entanto, a morte de Maomé introduziu um problema imprevisto, causando uma das várias divisões ocorridas no islamismo. Essa divisão foi sobre a natureza da vontade de Alá e sua flexibilidade continuada em relação a circunstâncias em constante mudança, ou em relação à sua nova rigidez, enquanto o mediador especial de Alá, Maomé, está morto e se foi. **Essa divisão é o que se traduz hoje em islamismo liberal versus islamismo conservador.**

As seitas liberais do islã acreditam que a lei islâmica tem a intenção de mudar com os tempos exatamente como Maomé mudou eventualmente. Ao fazê-lo, Maomé estava seguindo a tradição honrada dos xeques. O islã conservador discorda e acredita que o que quer que Maomé tenha dito por último está conforme o que Alá pretende agora para que o islã continue sendo para sempre.

Deixando as preocupações dos muçulmanos por um momento, o problema que esse dilema representa para o mundo não islâmico é crítico. As diretrizes em vigor no momento em que Maomé morreu eram hostis aos não muçulmanos. A maior parte dos seus últimos doze anos na Terra foram gastos purgando as regiões árabes de pessoas que não queriam aceitá-lo como o profeta especial de Deus e que se opuseram ao seu império árabe.

Os muçulmanos liberais interpretam essas circunstâncias como meramente relativas ao estabelecimento de seu reino inicial – circunstâncias que entendem que agora não se aplicam – e, portanto, acreditam que os muçulmanos devem retornar às instruções iniciais de Maomé para tolerar outras religiões e descrentes.

Os muçulmanos conservadores, no entanto, veem a ação de Maomé purgando descrentes como a solução final para o problema dos incrédulos em todo o mundo. Eles acreditam que a tolerância anterior de Maomé a outras religiões foi meramente temporária – um tempo de graça que há muito expirou. Os muçulmanos conservadores acreditam que o islã deve continuar a missão de Maomé que foi interrompida com a morte dele – uma missão permanentemente concentrada na crença de que é a vontade de Alá que todos os não muçulmanos sejam mortos ou conquistados.

Qual linha de pensamento islâmica vai vencer? Muitas pessoas prefeririam a linha liberal, mas a linha conservadora está empurrando para o lado de guerra religiosa nuclear global tanto quanto pode. O custo de perder tal guerra é a única coisa mais impensável do que o custo que pode ser necessário para vencê-la.

6.7.5. O ALCORÃO E O UMM AL-KITAB

Já abordamos anteriormente o que os muçulmanos acreditam ser a [relação do Alcorão com a Bíblia](#), o que vamos repetir parcialmente aqui. Maomé às vezes se referiu aos cristãos e judeus como “povo do livro”. Isso não é uma referência, e nem uma reverência, à Bíblia ou à Torá, mas a um livro que se acredita existir no céu – o “**Umm al-Kitab**” ou “Mãe dos Livros”.

Maomé acreditava que o primeiro terço do Umm al-Kitab foi revelado aos judeus – essencialmente o Antigo Testamento. O segundo terço foi revelado aos cristãos – essencialmente, o Novo Testamento e os escritos não inspirados que ele considerou. O último terço foi revelado a si mesmo através das palavras que vieram à sua mente. Maomé acreditava que todos ensinavam a mesma história singular da humanidade.

Há, é claro, grandes diferenças de teologia entre os textos judaico-cristãos e as revelações de Maomé, as quais ele estava pelo menos parcialmente ciente. Ele explicou isso como corrupções que devem ter ocorrido na Torá e na Bíblia.

6.7.6. A RESPEITO DO ALCORÃO

O Alcorão é descrito tipicamente em “*suras*”, ou capítulos, não cronologicamente. O Alcorão, juntamente com Sunnah e Hadith, ocasionalmente são lidos como narrativas históricas, como a Bíblia. No entanto, são mais frequentemente lidos como declarações curtas sobre vida e conduta, não muito diferente do livro bíblico de Provérbios.

No pensamento islâmico, o Alcorão não nega a existência da Bíblia, mas afirma anulá-la. Os “predecessores do Alcorão, como a Torá, os salmos e os evangelhos, foram todos substituídos. É uma obrigação - e uma bênção - para todos [ouvirem] o Alcorão [...]”. De acordo com Muhammed.net: “[O islã] é uma religião que se expande rapidamente por causa do seu apelo cultural e político e sua mensagem universal de paz, temperança e a fraternidade entre os homens.”

A natureza de sua “paz” e o grau exato de sua “temperança” são julgados de melhor forma pela história e por um olhar mais atento sobre seus próprios ensinamentos e praticantes. Devemos continuar a fazê-lo começando com um estudo sobre *nasikh wa mansukh*, ou a **doutrina da ab-rogação**, sem a qual **não se pode interpretar adequadamente os textos do islã ou aplicar suas palavras** (uma leitura obrigatória antes de alguém concluir que conhece a natureza do Alcorão).

6.8. A DOCTRINA DA AB-ROGAÇÃO

Tenha paciência com o que [incrédulos] dizem e deixe-os com dignidade. (*Alcorão 73:10*).

[...] Eu irei lançar medo nos corações dos incrédulos. Arranque suas cabeças, então, e arranque todas as pontas dos seus dedos. (*Alcorão 8:12*).

E quando colocamos uma revelação no lugar de [outra] revelação e Alá sabe melhor o que ele revela – eles dizem: “Você está apenas inventando.” A maioria deles não sabe. Diga: “O Espírito Santo [Gibril] revelou de sua mão com verdade e como uma orientação e boas novas para aqueles que se renderam [a Deus].” (*Alcorão 16:101-102*).

O Ocidente é culpado do antigo erro de projeção, de impor suas próprias ideias, crenças e aspirações à outra pessoa. Quando os ocidentais abordam o islã, eles imaginam que é uma religião como as outras com as quais estão familiarizados – como, digamos, o cristianismo. Eles veem o islã basicamente como mais um item no cardápio religioso disponível em um mundo integrado. O que eles não conseguem entender, no entanto, é que o islã está decididamente fora da tradição ocidental e, portanto, as suposições ocidentais são inadequadas para avaliá-lo. [...] Islã é menos uma fé pessoal do que um plano social e político para organizar a humanidade – na verdade, um sistema de governo. (*Gregory Davis, FrontPageMag.com*).

[Um] livreto distribuído pela embaixada saudita em Washington oferece instruções sobre como “construir um muro de ressentimento” entre muçulmanos e infiéis [...]. “Nunca cumprimente o cristão ou o judeu primeiro. Nunca parabeneze o infiel em seu feriado. Nunca faça amizade com um infiel, a menos que seja para convertê-

lo. Nunca imite o infiel. Nunca trabalhe para um infiel”, citou [Nina] Shea durante uma audiência do comitê [judiciário do Senado]. (*Defense News*, 08/11/2005).

Surgiria no final dos tempos um povo que seria jovem em idade e imaturo em pensamento, mas falaria [de tal maneira] como se suas palavras fossem as melhores entre as criaturas. Eles recitariam o Alcorão, mas ele não iria além de suas gargantas, e eles passariam pela religião como uma flecha atravessa a presa. Então, quando você os encontrar, mate-os, pois ao matá-los você receberá uma recompensa de Alá no Dia do Juízo. (*Sahih Muslim* 5:2328).

Alguns citam o Alcorão para dizer que é a vontade de Alá que os incrédulos sejam mortos e não recebam nenhuma piedade. Outros citam o Alcorão para dizer que é a vontade de Alá que todos devem viver em harmonia juntos. Quem está aplicando o Alcorão corretamente? **A doutrina da ab-rogação nos diz.**

6.8.1. AB-ROGAÇÃO, OU NASIKH WA MANSUKH

O Alcorão é uma coleção de ditos de Maomé que foram ouvidos e memorizados durante um período de vinte e três anos, sujeitos às [reescritas e compilações](#) que observamos anteriormente. Como tal, **o Alcorão acabou sendo organizado por assunto, não por cronologia.** Mais do que poucos desses ditos conflitam em áreas que vão desde o consumo de álcool até a forma como os muçulmanos devem interagir com não muçulmanos. Isso não apenas causou inúmeras disputas sobre quem possuía a melhor lembrança daquilo que Maomé disse, mas também gerou (e ainda representa) outro problema.

Uma vez que a maioria dos muçulmanos de hoje acredita que os ditos qurânicos são todos registrados de forma exata, mesmo os contraditórios, como os muçulmanos distinguem quais os versos que devem acreditar ou obedecer? Essa determinação é feita pelo processo de *nasikh wa mansukh*, que basicamente é traduzido como “ab-rogando do ab-rogado”. **Essencialmente, certos mandamentos do Alcorão revogam ou anulam outros.**

O autor do *website* pró-islâmico Hajj Gibril clarifica: “**Entre os versos do Alcorão contendo ordens ou leis, existem versos que ab-rogam versos previamente revelados e atuados.** Esses versos ab-rogantes são chamados *nasikh* e aqueles cuja validade eles anulam são chamados *mansukh*. A noção comum de ab-rogação, ou seja, cancelar uma lei ou código por outro, baseia-se na ideia de que uma nova lei é necessária por causa de um erro ou deficiência na anterior. É claramente inadequado atribuir um erro na lei a Deus, que é perfeito e cuja criação não admite falhas. No entanto, no Alcorão, os versos ab-rogantes marcam o fim da validade dos versos ab-rogados porque seu atendimento e efeito eram de natureza temporária ou limitada. Com o tempo, a nova lei aparece e anuncia o fim da validade da lei anterior. Considerando que **o Alcorão foi revelado durante um período de vinte e três anos em circunstâncias sempre em mudança**, não é difícil imaginar a necessidade de tais leis. [...] É uma ciência em si mesma no islã conhecer *nasikh* e *mansukh*.”

As diretrizes para a revogação surpreendentemente não dizem respeito à qual declaração é mais consistente com as outras, ou qual poderia ter sido recolhida de forma mais confiável, ou mesmo qual afirmação é verdadeira. **O padrão para determinar o(s) verso(s) em vigor para hoje é: “O que Maomé disse por último?”**

Semelhantemente ao jogo infantil “Simon Says” (“Mestre mandou” em português), o verso qurânico conflitante a ser ab-rogado é simplesmente ab-rogado por aquele que Maomé disse por último. A última declaração sempre ab-roga a anterior.

Tão importante quanto as [condições árabes pré-islâmicas](#) para a formação do islã, assim é a ab-rogação para sua execução. Qualquer um que abra o Alcorão para encontrar uma frase semelhante a “ter paciência com os judeus” e, depois, feche-o com a expectativa de entregar a paz no mundo está em grave erro.

6.8.2. EXEMPLOS DE AB-ROGAÇÃO

Vamos adiante com alguns exemplos específicos de ab-rogação. Essa é a chave para entender a [jihad](#) histórica e a violência crescente hoje. Faruq Sherif escreveu:

Que há casos de ab-rogação no Alcorão é indiscutível, mas as autoridades diferem amplamente na identificação dos versos ab-rogados...

De longe, o maior número de versos mantidos como tendo sido revogados são aqueles que aconselham o profeta a ser paciente com os incrédulos e a lembrar de que ele não é mais do que alguém que alerta, deixando o castigo dos recalcitrantes a Deus. Os versos ab-rogativos, por outro lado, são aqueles que ordenam ao profeta e aos fiéis a lutar e a matar. A seguir são citados, a título ilustrativo, alguns versos de ambos os tipos: os ab-rogados e os que ab-rogam.

Versos ab-rogados: “Diga: ‘Ó homens, eu sou enviado a vocês apenas para dar um aviso claro’” (*Alcorão* 32:48). “Se eles contenderem com você, diga: ‘Deus sabe melhor o que você está fazendo’” (*Alcorão* 32:67). “Repila o mal com o que é melhor” (*Alcorão* 23:98). “Deixe-os [os incrédulos] em sua confusa ignorância por um tempo” (*Alcorão* 33:56). “Seja paciente com o que eles dizem” (*Alcorão* 20:130; 38:16). “Todos estão esperando, então você também espera se você quiser” (*Alcorão* 20:135). “Tenha paciência com o que eles dizem e deixe-os com dignidade” (*Alcorão* 73:10). “Não se apresse contra eles” (*Alcorão* 19:87). “Alerte-os sobre o Dia da Aflição” (*Alcorão* 19:40). “Perdoe e deixe passar” (*Alcorão* 2:103).

Versos que ab-rogam: “A luta é prescrita para você” (*Alcorão* 2:212). “Lute contra aqueles que não creem” (*Alcorão* 9:29). “Lute contra os incrédulos que você encontrar ao seu redor” (*Alcorão* 9:124). “Lute contra eles [os incrédulos] até que a fé de Alá prevaleça” (*Alcorão* 2:189). “Mate os pagãos onde quer que os encontre” (*Alcorão* 9:5). “Mate-os onde quer que você os pegue” (*Alcorão* 2:187).

Por que os versos que ab-rogam são consistentemente os versos mais violentos e menos tolerantes? Uma rápida olhada na vida de Maomé tem finalidade aqui. Versos anteriores e mais indulgentes foram ditados durante [a vida de Maomé em Meca](#). Lembre-se que ele estava afluente, popular e esperançoso de seu novo sistema de crenças. Os últimos versos, ou seja, a última versão da moralidade de Maomé, vieram depois de anos de pouco progresso em atrair seguidores, depois de Maomé e seus seguidores serem destituídos desonrosamente de sua cidade natal, depois da morte de sua primeira esposa e de todos menos um filho, e depois de um confronto com rejeição ainda mais inflexível da parte judaica e cristã [em Medina](#).

6.8.3. A BÍBLIA NÃO ESTÁ CHEIA DE AB-ROGAÇÕES COMO O ALCORÃO?

Alguns acusam a Bíblia de ser igualmente conflitante, ou seja, que ela fornece orientações contraditórias. Por exemplo: as proibições do Antigo Testamento contra a ingestão de carne de porco, pássaros que comem carniça e várias criaturas marinhas – tudo isso contrasta com a aceitação do Novo Testamento de todos os alimentos, desde que o agradecimento seja dado a Deus. Outros exemplos seriam instâncias no Antigo Testamento onde Deus ordenou que uma cidade em particular fosse aniquilada em comparação com os mandamentos de Jesus no Novo Testamento para amar seus inimigos e abençoar aqueles que o amaldiçoam. Qual é a resposta?

Em primeiro lugar, em ambos os casos acima, as instruções citadas do Antigo Testamento eram raras, temporais e extremamente limitadas tanto em escopo quanto em finalidade. Tais instruções foram dadas apenas aos israelitas em uma época específica e em contextos específicos – não são instruções aplicáveis aos cristãos. Essas objeções são abordadas detalhadamente no sétimo estágio deste estudo (objeções). **O ponto é que, ao contrário da moral do Alcorão, a moral bíblica nunca mudou.**

As crenças morais de Maomé (Alá) mudaram ao longo de 23 anos, enquanto as crenças morais de Moisés (Deus) ainda são idênticas. A moralidade dos dez mandamentos da Lei de Moisés é a mesma moralidade aplicada aos cristãos conforme o Novo Testamento. Os princípios do Sermão do Monte de Jesus são os princípios aplicados aos cristãos hoje.

Em nenhuma parte das Escrituras existe um mandamento para “amar ao seu próximo” que é posteriormente ab-rogado por “decapite o seu próximo”. Em nenhum lugar nas Escrituras há um mandamento de “considerar os outros mais do que vocês mesmos” que é mais tarde ab-rogado por “matem todos os estrangeiros e tomem posse de 80% de sua riqueza como sua”.

Não é assim com a moralidade islâmica. Os “versos para matar” são abrangentes no escopo, de ocorrência aberta, não confinados a um pequeno ponto geográfico e, geralmente, não são reservados apenas para uma infração altamente específica. A moralidade do islã tem pouco em comum com a história e os ensinamentos judaico-cristãos, e por boas razões.

Cada sistema de valores segue o caráter daquele de onde veio. As Escrituras refletem um Deus cujo caráter não muda e é o mesmo de era em era. Assim, as instruções e exortações de Deus dadas especificamente para moldar nosso próprio caráter devem ser consistentes de Gênesis até Apocalipse – e elas são.

Em contrapartida, **a literatura islâmica reflete um caráter relativista**. O que era verdade em Meca não era necessariamente verdadeiro em Medina, em termos de caráter, comportamento e muito mais. De quem quer que seja que o islã veio, certamente **seu padrão moral não era imutável, mas conveniente**.

Em segundo lugar, **as Escrituras refletem um Deus que é paciente e longânimo, um Deus que não deseja que ninguém pereça, mas que todos venham a ele voluntariamente para terem a vida eterna**. Essa paciência não é apenas uma característica principal de todo o Novo Testamento, mas também é por isso que **os raros ataques às nações relatadas no Antigo Testamento vieram apenas após séculos de avisos e admoestações**. Deus é amoroso e sempre será assim, mas ele também é rei, juiz e executor – ele não pode ser apenas amoroso e deixar crimes impunes, como estudamos no quinto estágio deste estudo (autoridade).

Em contrapartida, **a literatura islâmica reflete um caráter menos paciente e mais intolerante**. Seja quem for que o islã reflita, não se pode contar que vá agir de maneira moralmente previsível. A aceitação de judeus e cristãos em Meca não continuou dez ou doze anos depois em Medina, nem a tolerância anterior tem sido consistente desde então. Além disso, examinaremos adiante mais duas facetas do islã, [al-taqiyya](#) e [hudna](#), as quais são princípios totalmente antitéticos à moral bíblica.

Em terceiro lugar, **o Deus das Escrituras é santo – absolutamente puro – e a falta de crença nele não pode ser comprada ou minimizada com uma pilha de dinheiro ou de mercadorias roubadas**. No entanto, com Alá, a crença nele após o ano de 630 d.C. perdeu importância porque é possível pagar uma pesada taxa de proteção (a [jizya](#)) para que incrédulos possam viver e “ter alguns direitos” enquanto mantém sua descrença.

Em quarto lugar, **com Deus, o comportamento exemplar sempre é importante, sempre conta, e pessoas serão julgadas de acordo com o amor e o perdão que demonstraram aos outros**. Se [as últimas diretrizes de Maomé devem ser acreditadas como sendo o verdadeiro islã](#), então, com Alá, qualquer coisa pode ser usada ao se lidar com não muçulmanos (mentiras, estupros, assassinatos, espancamentos, escravidões, etc.), ainda que seja de forma limitada. Isso não é apenas a realidade histórica, é o [islã conservador](#), como é praticado hoje em muitos lugares. Nesses povos, como com os terroristas, é efetivamente considerado que Alá recompensa na proporção do sofrimento e dor que são causados aos incrédulos.

O amor, a santidade e a pureza não são verdadeiras características do autor do Alcorão. Então, se os adeptos violentos e intolerantes desse tipo de islã também têm como objetivo exibir ausência de amor, santidade e pureza, devem ser reconhecidos pelo sucesso.

6.8.4. O QUE É NECESSÁRIO?

Com a morte repentina de Maomé, morreu a possibilidade de que suas palavras pudessem retornar à sua disposição mais tolerante. Uma parte do [islã](#) é agora como “uma máquina com seu interruptor amar/matar quebrado e tragicamente configurado para a posição de matar”, uma vez que o operador morreu. O problema que isso representa para o mundo e para o islã é significativo, e até o momento nenhuma ação política palatável está à vista.

Humanamente falando, o medo legítimo da amputação e da morte pode impedir os muçulmanos de contemplarem algumas questões muito importantes sobre suas crenças. Uma pequena minoria acredita que a tradição às vezes pode ab-rogar o Alcorão, mas o custo de se desviar da linha principal é dolorosamente alto.

As comunidades islâmicas funcionam como um coletivo onde a mesquita e o Estado são um e o mesmo, e são praticamente familiares. Todo mundo reza, todos rezam em voz alta juntos e todos se curvam juntos, ombro a ombro, cotovelo com cotovelo, quando rezam. Nada de desvios, nada de pessoas autônomas... Pelo menos em teoria.

Aqueles que se atrevem a se opor a isso a fim de se unir à civilização precisam de toda a ajuda que podemos dar a eles. Eles podem ser nosso melhor impedimento físico contra a contínua [jihad](#).

Em um nível espiritual, dizemos que aqueles que deixaram o islã para Cristo são heróis, a maioria com histórias que você seria feliz em saber que não são suas. Os cristãos precisam agradecer a Deus por eles e precisam orar por todos aqueles que ainda estão sob a escravidão pesada e fatalista do islã. Jesus pode e vai salvar todos aqueles que se dirigirem a ele e permanecerem nele. Todos precisamos de Jesus.

Os muçulmanos não são os reais inimigos, eles são escravos, como tantos outros já foram escravos de algo que os manteve cativos antes de chegarem até Cristo. Se você ainda não se converteu a Cristo, faça-o – veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) e o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). Se você já é cristão, ore e ajude as massas muçulmanas de alguma forma para que elas possam ser habilitadas a fazer o mesmo.

6.9. O PRINCÍPIO DE AL-TAQIYYA

Falar é um meio para alcançar os objetivos. Se um objetivo digno de louvor é alcançável por meio de tanto falar a verdade quanto a mentira, é ilegal realizar por meio da mentira, porque não há necessidade para isso. **Quando é possível alcançar esse objetivo apenas mentindo, mas não dizendo a verdade, é permitido mentir se atingir o objetivo é permitido... E obrigatório mentir se o objetivo for obrigatório.** (*Abu Hammid Ghazali*).

O apóstolo de Alá disse: “Quem está disposto a matar Ka’b bin al-Ashraf que feriu Alá e seu apóstolo?” Então Muhammad bin Maslama levantou-se dizendo: “Ó Apóstolo de Alá! Você gostaria que eu o matasse?” O profeta disse: “Sim.” Muhammad bin Maslama disse: “Então, permita-me dizer uma coisa [dizer uma coisa falsa, ou seja, enganar Ka’b].” O profeta disse: “Você pode dizê-la.” (*Hadith 5:59:369*).

O islã tolera a mentira e alguns estudiosos islâmicos até mesmo consideram que mentir é obrigatório. Se nós disséssemos isso a você, mas não provássemos, você pensaria que estaríamos mentindo? E se estivéssemos mentindo para você, você consideraria isso uma coisa boa ou ruim?

6.9.1. O PRINCÍPIO DE MENTIR HABILIDOSAMENTE

A palavra raiz “*taqiyya*” significa “proteger contra” ou “ocultar”. O princípio de *al-taqiyya* é a justificação islâmica para **mentir e enganar**. *Al-taqiyya* é retirada explicitamente das palavras de Maomé e dos exemplos que ele e seus sucessores estabeleceram.

O Alcorão e outros livros islâmicos toleram a mentira, mas também louvam falar a verdade. Assumindo de momento que essas exortações contraditórias pretendem algum ponto importante (uma verdadeira suposição considerando o princípio em questão) e assumindo que um princípio não [ab-rogou](#) o outro, a mentira aprovada deve ter um contexto. Isso é exatamente o que dizem os estudiosos islâmicos.

As situações ou propósitos para os quais os estudiosos islâmicos julgam coletivamente ser admissível mentir incluem o seguinte: reconciliar argumentos, resolver disputas familiares, resolver argumentos especificamente com esposas ou mulheres, salvaguardar uma vida “inocente” de alguém (ou seja, não para criminosos em julgamento), proteger a vida de outros muçulmanos, defender a honra de alguém, ter sucesso na [jihad](#) ou no combate e difundir a prática do islamismo.

Com a admissão de que os muçulmanos podem mentir sob muitas circunstâncias, confiar em um muçulmano envolve um grau de risco maior do que o esperado para pessoas religiosas. Abordaremos isso mais adiante. No entanto, por enquanto reconheçamos que declarações como a seguinte apenas afirmam essa impressão:

Não é obrigatório praticá-la [*al-taqiyya*] em todos os momentos; pelo contrário, é permitido, e às vezes necessário, abandoná-la [*al-taqiyya*] completamente; como no caso em que a revelação da verdade aumentará a causa da religião e prestará um serviço direto ao islã; (*Al-shaykh Muhammad Ridha al-Mudhaffar*).

Em outras palavras: “Você não precisa mentir o tempo todo – está tudo bem se dizer a verdade às vezes, e isso pode até mesmo ser útil”.

Não é exatamente uma mensagem do calibre do Sermão do Monte.

6.9.2. ATÉ QUE PONTO É PERMISSÍVEL COMEÇAR A MENTIR?

Um ponto de disputa entre diferentes seitas islâmicas é o ponto de saber quando certas situações justificam a mentira. Parece que todas as seitas islâmicas concordam que o engano é bom se o propósito for para promover o islã. No entanto, no que diz respeito a questões menores, as interpretações variam.

A seita xiita, por exemplo, se orgulha de exigir um certo limite de adversidade antes que a mentira se justifique. Um escritor xiita colocou da seguinte forma: “*Taqiyya* deve ser praticada apenas quando há um perigo definido que não pode ser evitado e contra o qual não há esperança de uma luta e vitória bem-sucedida.” Esse escritor xiita fez um contraste com o limite sunita de Wahhabi, mostrando-o como não sendo tão alto. E talvez esse limite sunita esteja incluído entre os mais altos entre os sunitas, pelo menos em termos de não negar a fé, conforme registrado na Wikipedia: “Os sunitas acreditam que Deus decide quando alguém vai morrer. Portanto, eles acreditam que é errado negar a fé para escapar da tortura ou da morte. Em contraste, os xiitas e alguns sunitas acreditam que a vida é um presente de Deus e deve ser preservada [...] a preservação da vida tem precedência sobre qualquer outra coisa [...].”

O *website* al-Islam.org acrescenta essa perspectiva iraniana quando o princípio de *al-taqiyya* pode e não pode ser invocado: “Imam Khomeini, em seu livro ‘Islamic Government’, também apresenta sua visão sobre *al-taqiyya*. Ele acredita que *al-taqiyya* é permitida somente quando a vida de alguém é prejudicada. Enquanto que, nos casos em que a religião de Alá, o islã, está em perigo, não é permitido, mesmo que cause a morte de alguém; [...].”

Uma tendência curiosa surge depois de ser lido bastante material sobre essas discussões da fé islâmica. Os grupos que têm o limite mais indulgente para *al-taqiyya*, ou seja, os grupos que seriam os mais propensos para mentir, parecem ser aqueles que são mais tolerantes com os não muçulmanos. Eles também parecem mais dispostos a trabalhar com o Ocidente. A organização sunita CAIR (Council on American-Islamic Relations – Conselho sobre Relações Americano-Islâmicas) pode ser um exemplo desse grupo.

No entanto, os grupos ou seitas islâmicas com os limites mais estritos, ou seja, os grupos que são os menos propensos a tolerar a mentira, são os praticantes do islã mais intolerantes em relação aos ocidentais. O Irã dominador dos xiitas pode ser um exemplo disso. Um de seus presidentes, Mahmoud Ahmadinejad, e as últimas linhas de aiatolás, certamente não foram os tipos de pessoas para que alguém teria que pedir: “diga o que você realmente pensa”.

Tudo isso levanta uma questão: ao lidar com o islã, devemos nos sentir mais confortáveis em lidar com qual dos dois a seguir?

- Aqueles que dizem querer ser nossos amigos, mas **parecem mais propensos em usar o princípio da mentira**, ou...
- Aqueles que dizem que querem nos varrer da face da Terra, mas **são os menos propensos a mentir?**

Responda essa questão e talvez você devesse concorrer à presidência.

Seguem mais conselhos, citações e justificativas islâmicas para mentir e enganar:

Foi demonstrado na seção de “Fontes Sunitas em Apoio a *al-Taqiyya*” que é permitido mentir para salvar a si mesmo, como afirmou al-Ghazzali; e que é legítimo proferir palavras de descrença como al-Suyuti declarou; e que é aceitável sorrir para uma pessoa enquanto seu coração a amaldiçoa, como al-Bukhari confirmou; e que *al-taqiyya* é uma parte INTEGRAL do próprio Alcorão, como foi mostrado na seção “O Alcorão Fala: *al-Taqiyya* vs. Hipocrisia”; e que foi praticada por um dos mais notáveis companheiros do profeta, ninguém menos que ‘Ammar ibn Yasir [...]. (*Al-Islam.org*).

Após a conquista da cidade de Khaybar pelos muçulmanos, o profeta foi abordado por Hajaj ibn ‘Aalat e disse: “Ó profeta de Alá: eu tenho em Meca algumas riquezas em excesso e alguns parentes, e gostaria de tê-

los de volta; estou desculpado se falar mal de você [para escapar da perseguição]?” O profeta o desculpou e disse: “Diga o que você tiver que dizer.” (*Al-Sirah al-Halabiyyah*).

[...] é aceitável [para um muçulmano] [...] proferir palavras de descrença; e se alguém estiver vivendo em um ambiente onde o mal e a corrupção são a norma generalizada, e as coisas permissíveis (*halal*) são a exceção e uma raridade, então pode-se utilizar o que estiver disponível para atender às suas necessidades. (*Jalal al-Din al-Suyut*).

[Na verdade] nós sorrimos para algumas pessoas, enquanto nossos corações amaldiçoam [essas mesmas pessoas]. (*Narrado em Sahih al-Bukhari, v. 7, p. 102*).

Rejeitar *al-taqiyya* é rejeitar o Alcorão. (*Al-Islam.org*).

O significado é que **a língua pode pronunciar qualquer coisa em um momento de necessidade**, desde que o coração não seja afetado; e a pessoa ainda se sinta confortável com a fé. (*Al-Islam.org*).

Al-taqiyya é minha religião, e a religião de meus ancestrais... Aquele que não pratica *al-taqiyya*, não pratica sua religião. (*Al-imam Ja'far al-Sadiq*).

O profeta disse: “Há algo em sua mente?” ‘Ammar ibn Yasir disse: “Más [notícias]! Eles não me libertariam até que eu difamasse você e louvasse seus deuses!” O profeta disse: “Como você acha que está o seu coração?” ‘Ammar respondeu: “Confortável com a fé.” Então o profeta disse: “Então, se eles voltarem para você, faça a mesma coisa novamente.” (*Abd al-Razak*).

[...] um muçulmano pode fingir ser amigo de infieis (violando os ensinamentos do islã) e até mesmo exibir falsa adesão com sua incredulidade para impedi-los de prejudicar os muçulmanos. Sob esse conceito de *taqiyya*, se sob ameaça de força, é legítimo para os muçulmanos agirem de forma contrária à sua fé. Os devotos são ensinados que, em tais circunstâncias, as seguintes ações são aceitáveis: beber vinho e bebidas alcoólicas, abandonar as orações, pular o jejum durante o ramadã, renunciar à crença em Alá e Maomé, ajoelhar-se em homenagem a uma divindade diferente de Alá e proferir falsos juramentos e alianças. *Al-taqiyya* e dissimulação referem-se à prática de muçulmanos mentirem descaradamente para não muçulmanos, mas o principal vai além da mera mentira para fins de propaganda [...]. O princípio teológico de *taqiyya* significa esconder as verdadeiras crenças e intenções de alguém para confundir os adversários e permitir que os Mujahideen operem livremente entre os inimigos. [...] Palavras de islâmicos são inúteis ou perigosas, não importa o quanto desejemos que sejam verdadeiras. (*Vernon Richards*).

6.9.3. A PRÁTICA DE HUDNA

Hudna é um termo árabe que tecnicamente se traduz em “calma” ou “trégua”, como em uma trégua acordada entre duas nações em guerra. Mas *hudna* não é apenas qualquer trégua ou cessar-fogo. *Hudna* é uma “trégua tática” que tem seus começos com [Maomé](#).

Segundo EmbassyofIsrael.org, obviamente experimentada nos cursos típicos do cessar-fogo islâmico, no ano 628 d.C., ao considerar que suas forças estavam fracas demais para vencer as tribos rivais coraixitas, o profeta Maomé fez um acordo de trégua de dez anos com os coraixitas. Esse acordo tornou-se conhecido como o [Tratado de Hudaybiyyah](#), conforme o local onde foi assinado. No entanto, menos de dois anos depois, tendo consolidado seu poder, as forças muçulmanas atacaram a tribo Coraixita e a derrotaram, permitindo que Maomé conquistasse a cidade de Meca. Desde então, o termo *hudna* foi entendido pelos muçulmanos como **um cessar-fogo tático que se destina apenas a permitir uma mudança do equilíbrio de poder. Uma vez que o equilíbrio de poder tenha mudado, e as bases para uma vitória muçulmana tenham sido estabelecidas, a trégua pode ser quebrada.**

Hudna é o campo de batalha ou aplicação política de [al-taqiyya](#). Seu objetivo é dar a ilusão de desejo de paz enquanto ativamente se mascara um repensar, reagrupar ou rearmar quando se confronta um oponente superior. A citação a seguir é de Omdurman.org sobre o mesmo assunto, afirmando um tipo de engano que é fundamental para o islã: “O que é promovido como um ‘cessar-fogo’ é algo chamado ‘*hudna*’. *Hudna* [também conhecida como *hudbiyya* ou *khudaibiya*] é um cessar-fogo tático que permite aos árabes reconstruírem sua infraestrutura terrorista para ser mais eficaz quando o ‘cessar-fogo’ for cancelado.”

6.9.4. O TERRÍVEL RESUMO

A aceitação entre os muçulmanos de que a mentira é permitida, encorajada, por vezes obrigatória e diversamente aplicada, significa que é necessário ser mais cauteloso do que o habitual ao se considerar confiar neles. Parece uma acusação horrível para qualquer grupo de pessoas, mas é uma questão que é temperada apenas pelo fato de que **todos os muçulmanos não podem concordar em quando e em que ponto devem começar a mentir.**

Como sabemos qual seria o conjunto de “circunstâncias para mentir” aceitável para um determinado muçulmano com quem possamos conversar? Poderíamos perguntar, mas podemos acreditar em sua resposta?

Considere o início do [islã](#), quando se diz que um [ser espiritual confrontou Maomé em uma caverna escura](#). Naquela escuridão, o ser representava as virtudes daquilo que se tornaria o islã. Há muçulmanos que dizem que uma mentira para propagar o islã é aceitável – então, por esse raciocínio, **não há garantia de que o ser tenha falado a verdade para Maomé**. Propagou o islã, não foi? **Se alguém pode dizer mentiras para promover o islã, então não há base para acreditar em nada de bom que se ouça sobre essa religião**. Não estamos dizendo que não há nada de bom nela, mas apenas apontando **a impossibilidade de confiar em um sistema que permite a mentira e falsidade como doutrinas-chave**.

No entanto, um consenso entre os muçulmanos hoje é que todo o mundo é um “campo de batalha” legítimo sobre o qual o islã deve competir e vencer para ser a visão de mundo dominante. Não há problema com isso – a maioria das ideologias competem por uma dominância como essa. Porém, **nesse contexto de campo de batalha, a doutrina de [al-taqiyya](#) poderia ser justificável em praticamente todas as situações e, pelo menos, os muçulmanos radicais a exercem exatamente dessa forma**.

Os muçulmanos podem não concordar em quando invocar *al-taqiyya*, mas não podem negar que **o mundo inteiro é um campo de batalha ideológico**. Qual ideologia pode afirmar ser moral e, ao mesmo tempo, declarar que o mundo todo é como se fosse um campo de batalha em que é possível mentir sem vergonha? Resposta: islã.

Essas doutrinas de “mentira e engano estratégicos”, [al-taqiyya](#) e [hudna](#), mostram **a natureza perigosa do islã** tanto quanto o espancamento de esposas, os homicídios por “honra”, a decapitação e outras práticas que a religião abrange. A única coisa positiva sobre as doutrinas é que elas são tão integrantes do Alcorão e da prática do islã que **não podem ser escondidas**. Nós sabemos sobre elas e, agora, sabemos que podemos e devemos levá-las em conta. Deve ser pesado com muita cautela o que muçulmanos e nações muçulmanas estão nos dizendo e tentando nos fazer acreditar, especialmente no que diz respeito aos chamados “tratados de paz” e “tratados sobre armas nucleares”.

Hadrat Ali disse que no campo de batalha não se pode observar o mais alto padrão da verdade como um muçulmano é exortado a fazer em termos de religião. Por exemplo, **no campo de batalha, é preciso esconder fatos e enganar o inimigo**. (*Al-Islam.org, Hadith Sahih Muslim, Vol. 2, ft. #1446*).

6.10. O QUE É JIHAD – NAS PALAVRAS DELES?

Seus infiéis e déspotas, continuaremos nossa *jihad* e nunca pararemos até que Deus nos favoreça a cortar seus pescoços e levantar a bandeira vibrante do monoteísmo, quando o governo de Deus estará estabelecido governando todas as pessoas e nações. (*Mujahideen Shura Council, 2006*).

[...] vamos nos opor contra o mundo todo e não cessaremos até a aniquilação de todos [os infiéis]. [...] Ou apertaremos as mãos uns dos outros com alegria da vitória do islã no mundo, ou todos nós nos voltamos para a vida eterna e o martírio. (*Ayatollah Ruhollah Khomeini*).

FAIZABAD, Afeganistão – um grupo de clérigos muçulmanos afegãos ameaçou no domingo convocar uma **guerra santa** contra os Estados Unidos em três dias, a menos que sejam entregues interrogadores militares que teriam profanado o Alcorão [...]. “Se isso não acontecer dentro de três dias, lançaremos uma *jihad* contra a América”, disse um comunicado emitido por cerca de 300 clérigos [...]. (*Reuters, maio de 2005*).

O sangue deve fluir. Deve haver viúvas, deve haver órfãos. [...] Conquistamos a terra dos infiéis e espalhamos o islã chamando os infiéis a Alá. (*Fayiz Azzam, 1990*).

Um dos grupos radicais que operam no monte do templo é Hizab Altahrir [...]. O partido coloca a revolução islâmica e uma forma intransigente de *jihād* no topo de sua agenda política. O grupo defende a submissão do mundo inteiro à lei islâmica e a destruição de nações e religiões não crentes. (*Arutz Sheva News*).

Em um trecho de estrada deserta no norte do Iraque, um cachorro armado com explosivos se aproxima de um grupo de policiais iraquianos. Detonada por controle remoto, a bomba despedaça o cachorro, mas não fere os policiais [...]. [O árabe sunita Abdel Salam Kubaisi] chamou a prática de anti-islâmica. “Nossa religião não permite que machuquemos animais” [...]. (*Newsday*, 15/08/2005).

MADRI – Jose Maria Aznar, ex-primeiro-ministro espanhol, defendeu os comentários do papa Bento XVI sobre o islã, dizendo na sexta-feira que o pontífice não precisava se desculpar [...]. Referindo-se à conquista muçulmana de grande parte da Península Ibérica do século oito ao século quinze, Aznar disse: “É interessante notar que, enquanto muitas pessoas no mundo estão pedindo desculpas ao papa por seu discurso, nunca ouvi um muçulmano pedir desculpas por ter conquistado a Espanha e ocupá-la por oito séculos.” (*Gulf News*, 27/09/2006).

Meninas na Indonésia foram recentemente decapitadas por assassinos muçulmanos. No ano passado, os muçulmanos – em nome do islã – assassinaram centenas de crianças em idade escolar na Rússia. Enquanto recitam orações muçulmanas, terroristas islâmicos pegam estrangeiros que trabalham para libertar o Iraque e os massacram. Filhas muçulmanas [em todo o mundo] são assassinadas por suas próprias famílias aos milhares em “assassinatos de honra”. E o governo muçulmano no Irã pediu publicamente o extermínio de Israel. [...] Centenas de milhões de não muçulmanos querem respostas honestas para essas perguntas, mesmo que a única resposta que você ofereça seja: “Sim, temos problemas reais no islã.” Tal reconhecimento é infinitamente melhor – para você e para o mundo – do que nos descartar como antimuçulmanos. Aguardamos sua resposta. (*Dennis Prager*).

SUBURBAN – o clérigo islâmico Abdul Nacer Benbrika queria matar 1.000 australianos para “agradar a Alá” e tinha o apoio de um recruta loiro que havia jurado uma *jihād* violenta durante uma reunião com Osama bin Laden. [...] Manuais religiosos encontrados alegadamente incluíam um intitulado “As Regras Islâmicas sobre o Assassinato de Mulheres, Crianças e Idosos em Situação de Guerra”, e outro chamado “As Virtudes do Martírio no Caminho de Alá”. (*The Australian*, 25/07/2006).

O chamado à *jihād* da parte de Bin Laden, do Hamas, do Hezbollah, da *jihād* islâmica e por inúmeros xeques e imames tem pelo menos isto em comum: o objetivo de matar os não muçulmanos (infiéis). Todos, com razão ou erroneamente, interpretam o islã e o [Alcorão, Hadith e Sunnah](#) para divinamente exercer essa solução fatal.

Essa crença não está apenas em linha com a interpretação histórica da *jihād*... Pode ainda ser a interpretação dominante.

6.10.1. O QUE É JIHAD?

Alguns insistem que *jihād* significa “empenho”, “luta” ou “esforço”, referindo-se a uma luta interna pessoal para se tornar uma pessoa melhor. Outros dizem que isso significa “guerra santa”. A palavra traduz basicamente a frase “luta no caminho de Alá”. Uma vez que existem diferentes seitas dentro do islã, *jihād*, na prática, pode legitimamente ser interpretada em ambos os sentidos.

No entanto, quando pessoas como Mahmoud Ahmadinejad ou Abu Musab al-Zarqawi ameaçam realizar *jihād* com punhos cerrados por uma demanda insatisfeita, eles não estão prometendo desencadear um seminário de autoaperfeiçoamento. Quando os jornais informam sobre “jihadistas” presos por bombardeios ou decapitações, eles não estão falando de gurus de autoajuda como Oprah, Rosie ou Dr. Phil.

A *jihād* que moldou o Oriente Médio há mais de mil anos, a *jihād* aumentando hoje, é a guerra e a intimidação armada em busca da conquista religiosa, financeira e política.

Quanto à questão sobre se a *jihād* violenta se origina mais nos [escritos](#) de [Maomé](#), ou mais nas [tradições](#) de Maomé, ou mais nos [sucessores de Maomé](#), alguém mais pode julgar. Essas origens parecem ser contestadas.

Aqueles que estudam *jihad* entenderão por que o islã quer conquistar o mundo inteiro. [...] O islã diz: qualquer que seja o bem que existe, existe graças à espada e à sombra da espada! **Povos não podem ser obedientes exceto com a espada! A espada é a chave para o paraíso**, o qual só pode ser aberto para guerreiros sagrados! (*Ayatollah Ruhollah Khomeini*).

6.10.2. NAS PRÓPRIAS PALAVRAS DELES

O governo saudita “pediu a todos que percebam que o terrorismo não tem religião ou nacionalidade”, disse um comunicado do gabinete divulgado pela agência oficial de notícias SPA. Ela “alerta contra lançar acusações de terrorismo e fascismo contra os muçulmanos sem levar em conta a **história imaculada** da civilização islâmica”, disse o comunicado. (*Yahoo News, 15/08/2006*).

No que diz respeito à história, concedemos que a civilização islâmica tem sido, pelo menos, consistente. Seja falando do próprio **Maomé, Umar bin al-Khattab, al-Zarqawi, bin Abd al-Rahman al-'Arifi, xeque Mukhlas, Osama Bin Laden, ou do Conselho Mujahideen Shura**, autoproclamados porta-vozes islâmicos continuam a ameaçar o mundo com o mesmo ultimato belicoso que sempre tiveram:

- **Creia, pague (*zakat*) e se submeta, ou...**
- **Pague (*jizya*) e se submeta, ou...**
- **Morra.**

Seria isso uma reação exagerada de nossa parte contra “uma religião que não entendemos”? Considere:

Lute contra aqueles que não creem em Alá. Faça uma guerra santa [...]. Quando você conhecer seus inimigos que são politeístas, convide-os para três cursos de ação [...]. Convide-os para [aceitarem] o islã; se eles responderem a você, aceite-os e desista de lutar contra eles. [...] Se eles se recusam a aceitarem o islã, exija deles a *jizya*. Se eles concordarem em pagar, aceite-os e prenda suas mãos. Se eles recusarem pagar a taxa, procure a ajuda de Alá e lute com eles. (*Sahih Muslim, livro 019, número 4294*).

Convoque as pessoas [para Alá]; aqueles que responderem ao seu chamado, aceite [a conversão] deles [...], mas aqueles que se recusam devem pagar o imposto de votação pela humilhação e humildade (*Alcorão 9:29*). Se eles recusarem isso, significa espada sem clemência. (*Umar bin al-Khattab, 636 d.C.*).

Matar os infiéis é a nossa religião, massacrá-los é a nossa religião, até que se convertam ao islã ou nos paguem tributo (*Abu Musab al-Zarqawi, 2005*).

Nós controlaremos a terra do Vaticano; controlaremos Roma e introduziremos o islã nela. Sim, os cristãos [...] ainda vão ter que nos pagar a *jizya*, com humilhação, ou se converterão ao islã [...]. (*Xeque saudita Muhammad bin Abd al-Rahman al-'Arifi, imame da mesquita King Fahd Defense Academy, abril de 2005*).

Vocês que ainda têm um pingão de fé em seus corações, esqueceram que matar infiéis e inimigos do islã é uma ação que tem uma recompensa acima de nenhuma outra [...]. Você não está ciente de que os modelos para todos nós, o profeta Maomé e os quatro califas legítimos, assumiram o assassinato de infiéis como uma de suas atividades principais, e que o profeta travou operações de *jihad* 77 vezes nos primeiros 10 anos como chefe da comunidade muçulmana em Medina? (*Xeque Mukhlas, 19/12/2005*).

Seus infiéis e déspotas, continuaremos nossa *jihad* e nunca pararemos até que Deus nos favoreça a cortar seus pescoços e levantar a bandeira vibrante do monoteísmo, quando o governo de Deus estará estabelecido governando todas as pessoas e nações. (*Mujahideen Shura Council, 2006*).

As semelhanças entre essas declarações revelam que certas forças hoje desejam continuar com a mesma extorsão e imposição do islamismo como praticado há mais de um milênio antes do presente. Assim, conhecer o lugar da *jihad* na história é tão fundamental para entender as [cruzadas](#) medievais quanto para a compreensão das manchetes de amanhã.

Sendo assim, vamos aceitar o desafio saudita para considerar a “história imaculada da civilização islâmica” antes de tirar conclusões e vamos deixar os jihadistas falarem por si mesmos. Além das citações já mencionadas,

seguem mais referências (em ordem aproximadamente cronológica) abrangendo desde Maomé (em torno de 620 d.C.) até 2005 d.C.:

Então, quando os meses sagrados passarem, mate os idólatras onde quer que os encontre, e leve-os prisioneiros e sitiem-os e espere-os em cada emboscada, e se eles se arrependerem e mantiverem a oração e pagarem a taxa dos pobres, deixe seu caminho livre para eles; (*Alcorão 9:5*).

Eu chamo vocês para Deus e para o islã. Se vocês responderem ao chamado, vocês são muçulmanos: vocês têm os benefícios que eles desfrutaram e assumem as responsabilidades que eles assumem. Se vocês recusarem, então [vocês devem pagar] a *jizya*. Se vocês recusarem a *jizya*, trarei contra vocês tribos de pessoas que são mais ansiosas por morte do que vocês são para a vida. (*Khalid al-Walid, meados dos anos 600 d.C.*).

Jihad é um preceito da instituição divina [...]. Nós malikis afirmamos que é preferível não iniciar hostilidades com o inimigo antes de ter convidado o último a abraçar a religião de Alá, exceto onde o inimigo ataca primeiro. Eles têm a alternativa de se converter para o islã ou pagar o imposto de votação (*jizya*), caso contrário guerra será declarada contra eles. (*Ibn Abi Zayd al-Qayrawani, tardios anos 900 d.C.*).

Em segundo lugar, àqueles a quem o convite ao islã não os alcançou [...] é proibido [...] começar um ataque antes de explicar o convite ao islamismo, informando-os sobre os milagres do profeta e esclarecendo plenamente as provas para incentivar a aceitação da parte deles; se eles ainda se recusarem a aceitar depois disso, guerra é travada contra eles [...]. (*Al-Mawardi, meados dos anos 1000 d.C.*).

[...] deve-se recorrer à *jihad* (ou seja, *razzias* ou ataques de guerra) pelo menos uma vez por ano [...] pode-se usar uma catapulta contra eles [não-muçulmanos] quando estão em uma fortaleza, mesmo que entre eles estejam mulheres e crianças. Pode-se incendiar e/ou afogá-los [...]. Se uma pessoa do *Ahl al-Kitab* ["povo do livro" – judeus e cristãos, tipicamente] é escravizada, seu casamento é [automaticamente] revogado [...]. Pode-se cortar suas árvores [meios de subsistência] [...]. É preciso destruir os seus livros inúteis. Os "jihadistas" podem tomar como saque qualquer coisa que eles decidam [...]. (*Al-Ghazali, tardios anos 1000 d.C.*).

Não é lícito fazer guerra a pessoas que nunca antes tenham sido convocadas para a fé, sem previamente requerer delas que a abracem, porque o profeta assim instruiu [...]. Se os infiéis, ao receberem o chamado, não consentirem a fazê-lo e nem concordarem em pagar o imposto de capitação, é então incumbente aos muçulmanos invocar a Deus para pedir assistência e fazer guerra contra eles [...]; o profeta, além disso, nos ordenou a assim fazer. (*Hidayah do xeque Burhanuddin Ali de Marghinan, tardios anos 1100 d.C.*).

Na comunidade muçulmana, a guerra santa é um dever religioso, por causa do universalismo da missão muçulmana e [a obrigação de] converter todos ao islã, tanto pela persuasão quanto pela força. (*Ibn Khaldun, tardios anos 1300 d.C.*).

Já governamos o mundo antes, e por Alá, chegará o dia em que governaremos o mundo inteiro novamente [...] exceto os judeus [...]. Chegará o dia em que tudo será liberado dos judeus [...]. Ouça ao profeta Maomé, que fala sobre o fim maligno que aguarda os judeus. As pedras e as árvores vão querer que os muçulmanos acabem com todos os judeus. (*Xeque Ibrahim Mudeiris, 2005*).

O islamismo está em conflito fundamental, até mesmo mortal, com o resto do mundo. (*Ex-presidente do Irã Mahmoud Ahmadinejad, 25/05/2005*).

Como disse o profeta Maomé, a *jihad* é o auge do islã (*Xeque Abdallah Basfar, 22/09/2005*).

Considere também esta entrevista do The First Post com o líder islâmico indonésio **Abu Bakr Bashir** em 10/04/2005:

Entrevistador: "O que pode o Ocidente, especialmente os Estados Unidos, fazer para que o mundo seja mais pacífico?"

Abu Bakr Bashir: "Eles têm que parar de lutar contra o islã. Isso é impossível porque é *sunnatullah* (destino, uma lei da natureza), conforme Alá disse no Alcorão. Se querem ter paz, terão que aceitar ser governados pelo islã."

Entrevistador: "Então essa luta nunca vai acabar?"

Abu Bakr Bashir: “Nunca. Essa luta é compulsória. Muçulmanos que não odeiam a América pecam.” (Entrevista com o líder islâmico Abu Bakr Bashir, *The First Post*, 10/04/2005).

Seguem mais citações:

Osama bin Laden quer que os Estados Unidos se convertam ao islã, abandonem a sua constituição, anulem os bancos, encarcerem os homossexuais e assinem o Tratado de Kyoto sobre as alterações climáticas. A primeira coleção completa das declarações sauditas publicadas hoje retrata um mundo em que os inimigos do islã darão os primeiros passos para a salvação ao abraçarem a “religião de todos os profetas”. (*UK Telegraph*, 18/11/2005).

A carta do presidente Ahmadinejad ao presidente Bush, amplamente interpretada como uma abertura pacífica, é de fato uma declaração de guerra. A frase-chave na carta é a saudação de encerramento [...] “*Vasalam Ala Man Ataba'al hoda*”. Isso significa: “Paz somente para aqueles que seguem o caminho verdadeiro.” É uma frase com significado histórico no islã, pois, de acordo com a tradição islâmica, no ano seis da *hejira* – o final dos anos 620 d.C. – o profeta Maomé enviou cartas ao imperador bizantino e ao imperador Sassanid, dizendo-lhes para que se convertam à verdadeira fé do islã ou seriam conquistados. As cartas incluíam a mesma frase que o presidente Ahmadinejad usou para concluir sua carta ao Sr. Bush. Para Maomé, as cartas eram um prelúdio para uma ofensiva muçulmana, uma guerra lançada com o objetivo de impor o domínio islâmico sobre os infiéis. (*New York Sun*, 11/05/2006).

O presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad disse nesta quinta-feira que sua carta ao presidente George W. Bush não diz respeito ao dossiê nuclear, mas um convite ao islamismo e à cultura dos profetas. [...] “A carta era um convite ao monoteísmo e à justiça, que são comuns a todos os profetas divinos. Se a chamada for respondida de forma positiva, não haverá mais problemas a serem resolvidos”, acrescentou o presidente. O presidente disse que a carta continha uma clara mensagem de convite às crenças humanas, acrescentando que sua resposta determinará o futuro. (*IRNA.com*, 12/05/2006).

DUBAI – a al-Qaeda convocou os não muçulmanos, especialmente nos Estados Unidos, que se convertam ao islã e abandonem seus caminhos “equivocados” ou então sofrerão, de acordo com uma fita de vídeo publicada em um *website* no sábado. (*Reuters*, 05/08/2006).

Juro por Deus que não devemos descansar da *jihad* até nós [...] explodirmos a casa mais suja conhecida como a Casa Branca. (*Gravação em áudio do líder da al-Qaeda do Iraque*, 13/11/2006).

De tudo o que temos visto até agora neste estudo, é impossível aceitar a interpretação de que *jihad* significa apenas uma “luta interior pacífica”. Basta colocar essas três palavras no contexto da *jihad* em qualquer uma das citações acima e julgar por si mesmo.

Há grupos como o CAIR (Council on American-Islamic Relations – Conselho sobre Relações Americano-Islâmicas), financiado pela Arábia Saudita, que ainda insistem que *jihad* não tem nada a ver com a violência, mas as únicas pessoas que eles tentam convencer são os não muçulmanos. Grupos como o CAIR (recentemente descoberto como um conspirador não declarado em atividades terroristas) não podem ignorar o fato de que [os apelos de Maomé pela violência durante seus anos em Medina ab-rogaram suas pregações de paz e tolerância em Meca](#).

Ainda assim, se a verdadeira *jihad* realmente se opõe a tudo o que foi citado acima, contra conversões forçadas, sequestros, pilhagens e decapitações, e contra a interpretação literal qurânica em quase todas as passagens em que é discutida, então não é o Ocidente que precisa ouvir – são os muçulmanos que devem ouvir.

CAIR e grupos de mentalidade semelhante, se realmente são sinceros e não estiverem apenas praticando [al-taqiyya](#), devem **levar sua mensagem de que “jihad significa paz” para os jihadistas**. O CAIR prega a tolerância na CNN... Ele prega a tolerância na al-Jazeera? Ele tenta com empenho acalmar os senadores dos Estados Unidos... Ele por acaso se empenha em acalmar os membros da al-Qaeda? Até que ele o faça, ele não é efetivamente mais do que uma quinta coluna plantada na civilização ocidental para incentivar a tolerância da subjugação desarticulada, mas incremental, da parte do islã.

Muito pouco parece pacífico sobre o islã, a chamada “religião da paz”, e nem sequer discutimos as regras para espancar esposas, assassinatos por “honra”, sentenças de morte para vítimas de estupro, amputações públicas

de furtos mínimos, mutilação de criminosos infantis, homens-bomba, ou o sempre popular murmuro “morte à América”.

Esqueça os desenhos animados dinamarqueses de Maomé e os tumultos assassinos que se seguiram. Esqueça falsas alegações de maus tratos contra o Alcorão e os tumultos assassinos que se seguiram. Esqueça as sugestões papais de que os muçulmanos se inclinam para a hostilidade e os tumultos assassinos que se seguiram. Apenas **ouça o que os jihadistas estão dizendo e julgue a paz interior da sua *jihad* por si mesmo.**

Eu estava com fome. Eu adoraria ter comido um sorvete. Quando eu vi, minha boca caiu. Eu deixei cair o sorvete. Eu cancelei meu pedido. Esse foi o momento decisivo da minha vida. O logotipo do Burger King [uma casquinha de sorvete inclinada rodopiando] estava lá em árabe. “Alá” estava escrito exatamente como é lá na Arábia, e o logotipo do Burger King estava onde o *ominah* deveria estar [o logotipo com a casquinha inclinada em movimento de rodopio lembra como “Alá” é escrito na Arábia]. Não tinha como isso ser uma coincidência.

[...] O que mais me irrita é que a maioria das pessoas, quando acabava de tomar o sorvete, olhava para ele e dizia: “Bela casquinha. Belo *design*. Belo *design* de casquinha.” Eles davam risadinhas. Isso é desrespeitoso.

[...] Mesmo que isso não signifique nada para algumas pessoas e que possa não significar nada para alguns muçulmanos neste país, isso é a minha *jihad*. Não vou descansar até encontrar a pessoa responsável. Eu vou levar esse país abaixo. (*Rashad Akhtar, UK Telegraph, 25/05/2005*).

6.10.3. JIHAD – OS PRIMEIROS 1.300 ANOS

CAIRO, Egito – a al-Qaeda no Iraque alertou o papa Bento XVI na segunda-feira que sua guerra contra o cristianismo e o Ocidente continuará até que o islã domine o mundo, e o líder supremo do Irã pediu mais protestos contra os comentários do pontífice sobre o islã. [...] **“Você e o Ocidente estão condenados”** [...]. (*Associated Press, 19/09/2006*).

TEERÃ, Irã – na conferência de Teerã de 26 de outubro de 2005, [o presidente do Irã, Mahmoud] Ahmadinejad falou [...]. Ahmadinejad disse que o Irã desenvolveu um “plano de preparação de guerra” estratégico para o que chama de **“destruição da civilização anglo-saxônica”**. (*World Net Daily, 17/10/2006*).

JERUSALÉM – dois jornalistas sequestrados em Gaza foram libertados ilesos hoje depois de serem forçados, sob a mira de uma arma, a dizer em um vídeo que haviam se convertido ao islã. (*New York Times, 27/08/2006*).

Site islâmico oferece dicas sobre como matar estrangeiros na Arábia Saudita [...]. “Para cumprir a missão, quando chegar a hora, você deve possuir uma arma (revólver ou submetralhadora), ou uma boa faca, se estiver interessado em massacrar o infiel [...]. (*Ynet News, 25/08/2006*).

Um clérigo linha-dura ligado ao poderoso movimento islâmico da Somália pediu aos muçulmanos que “cacem” e matem o papa Bento XVI por seus comentários controversos sobre o islã [sendo historicamente espalhado pela espada]. Xequê Abubakar Hassan Malin exortou os muçulmanos a encontrar o pontífice e puni-lo por insultar o profeta Maomé e Alá [...]. “Quem ofender nosso profeta Maomé deve ser morto no local pelo muçulmano mais próximo” [...]. (*The Age, 18/09/2006*).

Pois resolvi, sem retardar o tempo, arruinar você e seu povo, tomar o império alemão de acordo com minha vontade e deixar no império uma comemoração de minha terrível espada, para que ela possa aparecer a todos, e será um prazer para mim dar um estabelecimento público de minha religião e perseguir seu Deus crucificado, cuja ira não temo, nem sua vinda em sua assistência, para livrá-lo de minhas mãos. De acordo com meu prazer, colocarei seus sacerdotes sagrados no arado e exporei os peitos de suas matronas para serem sugados por cães e outros animais. Portanto, você fará bem em abandonar sua religião, ou então darei ordem para consumi-lo com fogo. (*Trecho da declaração de guerra otomana contra o imperador Leopoldo*).

Séculos de *jihad* forçaram o islã contra cidadãos europeus e do Oriente Médio com pena de morte. Isso precedeu e, em grande medida, causou as [cruzadas](#).

No entanto, alguém pensaria que as cruzadas vieram do nada, a julgar por quão raramente esse assunto é explicado. Mas agora não se passa nem um único mês sem que um indivíduo ou grupo exija uma *jihad* global contra os Estados Unidos ou algum outro grupo.

Os não muçulmanos costumam entender mal a razão pela qual os jihadistas islâmicos querem guerrear contra eles, uma vez que poucos sabem ou vão admitir a história do islã. Assim, o silêncio contínuo sobre a história da *jihad* islâmica está errado.

Examinemos o legado da chamada “religião da paz”. A *jihad* violenta e seus defensores provavelmente estão ameaçando o Ocidente enquanto você lê isto. Não se pode saber com certeza quais dessas ameaças são críveis e quais são bravatas vazias, mas algumas frações são reais. A *jihad* islâmica está matando pessoas em todo o mundo – um número que aumenta a cada semana.

Essa raiva contra a civilização não é novidade. Os primeiros mil anos de *jihad* islâmica levaram muito mais vidas do que os ataques de 11 de setembro e espalharam um terror muito maior. Os muçulmanos primitivos mataram sistematicamente grandes porções de seus vizinhos não islâmicos. Seus guerreiros jihadistas avançaram para o norte tentando converter ou erradicar grande parte da Europa. ***Jihad era, como é agora, principalmente um produto da teologia islâmica*** – não exatamente uma reação contra as políticas americanas, George Bush, a decadência ocidental ou qualquer outra coisa. **O Ocidente tem sua parcela de vícios e deficiências, mas foram séculos de *jihad* islâmica que provocaram o violento impulso defensivo da Europa, referido como a Primeira Cruzada.**

A história da *jihad* islâmica que fez que a Primeira Cruzada ocorresse é brevemente resumida a seguir. Analise a linha do tempo, se coloque no lugar da Europa, e pergunte a si mesmo em que ponto você teria solicitado um contra-ataque.

622 d.C. Maomé e cerca de 75 a 200 seguidores foram expulsos de Meca. Eles foram convidados a se refugiar na comunidade agrícola de Medina. Chegaram em 24 de setembro de 622 d.C. Por [várias razões](#), Maomé e seu Muhajirun estabeleceram um sindicato religioso. A resistência para reconhecer a autoridade religiosa de Maomé ali foi, talvez, a primeira envolvida em violência registrada na história.

623 d.C. Maomé adotou a legitimada prática beduína de incursão e assassinato contra caravanas emboscadas. Os ataques de invasão em Waddam, Safwan e Dul-A’Ashir ocorreram.

624 d.C. Um vasto comboio mercante anual de grande valor partiu da Síria e se dirigiu para Meca. Foi apoiado por muitas tropas bem conscientes da reputação de Maomé àquela altura. Em março de 624 d.C., Maomé fez uma emboscada contra essa caravana em Badr, com sucesso. Sua estratégia de superação de números superiores é creditada a táticas astutas e, talvez pela primeira vez, pela promessa de orgias celestiais e riqueza para todos aqueles que morreram enquanto lutaram por ele. O golpe financeiro para Meca foi significativo, e a nova riqueza para Maomé e seu Muhajirun ainda mais significativa. Ainda em 624 d.C., ataques foram feitos contra Bani Salim, Eid-ul-Fitr, Zakat-ul-Fitr, Bani Qainuqa, Sawiq, Ghatfan e Bahran.

625 d.C. Ataques feitos em Uhud, Humra-ul-Asad, Banu Nudair e Dhatur-Riqa.

627 d.C. Batalha da Trincheira (onde Maomé foi significativamente ferido). Batalhas adicionais foram travadas contra Ahzab, Bani Quraiza, Bani Lahyan, Ghaiba e Khaibar.

628 d.C. Incapaz de alcançar a vitória sobre o clã Coraixita de Meca, Maomé assinou o [al-Hudaybiyyah](#) – um tratado de paz de dez anos.

630 d.C.: dezoito meses depois de assinar o cessar-fogo acordado, Maomé organizou suas forças fora de Meca. Durante os meses da trégua sagrada, ele fez um ataque surpresa e conquistou as forças do clã Coraixita. Sua violação do tratado de paz foi celebrada como a primeira *hudna*. Ainda em 630 d.C., dois anos antes da morte de Maomé por causa de uma febre (provavelmente decorrente de envenenamento), ele lançou as Cruzadas de Tabuk, onde ele liderou 30 mil “jihadistas” contra os cristãos bizantinos. Ele tinha ouvido um relatório sobre um enorme exército que havia sido acumulado para atacar a Arábia, mas o relatório acabou por ser um falso rumor. O exército bizantino nunca se materializou. Maomé se virou e foi para casa, mas não antes de extrair “acordos” das tribos do norte. **Elas puderam desfrutar do “privilegio” de viver sob a “proteção” islâmica (entenda isso como “não ser atacado pelo islã”), com o pagamento de uma taxa. Essa taxa preparou o cenário para as políticas de Maomé e dos califas posteriores. Se a cidade ou região atacada não quisesse se converter ao islamismo, deveria pagar uma**

taxa – jizya. Caso se convertesse, pagaria outra taxa – zakat. De qualquer forma, dinheiro era direcionado ao tesouro islâmico na Arábia ou ao governador muçulmano local.

632-634 d.C. Sob o califado de Abu Bakr, os muçulmanos reconquistaram politeístas da Arábia, às vezes conquistando pela primeira vez alguns deles. Esses politeístas árabes ou se converteram ao islã ou morreram. Eles não tiveram a escolha de permanecer em sua fé e pagar uma taxa para viver.

633 d.C. Muçulmanos liderados por Khalid al-Walid, um comandante militar superior e sanguinário a quem Maomé apelidou de “Espada de Alá” por sua ferocidade na batalha (Tabari 8:158/1616-17), conquistou a cidade de Ullays ao longo do rio Eufrates (no atual Iraque). Khalid capturou e decapitou tantos que um canal próximo, para o qual o sangue fluiu, foi chamado “Canal do Sangue” (Tabari 11:24/2034-35). Ainda em 633 d.C., ataques adicionais foram travados contra Omã, Hadramaut, Kazima, Walaja, Ulleis e Anbar.

634 d.C. Na Batalha de Yarmuk, na Síria, os muçulmanos derrotaram os bizantinos. Posteriormente, até mesmo Osama bin Laden se inspirou na batalha e, especialmente, em uma anedota sobre Khalid al-Walid... Osama bin Laden citou Khalid e disse que seus combatentes adoram a morte mais do que nós, no Ocidente, amamos a vida. Ainda em 634 d.C., ataques adicionais foram realizados em Basra, Damasco, Ajnadin, Namaraq e Saqatia. Cerca de 4.000 camponeses judeus, cristãos e samaritanos foram executados de Gaza a Cesareia. O cronista muçulmano Baladhuri mais tarde gravou, no século 9 d.C., que 40 mil judeus haviam sido destruídos com sucesso em Cesareia até sua época. Abu Bakr também solicitou guerra contra infiéis.

634-644 d.C. O califado de Umar ibn al-Khattab, o qual é considerado como particularmente brutal.

635 d.C. Muçulmanos sitiaram e finalmente conquistaram Damasco. Batalhas adicionais de Bridge, Buwaib e Fahl.

636 d.C. Muçulmanos derrotaram decisivamente os bizantinos na Batalha de Yarmuk.

637 d.C. Muçulmanos conquistaram o Iraque na Batalha de al-Qadisiyyah (alguns a datam em 635 ou 636 d.C.).

638 d.C. Derrotando as forças romanas, muçulmanos conquistaram e anexaram Jerusalém, tomando-a dos bizantinos.

638-650 d.C. Muçulmanos conquistaram o Irã, exceto ao longo do Mar Cáspio.

639 d.C. Milhares morreram de fome dentro e ao redor de Constantinopla devido aos campos destruídos e queimados por invasores islâmicos.

639-642 d.C. Muçulmanos conquistaram as forças egípcias.

641 d.C. Muçulmanos controlaram a Síria e a Palestina.

642 d.C. Batalha de Ravy, na Pérsia.

643 d.C. Conquista do Azerbaijão.

643-707 d.C. Muçulmanos conquistaram a África do Norte.

644 d.C. O califa Umar foi assassinado por um persa prisioneiro de guerra. Uthman ibn Affan foi eleito terceiro califa, considerado por muitos muçulmanos como mais gentil do que Umar.

644-650 d.C. Muçulmanos conquistaram Chipre e Tripoli no norte da África e estabeleceram o domínio islâmico no Irã, no Afeganistão e em Sind.

648 d.C. A campanha bizantina começou.

656 d.C. O califa Uthman foi assassinado por soldados muçulmanos descontentes. Ali ibn Abi Talib, genro e primo de Maomé que se casou com a filha da primeira esposa do profeta, Fatima, foi estabelecido como califa.

656 d.C. Batalha do Camelo, na qual Aisha, a esposa de Maomé, conduziu a uma rebelião contra Ali por não vingar o assassinato de Uthman. Os partidários de Ali venceram.

657 d.C. Batalha de Siffin entre Ali e o governador muçulmano de Jerusalém, a arbitragem foi contra Ali.

658 d.C. Batalha de Nahrawan.

659 d.C. O Egito finalmente caiu diante dos islâmicos.

661 d.C. Assassinato de Ali por um extremista. Os adeptos de Ali aclamaram seu filho Hasan como o próximo califa, mas ele entrou em acordo com Muawiyah I e se retirou para Medina.

661-680 d.C. Califado de Muawiyah I. Ele fundou a dinastia Omíada e transferiu a capital de Medina para Damasco.

673-678 d.C. Os árabes sitiaram Constantinopla, capital do Império Bizantino.

680 d.C. Massacre de Hussein (neto de Maomé), sua família e seus apoiantes em Karbala, no Iraque.

685 d.C. Durante o califado de Abd-al-Malik, agricultores cristãos do Neguebe e de Samaria foram expulsos. Pilhadas e abandonadas, as fazendas se tornaram desoladas.

687 d.C. Batalha de Kufa.

691 d.C. O Domo da Rocha foi concluído em Jerusalem, seis décadas após a morte de Maomé.

700-720 d.C. Abd al-Malik escolheu cristãos para a conversão forçada ao islamismo ou morte – muitas vezes por crucificação.

705 d.C. Abd al-Malik restaurou o governo da dinastia omíada.

710-713 d.C. Muçulmanos conquistaram o baixo Vale do Indo.

711-713 d.C. Muçulmanos conquistaram a Espanha e impuseram o reino de Andalus. Também invadiram Gibraltar.

713 d.C. Conquista de Multan.

716 d.C. Invasão de Constantinopla.

719 d.C. Cordova, na Espanha, se tornou governada pelos árabes.

732 d.C. Muçulmanos foram parados na Batalha de Poitiers/Batalha de Tours, isto é, os francos (França) detiveram o avanço muçulmano.

741 d.C. A Batalha de Bagdoura na África do Norte.

746 d.C. A Batalha de Rugar Thutha.

749 d.C. Os abássidas conquistaram Kufah e destronaram os omíadas.

750 d.C. A Batalha de Zab.

756 d.C. Fundação de um emirado de omíadas em Cordova, Espanha, estabelecendo um reino independente dos abássidas.

762 d.C. Fundação de Bagdá.

768 d.C. A Batalha de Ravy.

772 d.C. O califa al-Mansur visitou Jerusalém e ordenou que uma marca de identificação fosse carimbada nas mãos de todos os cristãos e judeus.

777 d.C. A Batalha de Saragoça na Espanha.

785 d.C. Fundação da Grande Mesquita de Cordova.

786-809 d.C. Durante o califado de Harun al-Rashid, cristãos e judeus foram obrigados a usar tecidos de identificação amarelos em suas roupas. Eventualmente, amarelo foi usado para significar um judeu e azul usado para identificar um cristão. Nem os judeus nem os cristãos foram autorizados a usar verde – verde foi reservado para ser usado apenas pelos muçulmanos.

789 d.C. Ascensão de emirados idríssidas (combatentes muçulmanos) em Marrocos. Fundação de Fez. Christoforos, um muçulmano que se converteu ao cristianismo, foi executado.

800 d.C. Dinastia autônoma aglábida (combatentes muçulmanos) na Tunísia.

807 d.C. O califa Harun al-Rashid ordenou a destruição das casas de oração não muçulmanas e da Igreja de Maria Madalena em Jerusalém.

809 d.C. Aglábidas (combatentes muçulmanos) conquistaram Sardenha, Itália.

813 d.C. Cristãos na Palestina foram atacados, muitos deixaram o país.

831 d.C. Muçulmanos capturaram Palermo, Itália. Incurções no sul da Itália.

847-861 d.C. Sob comando do califa al-Mutawakkil, mais uma vez cristãos e judeus foram obrigados a usar tecidos de identificação azuis e amarelos, respectivamente.

850 d.C. O califa al-Matawakkil ordenou a destruição das casas de oração não muçulmanas. Ordenou também que cristãos e judeus anexassem diabos de madeira nas portas de suas casas.

855 d.C. Revolta dos cristãos de Hims (Síria).

837-901 d.C. Aglábidas (combatentes muçulmanos) conquistaram a Sicília, Itália, e fizeram incurções em Córsega, França.

869-883 d.C. Revolta dos escravos negros no Iraque.

909 d.C. Ascensão do califado fatímida na Tunísia. Esses muçulmanos ocuparam a Sicília e Sardenha.

928-969 d.C. Reavivamento do contingente militar bizantino, retomando antigos territórios, tais como Chipre (964 d.C.) e Tarso (969 d.C.).

937 d.C. Ikhshid, um governante muçulmano particularmente rigoroso, escreveu ao imperador Romanus, vangloriando-se do seu controle sobre locais sagrados. Também em 937 d.C., a Igreja da Ressurreição (conhecida como Igreja do Sepulcro Sagrado no ocidente latino) foi queimada por muçulmanos. Mais igrejas em Jerusalém foram atacadas.

960 d.C. Conversão dos turcos qarakhaniid ao islã.

966 d.C. Rebeliões anticristãs em Jerusalém.

969 d.C. Fatímidas (combatentes muçulmanos) conquistaram o Egito e fundaram Cairo.

970 d.C. Seljuques entram nos territórios islâmicos conquistados do Oriente.

973 d.C. Israel e o sul da Síria foram novamente conquistados pelos fatímidas.

998-1030 d.C. As dezessete campanhas índias de Mahmud de Ghazna.

1003 d.C. Primeiras perseguições por parte de al-Hakim. A igreja de São Marcos em Fustat, Egito, foi destruída.

1009 d.C. Saque e destruição da Igreja da Ressurreição por al-Hakim (ver 937 d.C.), o que também incluiu a remoção da fundação física e do cemitério adjacente.

1012 d.C. Início dos decretos opressivos de al-Hakim contra judeus e cristãos. Decretos como o uso de turbantes negros, cristãos tendo que usar uma cruz de um côvado de comprimento e do peso de um "ratl" ao redor de seus pescoços, judeus tendo que usar um bezerro de madeira do mesmo peso ao redor de seus pescoços...

1015 d.C. Terremoto na Palestina. O Domo da Rocha entrou em colapso.

1031 d.C. Colapso do califado omíada e estabelecimento de 15 dinastias menores e independentes por toda Andalus muçulmana.

1048 d.C. Reconstrução da Igreja da Ressurreição completada.

1050 d.C.: criação do movimento almorávida (combatentes muçulmanos) na Mauritânia. Almorávidas (também conhecidos como Murabitun) eram coalisões de berberes do oeste, seguidores do islã, focando no Alcorão, Hadith, e na lei maliki.

1055 d.C. O príncipe Seljuque, Tughrul, entrou em Bagdá. Consolidação do sultanato seljuque. Confiscação da propriedade da Igreja da Ressurreição.

1066 d.C. Uma multidão árabe se apoderou do vizir de Granada, na Espanha, Joseph HaNaid, e crucificou-o. Os muçulmanos massacraram o bairro judeu da cidade naquela noite, 30 de dezembro – cerca de 5.000 assassinados.

1071 d.C. Batalha de Manzikert, turcos seljuques (combatentes muçulmanos) derrotaram bizantinos e ocuparam muito da Anatólia. Turcos (combatentes muçulmanos) invadiram a Palestina.

1073 d.C. Conquista de Jerusalém pelos turcos (combatentes muçulmanos).

1075 d.C. Seljuques (combatentes muçulmanos) capturaram Niceia (Iznik) e a tornaram sua capital na Anatólia.

1076 d.C. Almorávidas (combatentes muçulmanos, veja 1050 d.C.) conquistaram o oeste de Gana.

1077 d.C. Atsiz ibn Uwaq marchou em Jerusalém prometendo dar alojamento às pessoas. Os portões foram abertos para ele, por onde suas forças mataram 3.000. Uwaq prosseguiu a repetir variantes desse subterfúgio bem-sucedido em Ramla, Gaza, al-'Arish, Damasco e Jaffa.

1085 d.C. Toledo é tomada de volta por exércitos cristãos.

1086 d.C. Almorávidas (combatentes muçulmanos, veja 1050 d.C.) mandaram ajuda para Andalus, Batalha de Zallaca.

1090-1091 d.C. Almorávidas (combatentes muçulmanos, veja 1050 d.C.) ocuparam toda Andalus, exceto Saragoça e Ilhas Baleares.

1094 d.C. O imperador bizantino Alexius Comnenus I pediu ajuda à cristandade ocidental contra as invasões de seljuques no seu território (seljuques são uma família muçulmana turca de origens orientais, veja 970 d.C.).

1095 d.C.: o papa Urbano II pregou a Primeira Cruzada, composta em grande parte de voluntários civis. O impulso inicial foi completamente abatido. Uma segunda tentativa de soldados do governo capturou Jerusalém em 1099 d.C. No século vinte, todas as provocações anteriores mencionadas acima foram esquecidas por muitos. Ocorreu então o mal-entendido de alguns em considerar que esse ano é o ano em que o cristianismo passou para uma sequência de matanças sem sentido.

1165 d.C. Judeus no Iêmen foram forçados a se converter ao islã ou morrer.

1275 d.C. Judeus no Marrocos foram forçados a se converter ao islã ou morrer.

1333 d.C. Judeus em Bagdá foram forçados a se converter ao islã ou morrer.

1453 d.C. A conquista de Constantinopla.

1465 d.C. Grupos de pessoas Fez-árabe tentaram purgar todos os judeus residentes, deixando vivos apenas 11 de milhares.

1678 d.C. Judeus no Iêmen novamente foram forçados a se converter ao islã ou morrer.

1683 d.C. Aproximadamente durante o tempo em que um nervoso rei Luís XIV da França estava cortando um acordo com o sultão Mehmet IV do Império Otomano, *hussars* poloneses liderados pelo rei Jan Sobieski realizaram um ataque devastador contra as forças superiores do sultão nos portões de Viena. Foi tão bem-sucedido e tão chocante para o exército muçulmano que essa batalha de 12 de setembro viu o último cerco turco de Viena e foi o ponto de virada na expansão armada de mil anos do islamismo. As fronteiras do norte do Império Otomano apenas diminuíram desse momento em diante.

1785 d.C. Ali Burzi Pahsa tentou purgar a Líbia dos judeus.

1790-1792 d.C. Judeus no Marrocos foram forçados a se converter ao islã ou morrer.

1804-1817 d.C. Conquista do oeste da África por Uthman Dan Fodio.

1805 d.C. Muçulmanos de Alger massacraram judeus.

1815 d.C. Muçulmanos de Alger massacraram judeus.

1830 d.C. Muçulmanos de Alger massacraram judeus.

1864-1880 d.C.: Trezentos judeus mortos em Marraquexe, Marrocos.

1894 d.C. Turcos otomanos massacraram mais de 200.000 cristãos armênios.

1915 d.C. Um adicional de 600.000 a 800.000 armênios massacrados pelo governo islâmico e suas propriedades foram confiscadas por protestarem contra a Lei Sharia em seu país.

Agora que você examinou essa linha do tempo, considere novamente a seguinte citação:

O governo saudita “pediu a todos que percebam que o terrorismo não tem religião ou nacionalidade”, disse um comunicado do gabinete divulgado pela agência oficial de notícias SPA. Ela “alerta contra lançar acusações de terrorismo e fascismo contra os muçulmanos sem levar em conta a **história imaculada** da civilização islâmica”, disse o comunicado. (*Yahoo News*, 15/08/2006).

Ainda não acabou...

6.10.4. *JIHAD* – DE 1917 A 2006 [20]

Juro por Deus que não devemos descansar da *jihad* até nós [...] explodirmos a casa mais suja conhecida como a Casa Branca. (*Gravação em áudio do líder da al-Qaeda do Iraque, 13/11/2006*).

A face do terror não é a verdadeira fé do islã. Não é disso que se trata o islã. Islã é paz. (*George W. Bush, 17/09/2001*).

Três meninas cristãs do ensino médio foram decapitadas como um “troféu” do ramadã por militantes indonésios [...]. As cabeças decepadas das meninas foram jogadas em sacos plásticos em seu vilarejo na província de Sulawesi central, devastada por conflitos, na Indonésia, junto com uma nota manuscrita ameaçando com mais ataques desse tipo [...]. Hasanuddin supostamente voltou de uma visita a membros do grupo islâmico das Filipinas, a Frente de Libertação Islâmica Moro [...] (*The Australian, 09/11/2006*).

George Bush está tentando apodrecer o islã por dentro e os Estados Unidos estão atacando os muçulmanos indonésios com ideias. É por isso que estou lutando contra os Estados Unidos. [...] O sistema democrático não é o caminho islâmico. É proibido. A democracia é baseada nas pessoas, mas o estado deve ser baseado na lei de Deus – eu chamo de alacracia. (*Abu Bakr Bashir*).

Os muçulmanos levam sua religião muito a sério e os não muçulmanos devem apreciar isso e também devem entender que podem haver sérias consequências se você insultar o islã e o profeta. Quem insultar a mensagem de Maomé estará sujeito à pena de morte. (*Anjem Choudary, 22/09/2006*).

[Durante o quinto aniversário do 11 de setembro] a al-Jazeera divulgou calmamente um vídeo de Osama bin Laden antes do 11 de setembro [...]. O filme mostra Osama bin Laden desfilando por seu campo terrorista no Afeganistão – e abençoando aqueles que estavam preparando os ataques suicidas de 11 de setembro. [...] Em vez de ter qualquer reclamação precisa contra a América, esses assassinos mostraram que sua dor surgiu de seu próprio sentimento de inveja e fracasso coletivo – como atestam as referências agora muito familiares a “ser humilhado” e perder a honra, como atesta a fita. (*Victor Davis Hanson, 14/09/2006*).

Não existe algo irreal. Assim como Israel [...]. Assim como Hitler lutou contra os judeus – somos uma grande nação islâmica da *jihad* e também devemos lutar contra os judeus e queimá-los. (*Hisham Sham'as na al-Manar TV, 16/12/2005*).

A decisão de matar os americanos e seus aliados – civis e militares – é um dever individual de todo muçulmano [...]. (*Fatwa de Osama bin Laden, 1998*).

Muhammad Sharaf al-Din [para as crianças na plateia]: “Ruqaya, o que você aprendeu com o programa de hoje?” Voz de Ruqaya: “Aprendi que os judeus são o povo da traição [...]” Muhammad Sharaf al-Din: “Allah Akbar! Digam Allah Akbar! O que Ruqiya disse? Que os judeus são o povo da traição e vileza”. Que Alá lhe dê sucesso [...]. Que Alá o abençoe, Ruqaya. **Essa é a coisa mais linda que já ouvi – que os judeus são o povo da traição e da vileza.**” (*Transcrição da TV egípcia al-NAS, novembro de 2006*).

Elias Hanna, um general aposentado do exército libanês, disse sobre as alegações israelenses: “É claro que existem túneis invisíveis ocultos, *bunkers* de lançadores de mísseis, *bunkers* de cargas explosivas entre os civis.” Ele acrescentou: “Você não pode separar a sociedade do sul do Hezbollah, porque o Hezbollah é a sociedade e a sociedade é o Hezbollah [...]” Questionado se o Hezbollah deveria ser visto como responsável pelas mortes de civis libaneses na guerra, ele respondeu: “É claro que o Hezbollah é responsável. Mas essas pessoas estão prontas para sacrificar suas vidas pelo Hezbollah. Se você disser a eles: ‘Seu parente morreu’, eles vão dizer: ‘Não, ele foi um mártir.’” (*New York Times, 06/12/2006*).

“O relatório [do grupo de estudos do Iraque] prova que esta é a era do islã e da *jihad*”, disse Abu Ayman, um líder sênior da *jihad* islâmica na cidade de Jenin, no norte da Cisjordânia. [...] “[Com isso], os americanos chegaram à conclusão de que o islã é o novo gigante do mundo e seria inteligente reduzir as hostilidades com esse gigante [...]. [O] **fim dos americanos e de todos os não crentes está se aproximando**”, disse Abu Ayman. [...] Abu Abdullah [líder sênior do Hamas] disse que após a retirada do Iraque, os EUA serão derrotados em seu próprio solo [...]. “É o **alvorecer do verdadeiro islã** o que estamos vendo agora, jovens que estão deixando tudo em seus países e estão vindo para lutar no Iraque”. (*World Net Daily, 12/06/2006*).

O presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, alertou os líderes ocidentais para seguir o caminho [de Alá] ou “desaparecer da face da terra” [...]. “Eles estão com raiva de nossa nação. Mas nós dizemos a eles ‘que

assim seja e morra dessa raiva'. Tenha certeza de que, se você não responder ao chamado divino, **morrerá em breve e desaparecerá da face da terra**", ele disse. O mencionado presidente também manteve o desafio do Irã sobre seu controverso programa nuclear, dizendo que estava a caminho de dominar totalmente a tecnologia nuclear. O Irã, no entanto, insiste que seu programa nuclear visa exclusivamente a geração de energia. (*AFP News, 06/12/2006*).

George W. Bush foi criticado por não negociar um acordo de paz permanente no Oriente Médio... Assim como cada um dos cinco presidentes antes dele. Se "permanente" significar apenas de 2 a 4 anos, talvez o problema não seja a falta de documentos assinados.

Será que políticos e especialistas vão saber que tentar fazer acordos apenas para "parecer bem na foto" é bem menos importante do que entender e resolver o problema real?

Há um problema com o islã? Na verdade, aqui temos uma lista que continua o que foi apresentado acima sobre o [legado da chamada "religião da paz"](#). Muito crédito por essas listas vai, mais uma vez, para James M. Arlandson e, também, para um artigo de Ann Coulter por causa do aniversário de cinco anos do 11 de setembro.

Talvez você tenha acompanhado muitos dos últimos eventos listados a seguir. Em parte, por essa razão, não oferecemos nenhum comentário sobre eles. O que mais realmente precisa ser dito além do registro conciso das ocorrências?

1917 d.C. Judeus de Tel Aviv foram deportados aos milhares. Milhares não foram permitidos a receber quaisquer provisões.

1929 d.C. Árabes na Palestina se revoltaram contra a população judaica.

1931-1935 d.C. O xeque Izz al-Din al-Qassam e seguidores terrorizaram judeus da Palestina até que al-Qassam foi baleado e morto pela polícia. Al-Qassam foi considerado como um herói e, depois, um tipo de foguete foi nomeado com o nome dele.

1933 d.C. A Alemanha nazista adotou a prática "jihadista" de forçar judeus a usar tecidos coloridos para identificação em suas roupas e, mais tarde, marcas de identificação em seus corpos.

1941 d.C. O islâmico Hajj Amin el-Husseini, ex-integrante mufti de Jerusalem, fomentou um massacre contra judeus em Bagdá. Seu esforço para instalar um governo pró-nazista no Iraque fracassou.

1943 d.C. El-Husseini peticionou ao ministro das relações exteriores de Hitler, Joachim Von Ribbentrop, que interrompesse um esforço para transferir 4.000 crianças judaicas para a Palestina. Ribbentrop mais tarde foi enforcado em Nuremberg.

1943-1944 d.C. El-Husseini, com sucesso, peticionou aos oficiais dos governos alemão, romeno e húngaro a cancelarem aproximadamente meio milhão de vistos de saída concedidos a judeus. Esses judeus eventualmente foram para campos de concentração poloneses.

1944 d.C. El-Husseini recrutou muçulmanos da Bósnia para unidades SS nazistas. Transmitindo ao mundo árabe de Berlim, ele declarou: "Matem judeus onde quer que os encontrem. Isso agrada a Deus, a história, e a religião." El-Husseini desapareceu no Oriente Médio. Um jovem subordinado de el-Husseini foi Yasser Arafat.

Junho de 1968 d.C. O senador, procurador-geral dos Estados Unidos e candidato presidencial Robert F. Kennedy foi morto a tiro e outros cinco foram feridos pelo atirador islâmico palestino Sirhan Bishara Sirhan, por causa do apoio de Kennedy a Israel.

Março 1973 d.C. Yasser Arafat e companhia atacaram a embaixada da Arábia Saudita em Cartum, se apoderando do embaixador dos Estados Unidos Cleo Noel e de outros, para exigir que Sirhan fosse libertado. Quando o presidente Nixon se recusou a liberá-lo, Arafat permitiu que o embaixador e os demais fossem executados.

Novembro de 1979 d.C. Islâmicos armados se apoderaram da embaixada americana no Irã e mantiveram 52 reféns americanos por 444 dias. Acredita-se que um dos atiradores foi Mahmoud Ahmadinejad.

1982 d.C. Islâmicos armados (em maior parte Hezbollah) começaram um hábito de quase uma década em tomar americanos e europeus reféns no Líbano, matando William Buckley e detendo Terry Anderson por seis anos e meio.

Abril de 1983 d.C. Islâmicos armados (*jihād* islâmico ou possivelmente Hezbollah) explodiram bombas na embaixada americana em Beirute, matando 16 americanos.

Outubro de 1983 d.C. Islâmicos armados (Hezbollah) explodiram o quartel dos fuzileiros americanos no aeroporto de Beirute, matando 241 fuzileiros.

Dezembro de 1983 d.C. Islâmicos armados (al-Dawa) explodiram a embaixada americana no Kuwait, matando 5 pessoas e ferindo 80.

Setembro de 1984 d.C. Islâmicos armados (Hezbollah) explodiram um caminhão bomba no anexo da embaixada americana em Beirute, matando 24 pessoas, incluindo dois militares americanos.

Dezembro de 1984 d.C. Islâmicos armados (provavelmente Hezbollah) sequestraram um avião da Kuwait Airways, pousaram no Irã e exigiram a libertação dos 17 membros da al-Dawa que tinham sido presos por usar bombas na embaixada americana no Kuwait, matando dois americanos antes que o cerco estivesse acabado.

Junho de 1985 d.C.: islâmicos armados (Hezbollah) sequestraram o voo TWA 847 de Atenas, desviaram seu curso para Beirute e tomaram os passageiros reféns, exigindo a libertação dos 17 membros de al-Dawa que tinham sido presos por usar bombas na embaixada americana no Kuwait, assim como de outros 700 prisioneiros detidos por Israel. Quando suas exigências não foram atendidas, os muçulmanos atiraram no mergulhador da marinha americana Robert Dean Stethem e despejaram seu corpo no asfalto.

Outubro de 1985 d.C. Islâmicos armados (Frente de Liberação da Palestina apoiada pela Líbia) se apoderaram de um navio cruzeiro italiano, o Achille Lauro, matando o judeu americano Leon Klinghoffer, de 69 anos, em sua cadeira de rodas, atirando nele repetidamente e depois jogando o corpo no mar.

Dezembro de 1985 d.C. Extremistas islâmicos (apoiados pela Líbia) explodiram bombas nos aeroportos em Roma e Viena, matando 20 pessoas, inclusive cinco americanos.

Abril de 1986 d.C. Extremistas islâmicos (apoiados pela Líbia) explodiram bombas em uma discoteca frequentada por militares americanos na Berlim ocidental, ferindo centenas e matando dois, incluindo um soldado americano.

Dezembro de 1988 d.C. Extremistas islâmicos (apoiados pela Líbia) explodiram bombas no voo Pan Am 103 sobre Lockerbie, Escócia, matando todas as 259 pessoas a bordo e 11 no chão.

Fevereiro de 1989 d.C. O aiatolá Ruhollah Khomeini emitiu uma *fatwa* (um pronunciamento legal no islã emitido por um especialista em lei religiosa sobre um assunto específico) contra o escritor Ahmed Salman Rushdie e todos os envolvidos na publicação “Os Versos Satânicos”. A sentença era morte e foi delegada para o “muçulmano mais próximo” executar. O romance de Rushdie tratou do Alcorão, basicamente, como o Código Da Vinci lidou com a Bíblia. Como resultado, Hitoshi Igarashi, o tradutor japonês do livro, foi assassinado em julho de 1991. Ettore Capriolo, o tradutor italiano, foi esfaqueado no mesmo mês. William Nygaard, seu editor norueguês, quase foi morto em outubro de 1993.

Fevereiro de 1993 d.C. Extremistas islâmicos (al-Gama’a al-Islamiyya, possivelmente com envolvimento da rival amigável al-Qaeda) detonaram uma bomba no subsolo do World Trade Center, matando seis e ferindo mais de 1.000 pessoas. Documentos conseguidos mais tarde revelaram que o intuito era demolir a torre.

Primavera de 1993 d.C. Extremistas islâmicos (al-Gama'a al-Islamiyya, a frente sudanesa islâmica e, pelo menos, um membro do Hamas) tramaram explodir os túneis Lincoln and Holland, o complexo das Nações Unidas e a sede do FBI de Lower Manhattan.

Novembro de 1995 d.C. Extremistas islâmicos (possivelmente o "Partido de Deus" iraniano) explodiram um carro bomba no quartel general militar americano na Arábia Saudita, matando cinco militares.

Junho de 1996 d.C. Islâmicos extremistas (13 Sauditas e um membro libanês do Hezbollah, provavelmente com envolvimento da al-Qaeda) explodiram um caminhão bomba fora do complexo militar das Khobar Towers, matando 19 militares americanos e ferindo 384. Entre os feridos, 147 sauditas, 118 de Bangladesh, 109 americanos, 4 egípcios, 2 jordanianos, 2 indonésios e 2 filipinos.

Fevereiro de 1998 d.C. O governo muçulmano do Sudão impediu esforços humanitários emergenciais para alimentar a província predominantemente cristã de Bahr el-Ghazal. Dentro de um mês, 60.000 homens, mulheres e crianças morreram de fome.

Julho de 1998 d.C. O Irã afirmou que estava rescindindo a *fatwa* contra Salman Rushdie e companhia (ver fevereiro de 1989 d.C.).

Agosto de 1998 d.C. Extremistas islâmicos (al-Qaeda) explodiram caminhões bomba nas embaixadas do Quênia e Tanzânia, matando 224 e ferindo milhares.

Julho de 1999 d.C. Novamente o Sudão impediu esforços humanitários emergenciais para alimentar mais de 200.000 em necessidade. Milhares cujo número não foi confirmado morreram.

Outubro de 2000 d.C. Extremistas islâmicos (al-Qaeda) colidiram um bote motorizado carregado com explosivos contra o contratorpedeiro da marinha americana U.S.S. Cole, matando 17 marinheiros americanos.

11 de setembro de 2001 d.C. Extremistas islâmicos (al-Qaeda) sequestraram aeronaves comerciais e as colidiram contra o World Trade Center, o Pentágono e um campo na Pensilvânia, matando quase 3.000 americanos.

Janeiro de 2002 d.C. Islâmicos armados sequestraram o jornalista Daniel Pearl no Paquistão e cortaram seu pescoço – isso foi filmado para transmissão.

Abril de 2002 d.C. Islâmicos armados palestinos do Hamas e PLO se apoderaram da Igreja da Natividade em Belém para usar padres e freiras como escudos humanos contra forças israelenses. Os islâmicos armados profanaram o interior com tiros de metralhadora e com seus próprios excrementos. Após um impasse de 38 dias, Israel concedeu as demandas dos militantes de que um terço deles fosse liberado para vários países europeus. Militantes colocaram mais de 40 bombas armadas como armadilha em toda a igreja antes de partir.

Outubro de 2002 d.C. Abu Bakr Bashir e o grupo islâmico Jemaah Islamiyah explodiram bombas em um clube noturno na ilha de turismo Bali, na Indonésia, matando 202 pessoas de países diversos. O governo islâmico o sentenciou a trinta meses. Ele e os outros depois receberam reduções na sentença na celebração do dia da independência da Indonésia.

Mai de 2003 d.C. Em Riade, Arábia Saudita, um homem bomba matou 34 pessoas. O príncipe herdeiro Abdullah bin Abdul Aziz rejeitou a alegação de que a al-Qaeda reivindicou a responsabilidade. Ainda em maio de 2003, uma sequência de homens bomba em Casablanca matou 44 pessoas e feriu mais de 100. Suspeitos pertenciam a um grupo extremista islâmico banido que tinha lutado contra forças russas na Chechênia.

15 de novembro de 2003 d.C. Múltiplos ataques de carros bomba por toda Istambul, Turquia, mataram 26 pessoas e feriram 390. Al-Qaeda alegou responsabilidade.

20 de novembro de 2003 d.C. Novamente em Istambul, caminhões bomba em um cibercafé, em um banco britânico e em um consulado britânico mataram 26 pessoas e feriram 450. A al-Qaeda alegou responsabilidade conjunta com a frente islâmica Great Eastern Raiders.

Fevereiro de 2004 d.C. O grupo islâmico extremista Abu Sayyaf incendiou um *superferry* após ele sair de Manila, Filipinas. Doze mortos confirmados e 180 desaparecidos no mar.

Março de 2004 d.C. Militantes apoiados pelo grupo islâmico al-Qaeda depositaram um total de 440 libras de dinamite em quatro trens separados na Espanha, matando 191 passageiros. Em abril, o provável mentor, o marroquino Jamal Ahmidam, e outros, explodiram a si mesmos quando a polícia chegou para prendê-los.

Abril de 2004 d.C. Agências de inteligência britânicas e norte-americanas impediram uma trama para criar uma bomba de vapor químico de tetróxido de ósmio em Londres. As autoridades se recusaram a revelar as nacionalidades dos suspeitos.

Abril de 2004 d.C. Fabrizio Quattrocchi e três colegas de segurança foram sequestrados por “jihadistas” muçulmanos no Iraque. Ele foi forçado a cavar seu próprio túmulo, mas depois arrancou seu capuz preto e gritou: “Agora vou mostrar a vocês como um italiano morre!” Ele foi rapidamente baleado no pescoço. Embora filmado, acredita-se que o desafio dele arruinou a “intenção da filmagem” e o vídeo não foi tão amplamente divulgado quanto os vídeos de decapitação posteriores.

Maiο de 2004 d.C. Extremistas muçulmanos liderados por Abu Musab al-Zarqawi sequestraram Nicholas Berg e serraram fora sua cabeça – isso foi filmado para transmissão. Ainda em maio de 2004, a polícia turca impediu uma tentativa de extremistas muçulmanos de bombardear uma reunião da cúpula da OTAN em Istambul.

Junho de 2004 d.C.: Paul Marshall Johnson Jr. foi sequestrado em Riade, na Arábia Saudita, por muçulmanos do autodescrito Mujahideen, esquadrão Falluja. Foi demandado do Ocidente que evacuasse em 72 horas todos os infiéis da Península Arábica. Quando o prazo se esgotou, a cabeça de Johnson foi cortada – isso foi filmado para transmissão.

Setembro de 2004 d.C. Muçulmanos armados se apoderaram de uma escola com 1.200 crianças e professores em Beslan, na Rússia (Beslan é um enclave em grande parte cristão da região predominantemente muçulmana do sul do Cáucaso). As crianças novas foram abaionetadas. O restante foi encurralado no ginásio que foi deixado com explosivos, os quais foram detonados, causando incêndio e um colapso parcial do edifício. Mais de 700 hospitalizados, mais de 350 mortos. A maior parte, crianças. Shamil Basayev alegou responsabilidade e ameaçou repetir o mesmo que realizado em Beslan, a menos que fosse concedida à Chechênia um governo islâmico independente. Também em setembro de 2004, a Scotland Yard e a polícia britânica antiterror prenderam um afiliado a uma gangue saudita de quatro integrantes tentando comprar material radioativo para completar uma bomba. Ainda em setembro de 2004, extremistas islâmicos liderados por Abu Musab al-Zarqawi sequestraram Eugene “Jack” Armstrong, Jack Hensley e Kenneth Bigley. Cada um foi decapitado em dias separados, cada decapitação foi filmada para transmissão.

Outubro de 2004 d.C. Seif Adnan Kanaan foi raptado no Iraque por islâmicos armados da autodescrita Armada de Ansar al-Sunna. Ele foi decapitado para servir de exemplo de o que aconteceria com aqueles que se amigam ou cooperam com americanos.

Novembro de 2004 d.C. Em Amsterdã, o cineasta Theo Van Gogh foi baleado em seu pescoço e sua garganta cortada após ele fazer um filme destacando o abuso de mulheres no islã. Uma carta foi encontrada junto a seu corpo, cravada nele com uma adaga. Mohammed Bouyeri executou o assassinato para o grupo islâmico radical Saif al-Din al-Muwaheed (“Espada da Justiça dos Fiéis”). Ainda em novembro de 2004, Shosei Koda foi raptado pelo grupo Jama’at al-Tawhid wal Jihad de al-Zarqawi e foi decapitado – isso foi filmado para transmissão.

Janeiro de 2005 d.C. Forças de segurança russas atacaram e mataram chechenos islâmicos que estavam se preparando para se apoderar de uma escola no Dagestão. Isso foi alegado como sendo uma tentativa de repetir aquilo que aconteceu em Beslan em setembro de 2004.

Fevereiro de 2005 d.C. O iraniano aiatolá Ali Khamenei reinstituuiu a antes revertida *fatwa* contra Salman Rushdie e os outros alvos anteriores (ver fevereiro de 1989 d.C. e julho de 1998 d.C.). A agência de notícias do estado iraniano transmitiu que a *fatwa* para suas mortes iria permanecer em vigor pela eternidade.

Maio de 2005 d.C. Na Indonésia, duas bombas em um mercado lotado mataram 22 pessoas e feriram 40 na ilha Sulawesi, na cidade de maioria cristã Tentena.

7 de julho de 2005 d.C. O grupo islâmico extremista al-Qaeda realizou seis explosões separadas que destruíram ônibus e metrô em Londres, matando um total de 56 pessoas.

21 de julho de 2005 d.C. Agentes da al-Qaeda realizaram uma segunda onda de ataques em Londres, mas falharam quando os detonadores não armaram os explosivos.

23 de julho de 2005 d.C. As brigadas de Abdullah Azzam na Síria e no Egito assumiram responsabilidade por carros bomba usados para atacar o resort de Sharm el-Sheikh no Mar Vermelho, na ponta sul da Península do Sinai. Explosões no hotel Ghazala Gardens e no Old Market mataram 83 pessoas e feriram mais de 100.

Setembro de 2005 d.C. Doze desenhos apareceram no jornal dinamarquês Jyllands-Posten com caricaturas de Maomé. O objetivo era ilustrar as diferentes formas em que Maomé era imaginado em todo o mundo. Pelo menos três desenhos não foram favoráveis. Os protestos muçulmanos e a violência eventualmente irromperam em 50 países. O primeiro-ministro da Dinamarca descreveu isso como a pior crise internacional deles desde a Segunda Guerra Mundial. Muitos poucos jornais reimprimiram os desenhos.

Novembro de 2005 d.C. A polícia australiana atacou uma célula terrorista islâmica e apreendeu produtos químicos, armas e computadores em 23 locais em Sydney e Melbourne. Abu Bakr Bashir foi identificado como o líder.

Setembro de 2006 d.C. Tumultos globais ocorreram, igrejas foram queimadas em todo o Oriente Médio e África, duas freiras católicas foram assassinadas, ameaças de morte foram emitidas e os pedidos de *jihad* global abundaram depois que o papa Bento XVI fez uma observação que foi interpretada como sugerindo que os muçulmanos eram propensos à violência. O papa se desculpou...

E assim vai a lista de violência em nome do islã e *jihad* para Alá. Enquanto nossa lista para por aqui, várias vezes outro incidente aparece nas notícias locais, nacionais ou internacionais. Mesmo uma rápida olhada é suficiente para dar uma amostra dos milhares de atos cometidos e ajuda a entender a natureza verdadeiramente generalizada do problema da *jihad* islâmica.

7. AS CRUZADAS

A religião é considerada pelas pessoas comuns como verdadeira, pelos sábios como falsa e pelos governantes como útil. (*Sêneca, o Moço*).

Mas eu digo a vocês que estão me ouvindo: amem os seus inimigos, façam o bem aos que os odeiam, abençoem os que os amaldiçoam, orem por aqueles que os maltratam. (*Lucas 6:27-28, "Nova Versão Internacional"*).

As cruzadas às vezes são referenciadas em conversas, mas raramente no contexto de especificidades como "quem", "o que", "quando" e "por que". Algumas pessoas citam as cruzadas como razão para não crer em Deus ou na Bíblia, mas isso apenas revela as lacunas nos seus conhecimentos da história e da Bíblia. Este estudo vai preencher algumas dessas lacunas com nomes, datas e lugares.

7.1. PRIMEIRA CRUZADA: MISSÃO DE MISERICÓRDIA E DEFESA CONTRA A VIOLÊNCIA ISLÂMICA

[Uma "tremenda convicção" em Deus durante a Idade Média tornou-se comum](#) entre os europeus e os orientais. À medida que o cristianismo se espalhava para o norte, sul e leste desde o início do milênio, muitas pessoas do continente viajaram para a terra santa para verem por si mesmas onde Cristo havia vivido e onde os eventos do evangelho se desenrolaram. As comunidades cristãs nativas do Oriente Médio receberam as visitas de seus irmãos estrangeiros.

Coincidindo com a introdução e [propagação do islã](#) nos séculos 7 e 8 d.C., a comunidade cristã abaixo do Mediterrâneo começou a ser violentamente perseguida nas mãos dos estados islâmicos vizinhos. Os não

muçulmanos, ou “infiéis”, foram executados em grande número em várias partes do norte da África, Síria e Egito. Cidades como Alexandria, Antioquia e Jerusalém sofreram uma grande destruição. Mesmo algumas igrejas cristãs no norte distante, como igrejas em Roma, foram destruídas pelos ataques muçulmanos no ano 846 d.C.

Em 1009 d.C., o califa Hakim destruiu a reconstruída Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, matando muitos cristãos e judeus no processo. Por volta de 1071 d.C., turcos islâmicos seljuques chegaram ao poder na Armênia, Síria e Ásia Menor. Os seljuques iniciaram sua própria guerra santa contra o cristianismo, a qual incluiu a captura e abate de cristãos europeus que estavam fazendo peregrinações na terra santa. **As vozes europeias finalmente insistiram por uma resposta.**

O papa Urbano II da [igreja de Roma](#) proclamou a necessidade de um empreendimento militar para resgatar cristãos do Oriente Médio de seus captores islâmicos e retomar a cidade de Jerusalém. A primeira cruzada desse tipo se reuniu no ano a seguir, 1096 d.C.

Em resposta, muitos milhares de cidadãos comuns superaram sua inibição por não serem militares. Por causa do zelo pela igreja de Roma e da preocupação com os seus irmãos árabes cristãos, eles tomaram as armas que tinham, algumas vezes vendendo posses, e começaram a marcha em direção a Jerusalém. Em alguns casos, famílias inteiras se mobilizaram para essa “santa causa”. Tragicamente, o empreendimento nobre acabou com o massacre de quase todos eles, que nem chegaram a Jerusalém.

A próxima cruzada, a **Primeira Cruzada** oficial, foi lançada no final desse mesmo ano. Dessa vez, um grande número de cavaleiros e arqueiros treinados foram mobilizados, ao invés de cidadãos zelosos. Quatro expedições separadas de cruzados convergiram em Constantinopla. A partir daí, eles começaram a lutar em direção à cidade sagrada. No ano 1099 d.C. o objetivo foi alcançado com a captura de Jerusalém.

A parte fácil acabou. A parte difícil seria tentar defender a cidade e a área circundante pelos próximos duzentos anos.

7.2. UMA CALOROSA RECEPÇÃO, DE INÍCIO

Inicialmente, muitos muçulmanos receberam os combatentes estrangeiros de maneira bastante favorável. O antigo escritor **ibn Jubayr** ofereceu suas observações de primeira mão durante essa época:

Muitos muçulmanos desejam estabelecer-se aqui, quando veem a condição dos seus irmãos nos distritos sob o governo muçulmano, pois o estado desses últimos é exatamente o oposto de confortável. É lamentável para os muçulmanos que, em países governados pelos seus correligionários, tenham sempre que se queixar das injustiças dos seus governantes, ao passo que têm apenas elogios à conduta dos francos, em cuja justiça podem sempre confiar. [21].

Tivessem os poderes europeus construído sobre esse sucesso, não se poderia imaginar o quão diferente seria a história hoje. Tragicamente, os motivos mistos dos cruzados e aqueles por trás deles provaram ser uma falha muito fatal nessa paz temporária.

7.3. CRUZADAS SUBSEQUENTES: MISSÕES DE PILHAGEM

Mais cruzadas oficiais se seguiram ao longo dos próximos 195 anos. Esses empreendimentos subsequentes, inicialmente enviados para fortalecer as forças existentes, não possuíram a nobreza de uma missão de resgate que havia adornado aquelas primeiras expedições. Embora as missões anteriores não fossem livres de atos criminosos, a brutalidade das cruzadas posteriores foi bem evidente. As próximas cruzadas foram realizadas muito menos para o lado do “louvor celestial” e muito mais para o lado de pilhagem terrena.

Note que as forças cruzadas nunca foram o recurso direto de qualquer igreja, mas de monarquias: reis que reconheceram grande benefício em apoiar publicamente qualquer causa que as massas acreditassem ser piedosa. A igreja mais influente e destacada da época foi a [igreja de Roma](#). Assim, a publicamente honrada igreja romana tornou-se a fonte a quem os reis ouviram e tomaram direção para determinar a quem roubar e destruir.

Os monarcas que apoiavam as cruzadas ouviram Roma mesmo enquanto certas comunidades cristãs, as quais não queriam se sujeitar à autoridade do ofício papal de Roma, foram adicionadas de forma gradual à lista de inimigos. Isso se acumulou até ser incluída uma grande quantidade de comunidades cristãs na terra santa. Assim, algumas das primeiras pessoas que os cruzados tinham estabelecido para proteger foram, mais tarde, classificadas apenas como outro inimigo para ser destruído.

Essa verdadeira guerra de Roma contra todos os não católicos aumentou ao longo do tempo para se tornar o período da [Inquisição](#).

As últimas cruzadas também tiveram como alvo nações muçulmanas que não apenas toleravam o cristianismo, mas tinham sido muito favoráveis à queda de líderes muçulmanos implacáveis durante a [Primeira Cruzada](#). O apoio prévio do povo muçulmano, é claro, não significou nada para os cruzados que tinham acabado de chegar. Muitos deles eram prisioneiros de prisões europeias que tinham sido recrutados – era desejável mandar para longe os europeus indesejáveis e, dada a alternativa, os prisioneiros estavam felizes em fazê-lo.

A marcação viciosa de muçulmanos como alvos, compreensivelmente, alimentou o ódio deles contra os europeus. Também alimentou o ódio dos muçulmanos ao “cristianismo” que eles estavam percebendo, embora erroneamente, como a motivação dos cruzados. **Ironicamente, os ataques implacáveis dos cruzados acabaram por fomentar o próprio ódio que unificaria as nações árabes sob o islã e, como consequência, inaugurou a própria derrota dos cruzados.**

Em 1291 d.C., os esforços islâmicos combinados finalmente expulsaram os europeus para fora de Jerusalém pela última vez. Um missionário cristão, nativo do Egito, disse ao autor do estudo original (www.provethetemple.net) que esses terríveis acontecimentos ainda são ativamente lembrados em certos feriados islâmicos modernos. Assim, a memória perpetuada desses antigos males ocidentais contra nações islâmicas “em nome de Cristo” continua a ser uma contribuição significativa para a razão pela qual essas nações consideram o ocidente “cristianizado”, especialmente a América, como o “grande Satanás”.

Desnecessário, porém oportuno, dizer que **nenhuma das partes envolvidas em tudo isso estava obedecendo às Escrituras**. O mal testemunho daqueles que alegavam ser cristãos acabou, em última análise, fazendo com que ocorresse mais ódio e mais guerras.

8. INQUISIÇÃO

Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que haviam sido mortos por causa da palavra de Deus e do testemunho que deram. Eles clamavam em alta voz: “Até quando, ó Soberano, santo e verdadeiro, esperarás para julgar os habitantes da terra e vingar o nosso sangue?” (*Apocalipse 6:9-10, “Nova Versão Internacional”*).

Vi que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos, o sangue das testemunhas de Jesus. Quando a vi, fiquei muito admirado. (*Apocalipse 17:6, “Nova Versão Internacional”*).

pois todas as nações beberam do vinho da fúria da sua prostituição. Os reis da terra se prostituíram com ela; à custa do seu luxo excessivo os negociantes da terra se enriqueceram. (*Apocalipse 18:3, “Nova Versão Internacional”*).

Um com Deus é sempre a maioria, mas muitos mártires foram queimados na fogueira enquanto os votos estavam sendo contados. (*Thomas B. Reed*).

A maneira mais segura de fazer uma cruzada em favor de uma boa causa é prometer às pessoas que elas terão a chance de maltratar alguém [...] o mais delicioso dos deleites morais. (*Aldous Huxley*).

O terror da Inquisição é quase incomparável. As guerras no século vinte tomaram muito mais vidas e o inimigo geralmente era bem definido e enfrentado por apenas alguns anos. Mas as inquisições duraram séculos e qualquer um poderia se tornar o inimigo por poucas razões, como, por exemplo, rumores de manter pensamentos errados – um padrão horrivelmente fácil de aplicar para a punição de ser assado vivo.

Este estudo retrata a progressão da Inquisição desde seu início bem-vindo até se tornar uma temida máquina de extermínio.

Entre suas muitas vítimas, o assassinato de tantos heróis e heroínas da fé cristã ajuda a revelar as verdadeiras motivações não bíblicas por trás de todo esse caso horrível.

8.1. FAZENDO CRUZADAS CONTRA HEREGES

Durante [as cruzadas](#), as nações designadas pela [igreja de Roma](#) como inimigas do “cristianismo” eram inimigos inicialmente marcados para ataques. Nos últimos estágios das cruzadas, surgiu na igreja romana a ideia de que os inimigos de seu “evangelho” não estavam apenas na terra santa, mas na própria Europa. Então, essencialmente, europeus convocaram uma cruzada contra europeus.

Incrementalmente, a igreja de Roma expandiu sua lista de inimigos para incluir qualquer um que não se submetesse completamente à autoridade do papa e aos ensinamentos da igreja de Roma. Quem agisse dessa forma era “herege” aos olhos de Roma.

São Francisco de Assis, uma das poucas figuras mais piedosas das cruzadas, foi uma das últimas grandes vozes para defender a conquista de hereges com persuasão em vez de perseguição. Infelizmente, as crenças em contrário eram dominantes e, eventualmente, resultariam em séculos de missões de busca e destruição – missões com intenção de localizar e remover os hereges da população, além de punir os supostos “crimes da mente”. Esse foi o período terrível conhecido como **Inquisição**.

8.2. INQUISIDORES SÃO OFICIALMENTE SANCIONADOS

Uma inquisição era, originalmente, uma forma menor de processo criminal. Em 1166 d.C., o ato de transformação da lei inglesa do rei Henrique II conhecido como **Assize of Clarendon** começou a fazer investigações gerais para a expulsão da heresia (isso foi a base do formato do júri de hoje). Logo depois disso, a Inquisição surgiu oficialmente quando a [igreja de Roma](#) atribuiu a seus bispos a responsabilidade de questionar todos em seus vários distritos para descobrir quem era e quem não era um herege.

Nesse ponto inicial, não havia uma diretriz consistente ou um guia exato para determinar a que grau de envolvimento de uma pessoa com heresia seria necessário aplicar punição. Algumas autoridades seculares já tinham leis em vigor contra a heresia. As punições, se haviam, variavam de multas a chicotadas. Contudo, não demorou muito para que as pessoas “aprendessem” a dizer aos bispos errantes exatamente o que eles queriam ouvir... Mas a vida voltava ao normal logo depois que os bispos se moviam. Heresias contra a igreja de Roma continuavam não abatidas.

A igreja de Roma acabou percebendo a ineficácia dos bispos e decidiu que especialistas eram necessários para o trabalho. Ela organizou **tribunais específicos e permanentes dedicados a perseguir a heresia**. Esses tribunais, a princípio, deveriam ser livres de preconceitos locais (por razões de imparcialidade), jurados a renunciar os prazeres mundanos, não ter promessas de ganho pessoal e treinados pela igreja de Roma para a detecção e conversão de hereges.

Esses conselhos de inquérito, uma vez estabelecidos, receberam **absoluta absolvição** de modo a permitir a eles liberdade desinibida para lidar com a “cidadania não cooperativa”. Na visão da igreja de Roma, a absolvição era necessária à luz da dificuldade que os inquisidores enfrentariam ao tentar extrair os pensamentos e opiniões secretas das pessoas – uma área na qual crime e criminoso eram igualmente difíceis de verificar (mais tarde, em 1245 d.C., o papa Inocêncio IV até mesmo estendeu a absolvição aos espiões que os inquisidores designaram para incitar os habitantes de uma comunidade a falar).

Embora a igreja de Roma tenha convocado e inicialmente financiado as inquisições, decretou que elas fossem instituídas e realizadas pelas nações individuais (daí veio a inquisição italiana, a inquisição espanhola, etc.). Surpreendentemente, um edito muito geral e não específico que estabeleceu tribunais inquisitórios, na verdade, **teve aprovação pública** no início dos anos 1200 d.C. Mas nem o público, talvez nem mesmo Roma, tinham imaginado o horrível processo de extermínio que estava prestes a ser desencadeado.

8.3. DESTINO DE UM HEREGE

No Concílio de Latrão de 1215 d.C., o papa Inocêncio III criticou a atitude da [igreja de Roma](#) em relação ao destino dos hereges e pronunciou isso como sendo dever de cada poder secular. Por volta de 1220 d.C., Frederico II foi coroado, mas ele mesmo tinha sido acusado de heresia. Ele procurou provar sua inocência passando editos tão cruéis que sua fidelidade a Roma seria incontestável. Henry Charles Lea documentou os editos de Frederico que lançaram as bases para os séculos de terror a seguir:

Os hereges de todas as seitas foram classificados como foras da lei; e, quando condenados como tais pela igreja [de Roma], deveriam ser entregues ao braço secular para serem queimados. Se, por medo da morte, eles renegassem suas crenças, eles deveriam ser lançados na prisão por toda a vida. [...] Todas as propriedades do herege eram confiscadas e seus herdeiros eram deserdados. Seus filhos, até a segunda geração, eram declarados inelegíveis para qualquer posição de emolumento ou dignidade, a menos que eles ganhassem misericórdia ao traírem seus pais ou algum outro herege. Todos os “credentes” [seguidores comuns do que se tornou conhecido como o movimento cátaro ou albigense], devedores, defensores, receptores ou simpatizantes de hereges eram banidos para sempre, suas propriedades confiscadas e seus descendentes submetidos às mesmas desabilidades que os hereges. [...] Essa legislação diabólica foi recebida pela igreja de Roma com aclamação [...] [22].

Um grande número de execuções por parte da Inquisição foi registrado por John Foxe em relatos de primeira mão dentro de seu livro de 1563 d.C., “Christian Martyrs of the World”. A fim de apreciar a magnitude do medo gerado pelas fogueiras públicas da Inquisição (e dissipar qualquer versão de Hollywood de tal finalidade), aqui está uma pequena porção dos detalhes espantosamente gráficos de apenas uma das observações de Foxe:

Mesmo quando a boca de [John] Hooper estava negra e sua língua inchada, seus lábios continuaram a mover até encolherem até as gengivas. Ele bateu no seu peito com as mãos até que um de seus braços caiu. Então ele bateu com o outro – gordura, água e sangue escorrendo das extremidades de seus dedos – até que sua mão se prendeu ao ferro em volta de sua cintura.

Hooper esteve no fogo por mais de quarenta e cinco minutos, sofrendo pacientemente, mesmo quando a parte inferior de seu corpo queimava e seus intestinos se derramaram. Agora ele reina como um mártir abençoado nas alegrias do céu que estão preparados para os fiéis em Cristo [23].

8.4. AS INQUISIÇÕES PIORAM

Quando as [cruzadas](#) começaram a vacilar na terra santa e as nações muçulmanas ganharam vantagem, as frustrações dos reis europeus e dos papas foram aparentemente descarregadas em seu próprio povo em uma busca ainda mais implacável para erradicar a heresia. **No ano de 1223 d.C., todas as Escrituras que não estivessem em latim foram banidas.** Grupos que professavam o cristianismo, como os valdenses, foram procurados com perseguição. A inquisição espanhola eliminou quase todos os protestantes na Espanha, com mais de um terço das suas 291 mil vítimas sofrendo sob o monge dominicano **Tomás de Torquemada** [24].

Em 1252 d.C., o papa Inocêncio IV expandiu amplamente os poderes dos inquisidores para incluir a colocação de todos os governantes, cavaleiros e habitantes sob sua subordinação. Ele também reverteu um decreto papal anterior de forma a poder intitular aos inquisidores um terço de todas as multas que impusessem e um terço de todas as propriedades e bens que confiscassem. Como você pode imaginar, o ganho financeiro pessoal acelerou muito a “descoberta” dos hereges e aumentou o número de prisões e mortes nas fogueiras públicas.

8.5. UMA AUDIÊNCIA INQUISITÓRIA TÍPICA

Examinemos a seguir como tipicamente ocorria uma inquisição.

8.5.1. A CHEGADA DO INQUISIDOR

Nas cidades grandes, as audiências inquisitórias se tornaram uma ocorrência frequente. Em uma visita típica de um inquisidor, todos dentro de um certo raio tiveram que aparecer diante dele dentro de doze dias ou enfrentar a [excomunhão](#). Aqueles que compareciam tinham que dizer o que eles conheciam de quaisquer hereges nas redondezas e reportar sobre quem “diferia em vida e moral da conversa comum dos fiéis” [25].

Como regra geral, quanto mais suspeitos alguém apontava, melhores eram suas chances de clemência ou mesmo imunidade de ser processado. Era benéfico para as pessoas da cidade se apresentarem cedo e acusar qualquer um que, mais tarde, as pudesse acusar. Isso foi feito na esperança de contestar a credibilidade da outra pessoa primeiro. Todas as informações como essas eram então registradas em detalhes, reproduzidas quatro vezes e distribuídas pela área rural. Isso foi feito para que nenhum ato de vandalismo pudesse destruir a crescente base de dados da Inquisição sobre rumores, acusações e insinuações.

8.5.2. PRISÃO

Depois que um suspeito era preso, nenhum limite era colocado para seu tempo de detenção. Em alguns casos se passaram décadas antes mesmo da primeira audiência. A idade de sete anos foi a idade mínima permitida para prender e encarcerar. Lea descreve as prisões como “um lugar horrível, constituído por celas pequenas, privadas de toda luz e ventilação, onde durante longos anos os miseráveis presos sofreram uma morte viva muito pior do que a curta agonia da estaca [onde se era amarrado para queimar na fogueira]” [26].

8.5.3. ACUSAÇÃO E DEFESA

Uma vez no tribunal, **o inquisidor notoriamente operava tanto como acusador quanto como defesa**. Tipicamente, o inquisidor estava proibido de revelar os nomes das testemunhas contra o suspeito, e às vezes nem sequer dizia ao suspeito quais eram as acusações contra ele. Era deixado para o suspeito adivinhar qual era a acusação, quem eram as testemunhas que estavam contra ele e o trabalho de desacreditar suficientemente os testemunhos contra ele. A falha em fazê-lo podia resultar em morte.

8.5.4. CONFISSÃO E SENTENÇA

Se algum suspeito não confessasse rapidamente sua culpa, ele poderia ser devolvido à prisão até que o inquisidor desejasse revê-lo outra vez, se é que o inquisidor iria querer isso. Alguns suspeitos foram condenados a serem esmagados até a morte por se recusarem a declarar suas culpas.

Qualquer testemunha que tenha apoiado um suspeito que depois foi declarado culpado podia, por lei, receber a mesma punição que esse suspeito. E uma vez que um suspeito era declarado culpado, o cônjuge também era condenado, a menos que um tivesse denunciado o outro durante o julgamento. Se, por acaso, uma pessoa fosse declarada não culpada e, então, fosse novamente presa em algum momento futuro, a morte imediata por fogo, sem julgamento, era a regra.

8.5.5. IMUNIDADE PARA OS RICOS

Embora isso tudo soe como inescapável, havia lacunas para alguns. Os inquisidores respondiam apenas ao papa. Eles e seus espiões tiveram a aprovação do papa para continuamente se absolver de todos os pecados e crimes. Os bispos também eram praticamente imunes a acusações.

Com o passar do tempo, os inquisidores começaram a estender suas absolvições e imunidades a pessoas ricas ou influentes em troca de contribuições generosas. No entanto, isso geralmente aconteceu apenas quando houve ausência flagrante de evidência ou quando houve ausência de força suficiente para prender pessoas proeminentes.

8.5.6. RE-EXECUÇÃO DOS MORTOS

Nem mesmo os mortos estavam livres de julgamento e execução. Em qualquer ponto, o antepassado morto de alguém poderia ser acusado de suspeita de heresia, desenterrado, julgado, declarado culpado e seus restos queimados. A propriedade do antepassado morto, anteriormente deixada aos herdeiros, era então confiscada pela [igreja de Roma](#). Um julgamento semelhante foi especificamente ordenado pelo papa Pio II em 1458 d.C. [27].

Nessa altura, a única vantagem que os suspeitos vivos tinham sobre os mortos era que os vivos tinham o direito de apelar por clemência ao papa. No entanto, ninguém exceto a elite tinha a maneira legal para fazer uso efetivo dessa regra. Além disso, qualquer pessoa que ajudasse um suspeito a apresentar um recurso de apelo ao

papa enfrentava a possibilidade de ser acusado de **impedir a Inquisição**. A critério do inquisidor, ambas as pessoas poderiam queimar na fogueira. Mesmo o frade Bernard Delicieux foi queimado em 1319 d.C. meramente por vocalizar uma simples preocupação sobre o processo de apelação.

8.6. AS CRUZADAS FALHAM E AS INQUISIÇÕES PIORAM NOVAMENTE

Coisas piores seguiram, uma vez que as cruzadas estavam terminando em fracasso. O uso da tortura foi sancionado pelo papa Alexandre IV em 1256 d.C. para o tã chamado “bem maior”. Lea escreveu sobre o gerenciamento pessoal da tortura da parte do papa Urbano VI até 1385 d.C.:

Quando chegou a vez do cardeal de Veneza, Urbano confiou o trabalho a um antigo pirata, a quem ele havia feito prior da Ordem de São João na Sicília, com instruções para aplicar a tortura até ouvir o uivo da vítima; a imposição durou desde o início da manhã até a hora do jantar, enquanto o papa passeava pelo jardim [...] [28].

Os inquisidores sabiam que o medo que o público tinha deles era ótimo para eles e que uma atmosfera geral de terror havia sido criada. Eles também sabiam que esse terror estava levando tanto o inocente como o culpado a dizerem qualquer coisa no tribunal (provavelmente porque a acusação falsa era o único pecado não contabilizado no processo). Finalmente, chegou-se à conclusão de que não se podia confiar em ninguém para oferecer informações corretas, nem em inocente nem em culpado.

Portanto, tendo recebido a “santa sanção” de [Roma](#), **a tortura se tornou mandada tanto para suspeitos quanto para testemunhas**. Mesmo se alguém tentasse se recusar a comer para morrer de fome com intuito de escapar da agonia de sua tortura, isso era considerado uma admissão de heresia e o ofensor era queimado. No caso de alguém apelar dizendo que era inocente após a prisão, mas depois sob tortura ceder às acusações, ainda estaria em apuros, pois ainda era suscetível à acusação de perjúrio por ter contradito seu apelo inicial.

8.7. A CRIAÇÃO DE CRIMES ADICIONAIS DE PENSAMENTO

O gerenciamento diário de todos esses deveres inquisitórios estava se tornando, reportadamente, demasiadamente pesado para o escritório papal. Então, em 1262 d.C., o **papa Urbano IV** criou o que era essencialmente um escritório de inquisição geral. A [igreja de Roma](#) ainda mantinha um papel ativo definindo novos crimes capitais, tais como **dúvidas de fé** e **impedir a Inquisição**. Com o estabelecimento desses crimes, até mesmo um pleito por inocência ou a resistência à tortura (ambos os quais prolongavam o que se supunha ser a eventual confissão) podia ser considerado impedimento da Inquisição para o momento do julgamento de heresia, se um promotor da “igreja” assim desejasse.

Além do “crime hediondo” de “suplicar por não ser culpado”, **a definição de heresia foi expandida para incluir tanto omissões quanto comissões**. Roland Bainton escreveu: “Heresia podia ser detectada na omissão de qualquer referência à intercessão de Maria e dos santos [...]” [29].

Com o tempo, o crime mais assustador de todos foi definido: **suspeita de heresia. Rumores, rancores, insinuações, uma palavra descuidada, um ato errado – qualquer coisa assim podia condenar à fogueira até mesmo a pessoa mais devota. Isso podia ser inferido a partir de qualquer coisa – e foi**. Foxe escreveu sobre Cicely Ormes que “chamou a atenção dos oficiais para si mesma ao falar palavras encorajadoras para dois prisioneiros no caminho para a fogueira. Por isso, foi presa logo depois de ser levada diante do chanceler para examinação” [30]. Mais tarde, ela foi queimada até a morte entre as sete e oito da manhã de 23 de setembro de 1557 d.C.

8.8. O COMEÇO DO FIM

Delicieux foi apenas um dos muitos a questionar o horror que estava devastando a Europa e partes da Ásia e da África. A Inquisição não foi apenas eficaz para esmagar a maioria das igrejas locais para subordinação a [Roma](#) – ela teve um efeito arrepiante sobre a cultura europeia como um todo:

Como nenhum homem podia estar seguro da ortodoxia de outro, era evidente quanta desconfiança deve ter sido impulsionada sobre todas as negociações e todas as vendas nas transações mais comuns da vida. A influência pesada sobre isso no desenvolvimento do comércio e da indústria pode ser facilmente percebida

[...]. Foi isso, entre outros incidentes de perseguição, que prendeu a promissora civilização do sul da França e que transferiu para a Inglaterra e os Países Baixos, onde a Inquisição foi comparativamente desconhecida, o predomínio no comércio e na indústria que trouxe liberdade e riqueza e poder e progresso [31].

Nem todos os papas foram zelosos proponentes de tortura e morte ardente. Alguns até mesmo pronunciaram éditos que visavam rescindir alguns dos poderes da Inquisição. No entanto, os inquisidores sustentaram em grande parte que a total [absolvição](#) dada a eles e ao seu ofício por papas anteriores havia tecnicamente imunizado-os de fazer o errado. Essa foi a lógica sinistra deles que “justificava” tudo o que estava acontecendo.

A Inquisição começou a desaparecer apenas quando as monarquias europeias começaram a ser afetadas pelo sistema feudal, quando as nações europeias estiveram distraídas pelas guerras entre si e quando a influência dos cidadãos individuais começou a crescer. Muitas pessoas haviam alimentado as fogueiras insaciáveis da Inquisição e seus compatriotas não os esqueceram.

Ao longo do tempo, as nações retiraram gradualmente o apoio dado às inquisições e à [igreja de Roma](#). A Inglaterra foi uma das primeiras a fazer isso. Porém, antes do desaparecimento final da Inquisição no século dezoito, fora dela surgiram os períodos revitalizantes do **Renascimento** e da **Reforma**.

9. A REFORMA

[...] a Igreja não determina o que as Escrituras ensinam, mas as Escrituras determinam o que a Igreja deve ensinar. (*Louis Berkof*).

Galileu certamente começou com o pressuposto de que as Sagradas Escrituras são verdadeiras, então deve haver interpretações que concordem com todas as teorias cientificamente comprovadas. É importante perceber que Galileu não se opôs ao cristianismo, de fato foi o contrário, ele sentiu que ele era um cristão devoto fazendo o seu melhor para salvar o cristianismo de um erro grave [...]. A Igreja Católica naquela época se envolveu em um debate vigoroso com as igrejas protestantes. Um dos principais pontos de desacordo era se um indivíduo poderia formar sua própria interpretação das Sagradas Escrituras (a visão protestante) ou [...] se todos deveriam aceitar a interpretação das Sagradas Escrituras feitas pela Igreja Católica. Os argumentos de Galileu chegaram muito perto dessa questão delicada para que a Igreja Católica não pudesse tomar nenhuma ação. (*J. J. O’Conner & E. F. Robertson*).

O que você faz fala tão alto que não consigo ouvir o que você diz. (*Ralph Waldo Emerson*).

A [Inquisição](#) poderia ter durado séculos a mais se não fosse o esforço e o sacrifício de reformadores. As antigas autoridades da Igreja Católica Romana eventualmente falharam em seus esforços para impedir que as pessoas lessem a Bíblia por si mesmas. Uma vez que isso aconteceu, a Inquisição foi exposta como verdadeiramente era – antibíblica e impiedosa.

Este estudo demonstra uma breve visão geral do período da Reforma e o que foi realizado a um preço muito alto.

9.1. A IDADE DAS TREVAS

Após o entendimento sobre a [Inquisição](#) e reflexão sobre como a vida cotidiana naquela época deve ter sido, pode-se melhor apreciar a franqueza dos homens e mulheres da Reforma. A Reforma foi uma “encarnação” de denominações que professaram a fé cristã, bispos católicos, sacerdotes e monges que falavam contra a Inquisição e contra certas crenças e práticas da [igreja de Roma](#). Muitas dessas pessoas se mantiveram firmes em seus pontos de vista, sabendo que seu destino quase certamente seria a fogueira – e para muitas foi. Ainda assim, a firmeza delas veio em um momento em que o mundo mais precisava.

John Foxe escreveu o seguinte sobre sua própria época:

Nessa época o cristianismo estava em um estado triste. **Embora todos conhecessem o nome de Cristo, poucos, se é que alguém, entendia a doutrina dele...** Em vez disso, a Igreja [de Roma] se preocupava apenas com a cerimônia externa e as tradições humanas. As pessoas passaram toda a vida acumulando uma

cerimônia após a outra com a esperança da salvação, sem saber que a salvação era delas apenas por pedir. **Pessoas simples e sem educação que não tinham conhecimento nas Escrituras se contentavam em saber apenas o que seus pastores diziam a elas, e esses pastores se preocupavam em ensinar apenas o que veio de Roma – a maioria do qual era para o lucro de suas próprias ordens, não para a glória de Cristo** [32].

9.2. PROTESTO À IGREJA DE ROMA: O MOVIMENTO PROTESTANTE

Um dos reformadores primitivos foi Peter Waldo, fundador dos valdenses. Bainton escreveu que Waldo “sofreu o desagrado da igreja porque, como leigo, não desistia de pregar e ensinar as Escrituras” [33]. Muitos outros reformadores e indivíduos de mentalidade semelhante também puseram em perigo suas vidas, recusando-se a se submeter à autoridade da [igreja de Roma](#).

Bainton registrou a história de Joan Waste, de vinte e dois anos, que, sendo cega desde o nascimento, tinha aprendido porções do Novo Testamento por ensino oral. O bispo local estava suficientemente preocupado com esse “crime terrível” ao ponto de ter feito ela ser queimada na fogueira e, além disso, decretou que ninguém deveria orar por ela [34].

Um dos reformadores mais proeminentes foi **John Wycliffe**. Com o objetivo de pôr fim aos erros e aos falsos ensinamentos que foram promulgados por oficiais da igreja romana, Wycliffe esclareceu ao público o que a Bíblia ensinava em relação ao que Roma ensinava. Os ensinamentos de Wycliffe incluíram as seguintes crenças:

- O papa não tinha poderes especiais;
- Oficiais da igreja romana não tinham o direito de punir pecados com morte, tortura, ou qualquer outra coisa, e...
- O evangelho de Cristo sozinho é suficiente para salvação – não são adicionados requerimentos estabelecidos pelos homens da igreja da cidade de Roma.

Um reformador de mentalidade semelhante e de igual importância foi **William Tyndale**. Ele traduziu o Novo Testamento grego para o inglês. Por essa ação, Tyndale foi estrangulado, amarrado na estaca e queimado.

Foxe registrou os esforços de outros para defender a liberdade de ler e pregar a Bíblia em seu próprio idioma: “**Thomas Bernard e James Mordon** foram mortos e mais de trinta outros foram marcados na bochecha direita por falarem contra a idolatria e insistirem em ler as Escrituras por si mesmos” [35]. O **Dr. Rowland Taylor**, enquanto orava em voz alta enquanto já estava amarrado em uma estaca e ardendo na fogueira, foi atingido na boca enquanto diziam a ele: “Fale em latim!” [36]. Uma mulher de oitenta anos com o nome de Joan Boughton foi queimada meramente por se apegar a “oito das opiniões de Wycliffe” [37].

O teólogo do século vinte **Louis Berkof** refletiu sobre a única força eclesiástica positiva daqueles dias – **um afastamento do ensino da igreja de Roma e um retorno para o ensino da Bíblia**:

O Renascimento chamou a atenção para a necessidade de voltar ao original. Reuchlin e Erasmo [...] insistiram aos intérpretes da Bíblia sobre o dever de estudar as Escrituras nas línguas em que foram escritas. [...] Ao mesmo tempo, eles [os reformadores] consideravam a Bíblia como a autoridade suprema e como o último tribunal de recurso em todas as disputas teológicas. **Sobre e contra a infalibilidade da Igreja, colocaram a infalibilidade na Palavra**. Sua posição é perfeitamente evidente a partir da afirmação de que **a Igreja não determina o que as Escrituras ensinam, mas as Escrituras determinam o que a Igreja deve ensinar** [38].

9.3. PROTESTANTISMO E CATOLICISMO REFORMADO: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS

Ocorrendo simultaneamente com a Reforma Protestante, outra reforma que não ganhou muito impulso até bem depois do esforço inicial foi a intitulada **Contrarreforma**, a qual procurou recuperar as populações europeias para a [Igreja Católica](#) – grandes porções que o protestantismo estava rapidamente ganhando.

Enquanto a Contrarreforma produziu grandes passos em remover líderes corruptos da Igreja Católica, o catolicismo ainda manteve suas crenças básicas: sua autopercepção de [infalibilidade](#) e muitas das suas tradições

extrabíblicas acumuladas. Sobre e acima do retorno da Reforma Protestante aos escritos originais, o catolicismo sustentou, e ainda se mantém a si mesmo, como a extensão divina de Cristo e sua igreja, igualando-se à Bíblia em clareza, autoridade e aplicabilidade à vida neste mundo e no próximo.

O protestantismo, ao contrário, limita em grande parte seus ensinamentos e crenças aos delineados na Bíblia praticados por Cristo e seus apóstolos. Embora isso ainda resulte em compartilhar muitas crenças básicas com a igreja de Roma, a teologia da Reforma não aceita as adições e modificações de Roma às instruções declaradas de Cristo para adoração e salvação.

A teologia da reforma também rejeita completamente a alegação do catolicismo sobre a infalibilidade papal, mesmo quando a questão é supostamente restrita à fé e à moral. Isso porque as ações testificam a nossa fé e moral, pelo menos tanto quanto as palavras que falamos. As ações de uma pessoa são a principal medida de sua integridade e são muito mais confiáveis do que inferências de [raciocínio circular](#). Portanto, **ações imorais do ofício papal contra a fé e contra os fiéis refutaram sua infalibilidade com ainda mais certeza do que os erros falados.**

A fé e a moral são mais do que palavras em papel e não podem ser confinadas aos limites das declarações de um indivíduo falando de forma [ex cathedra](#) em determinado momento e em outro momento não. A fé e a moral são o testemunho sumário de toda a vida, conforme o ensinamento de Cristo, “pelos seus frutos os conhecereis” (Mateus 7:16). Nessa base, **absolutamente ninguém possui a fé e a moral perfeitas, exceto o próprio Deus – Cristo.** Portanto, nosso único modelo a seguir e autoridade de ensino deve ser Jesus Cristo, não meros seres humanos que são insuficientemente melhores do que nós mesmos.

Independentemente da perspectiva protestante ou católica, é incontestável o crédito de Tyndale e outros reformadores por termos o luxuoso privilégio de ler a Palavra de Deus por nós mesmos. A vida de Tyndale e as vidas daqueles milhares de outros que foram queimados ou desmembrados por ensinar e traduzir a Bíblia para suas linguagens nativas foram o preço alto que foi pago para permitir que nós possamos possuir uma Bíblia na linguagem e tradução de nossa escolha.

10. LEI PÚBLICA 97-280

Nós devemos viver nossas vidas como se Cristo estivesse vindo nesta tarde. (*Jimmy Carter*).

Eu fui humilhado ao aprender que Deus enviou seu Filho para morrer por um pecador como eu. (*George W. Bush*).

Consideramos essas verdades como evidentes por si mesmas; que todos os homens são criados iguais; que são dotados pelo criador com certos direitos inalienáveis; que entre estes são a vida, a liberdade e a busca da felicidade. (*Thomas Jefferson, declaração da independência americana, 4 de julho de 1776*).

Eu retribuo suas gentis orações por proteção e bênçãos do Pai e Criador comum do homem. (*Thomas Jefferson, ao encerrar sua carta aos batistas de Danbury*).

Não se pode enfatizar com muita força ou frequência que esta grande nação [Estados Unidos] foi fundada não por religiosos, mas por cristãos, não por religiões, mas pelo evangelho de Jesus Cristo. (*Patrick Henry*).

Os direitos do homem não vêm da generosidade do estado, mas da mão de Deus. (*John F. Kennedy, discurso inaugural*).

Nós acreditamos que todos os homens foram criados iguais, porque eles são criados na imagem de Deus. (*Harry S. Truman, discurso inaugural*).

Nosso governo foi fundado sobre religião. É dessa fonte que derivamos nossa reverência pela verdade e justiça, pela igualdade e liberdade, e pelos direitos da humanidade. (*Calvin Coolidge*).

A declaração de independência americana tem mais referências a Deus do que os dez mandamentos. O discurso inaugural de George Washington e os documentos federalistas têm, talvez, mais referências a Deus do que o Sermão do Monte de Jesus.

No entanto, algumas pessoas persistem em ler a carta pessoal de Thomas Jefferson aos Batistas de Danbury como uma lei que proíbe o reconhecimento cristão de Deus. Em clara refutação dessa noção, esse projeto de lei de 1982 foi corrigido e assinado por democratas e republicanos do 97º Congresso e assinado por lei pelo presidente dos Estados Unidos.

Introduzido como Resolução Conjunta do Senado 165, com trinta e três copatrocinadores, e como resolução conjunta da Câmara 487 com 219 copatrocinadores, um pedido foi entregue diante do congresso para honrar a Bíblia como Sagradas Escrituras. A resolução não sofreu adições, nem exclusões, nem exigências para que seja atingida por referências religiosas. Tornou-se lei.

O 97º Congresso dos Estados Unidos publicamente declarou 1983 o “Ano da Bíblia” nacional. O documento bipartidário, conhecido como Lei Pública 97-280, foi assinado em 4 de outubro de 1982 pelo presidente da câmara Thomas P. O’Neill, pelo presidente *pro tempore* do senado Strom Thurmond, e pelo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. Ele diz o seguinte:

CONSIDERANDO que a Bíblia, a Palavra de Deus, fez uma contribuição única para moldar os Estados Unidos como uma distinta e abençoada nação e povo;

CONSIDERANDO que as convicções religiosas profundas que surgiram das Sagradas Escrituras levaram ao primitivo estabelecimento de nossa Nação;

CONSIDERANDO que os ensinamentos bíblicos inspiraram conceitos de governo civil que estão contidos na nossa Declaração de Independência e na Constituição dos Estados Unidos;

CONSIDERANDO que muitos de nossos grandes líderes nacionais – entre eles os presidentes Washington, Jackson, Lincoln e Wilson – prestaram homenagem à influência insuperável da Bíblia no desenvolvimento de nosso país, como nas palavras do presidente Jackson de que a Bíblia é “a rocha em que repousa a nossa república”;

CONSIDERANDO que a história de nossa Nação ilustra claramente o valor de aplicar voluntariamente os ensinamentos das Escrituras na vida de indivíduos, famílias e sociedades; CONSIDERANDO que esta Nação agora enfrenta grandes desafios que testarão esta Nação de forma que nunca foi testada antes; e

CONSIDERANDO que a renovação do nosso conhecimento e fé em Deus através da Sagrada Escritura pode nos fortalecer como uma nação e um povo: AGORA, PORTANTO, seja

Resolvido pelo Senado e Câmara dos Deputados dos Estados Unidos da América no Congresso reunido, que o Presidente é autorizado e solicitado a designar 1983 como “Ano da Bíblia” nacional, em reconhecimento tanto da influência formativa que a Bíblia tem sido para a nossa Nação quanto da nossa necessidade nacional de estudar e aplicar os ensinamentos das Sagradas Escrituras [39].

11. REFERÊNCIAS

[1] Adaptado de *Provethe bible.net/T1/History.htm*, acessado em 01/2023. [Retornar](#).

[2] *Starr, Chester G., “A History of the Ancient World”, Oxford Univ Press, NY, 1974, p. 622.* [Retornar](#).

[3] *Flannery, Austin, O. P. Gen. Ed, “Vatican Council II: The Conciliar and Post Conciliar Documents”, New Revised Edition, 1992, Vol. 1, Costello Pub. Co., Northport, NY, 1992, p. 13.* [Retornar](#).

[4] *Flannery, Austin, O. P. Gen. Ed, “Vatican Council II: The Conciliar and Post Conciliar Documents”, New Revised Edition, 1992, Vol. 1, Costello Pub. Co., Northport, NY, 1992, p. 13, 430-435.* [Retornar](#).

[5] *Keating, Karl, “Catholicism and Fundamentalism”, Ignatius Press, San Francisco, 1988, p. 215.* [Retornar](#).

[6] *Keating, Karl, “Catholicism and Fundamentalism”, Ignatius Press, San Francisco, 1988, p. 125.* [Retornar](#).

[7] *Keating, Karl, “Catholicism and Fundamentalism”, Ignatius Press, San Francisco, 1988, p. 126.* [Retornar](#).

- [8] Flannery, Austin, O. P. Gen. Ed, "Vatican Council II: The Conciliar and Post Conciliar Documents", New Revised Edition, 1992, Vol. 1, Costello Pub. Co., Northport, NY, 1992, p. 272. [Retornar](#).
- [9] Keating, Karl, "Catholicism and Fundamentalism", Ignatius Press, San Francisco, 1988, pp. 125-126, citando Newman, John Henry, "Discussions and Arguments on Various Subjects", London 1891, p. 366. [Retornar](#).
- [10] Berkof, Louis, "Principles of Biblical Interpretation", Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1950, p. 23. [Retornar](#).
- [11] Keating, Karl, "Catholicism and Fundamentalism", Ignatius Press, San Francisco, 1988, p. 217, citando Rumble, Leslie & Carty, Charles M., "Radio Replies", TAN Books, Rockford, IL 1979, 3:95. [Retornar](#).
- [12] Pernoud, Regine, ed., "The Crusades", traduzido por McLeod, Enid, G. P. Putnum's Sons, New York, 1962, pp. 23-24. [Retornar](#).
- [13] Runciman, Steven, "A History of the Crusades Vol. III: The Kingdom of Acre and the Later Crusades", Cambridge Univ. Press, London, 1954, p. 5. [Retornar](#).
- [14] Lea, Henry Charles, "The Inquisition of the Middle Ages: Its Organization and Operation", Citadel Press, New York, 1954, p. 77, 118. [Retornar](#).
- [15] Lea, Henry Charles, "The Inquisition of the Middle Ages: Its Organization and Operation", Citadel Press, New York, 1954, pp. 232-235. [Retornar](#).
- [16] Pernoud, Regine, ed., "The Crusades", traduzido por McLeod, Enid G. P., Putnum's Sons, New York, 1962, pp. 23-24. [Retornar](#).
- [17] Answering-islam.org/Authors/Arlandson/index.htm, acessado em 08/2017. [Retornar](#).
- [18] Americanthinker.com, acessado em 08/2017. [Retornar](#).
- [19] Aslan, Reza, "No god but God", p. 33. [Retornar](#).
- [20] Thereligionofpeace.com; Thereligionofpeace.com/attacks-2010.htm; Thereligionofpeace.com/attacks-2009.htm; Thereligionofpeace.com/attacks-2008.htm; Thereligionofpeace.com/attacks-2007.htm; Thereligionofpeace.com/attacks-2006.htm; Thereligionofpeace.com/attacks-2005.htm; Thereligionofpeace.com/attacks-2004.htm; Thereligionofpeace.com/attacks-2001-2003.htm; Lindasog.com/public/terrorvictims.htm (jihad contra Israel); Memri.org/bin/articles.cgi?Page=subjects&Area=jihad&ID=SP126306 (guia de instruções islâmicas sobre como rastrear e matar ocidentais); acessados em 2011. [Retornar](#).
- [21] Pernoud, Regine (ed.), "The Crusades", translated by Enid McLeod, G.P. Putnum's Sons, New York, 1962, pp. 23-24. [Retornar](#).
- [22] Lea, Henry Charles, "The Inquisition of the Middle Ages: Its Organization and Operation", Citadel Press, New York, 1954, p. 77, 118. [Retornar](#).
- [23] Foxe, John, "Foxe's Christian Martyrs of the World", Barbour and Co., 1985 Reprint (1563), pp. 93-94. [Retornar](#).
- [24] Foxe, John, "Foxe's Christian Martyrs of the World", Barbour and Co., 1985 Reprint (1563), p. 28. [Retornar](#).
- [25] Lea, Henry Charles, "The Inquisition of the Middle Ages: Its Organization and Operation", Citadel Press, New York, 1954, p. 67. [Retornar](#).
- [26] Lea, Henry Charles, "The Inquisition of the Middle Ages: Its Organization and Operation", Citadel Press, New York, 1954, p. 120. [Retornar](#).
- [27] Lea, Henry Charles, "The Inquisition of the Middle Ages: Its Organization and Operation", Citadel Press, New York, 1954, p. 170. [Retornar](#).

- [28] Lea, Henry Charles, *"The Inquisition of the Middle Ages: Its Organization and Operation"*, Citadel Press, New York, 1954, p. 254. [Retornar](#).
- [29] Bainton, Roland H., *"Women of the Reformation in France and England"*, Augsburg Publ. House, Minneapolis, MN, 1973, p. 26. [Retornar](#).
- [30] Foxe, John, *"Foxe's Christian Martyrs of the World"*, Barbour and Co., 1985 Reprint (1563), p. 187. [Retornar](#).
- [31] Lea, Henry Charles, *"The Inquisition of the Middle Ages: Its Organization and Operation"*, Citadel Press, New York, 1954, p. 25. [Retornar](#).
- [32] Foxe, John, *"Foxe's Christian Martyrs of the World"*, Barbour and Co., 1985 Reprint (1563), pp. 31-32. [Retornar](#).
- [33] Bainton, Roland H., *"Women of the Reformation in France and England"*, Augsburg Publ. House, Minneapolis, MN, 1973, p. 30. [Retornar](#).
- [34] Bainton, Roland H., *"Women of the Reformation in France and England"*, Augsburg Publ. House, Minneapolis, MN, 1973, pp. 219-220. [Retornar](#).
- [35] Foxe, John, *"Foxe's Christian Martyrs of the World"*, Barbour and Co., 1985 Reprint (1563), p. 46. [Retornar](#).
- [36] Foxe, John, *"Foxe's Christian Martyrs of the World"*, Barbour and Co., 1985 Reprint (1563), p. 46. [Retornar](#).
- [37] Foxe, John, *"Foxe's Christian Martyrs of the World"*, Barbour and Co., 1985 Reprint (1563), p. 43. [Retornar](#).
- [38] Berkof, Louis, *"Principles of Biblical Interpretation"*, Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1950, p. 23. [Retornar](#).
- [39] Reimpresso de Federer, William J., *"America's God and Country: Encyclopedia of Quotations"*, FAME Publishing, Inc., Coppell, TX, 1994, pp. 709-710. [Retornar](#).